

 **Universidade do Porto**

Faculdade de Ciências do
Desporto e de Educação Física

ANÁLISE DA ESTRUTURA OFENSIVA DA SELECÇÃO DE BASQUETEBOL DE PORTUGAL DE JUNIORES MASCULINOS

Estudo Descritivo e Comparativo com os Três Primeiros
Classificados Participantes no Mundial de 1999

Jorge Alberto Pereira Guedes
Firas Fernandes

M
o de 2002



UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**ANÁLISE DA ESTRUTURA OFENSIVA DA SELECÇÃO DE BASQUETEBOL
DE PORTUGAL DE JUNIORES MASCULINOS
Estudo Descritivo e Comparativo com os Três Primeiros Classificados
Participantes no Mundial de 1999**

Dissertação apresentada com
vista à obtenção do grau de
Mestre em Ciências do
Desporto, área de
especialização em Treino de Alto
Rendimento Desportivo.

Orientador: *Professor Doutor Fernando Tavares*

Jorge Alberto Pereira Guedes Eiras Fernandes

Outubro de 2002

Fernandes, J. A. (2002). Análise da Estrutura Ofensiva da Selecção de Basquetebol de Portugal de Juniores Masculinos - Estudo Descritivo e Comparativo com os Três Primeiros Classificados Participantes no Mundial de 1999. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: PORTUGAL; ESTRUTURA OFENSIVA; EFICÁCIA;

À minha Mãe...

«Agradecimentos»

Todo este processo de formação implicou esforços e frustrações que excederam todas as expectativas.

Apesar do carácter individual de que se reveste um estudo deste tipo, a sua concretização implica estímulos e colaboração, sem os quais se tornaria muito difícil a concretização desta tarefa.

Gostaria, assim, de expressar a minha gratidão a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que esta tarefa se tornasse realidade. Não poderia deixar de realçar os seguintes agradecimentos:

- Ao Professor Doutor Fernando Tavares, pela preciosa orientação, disponibilidade, estímulo e paciência;
- Ao Professor Doutor Amândio Graça, pelo seu interesse, ajuda e constante simpatia;
- Ao Professor Doutor Manuel António Janeira, pela sua orientação e disponibilidade;
- Ao Mestre Eurico Brandão, pela preciosa ajuda, disponibilidade e amizade, sempre presente ao longo dos anos;
- À Mestre Susana Soares, pela amizade, disponibilidade e simplicidade presente ao longo destes dois anos;
- Ao Doutor Lucídio Santos, pela sua ajuda, cooperação e motivação;
- Ao Professor Doutor Fernando Guimarães, pela sua enorme disponibilidade, auxílio prestado nos procedimentos Estatísticos e simpatia;
- À menina Ana Paula, pela constante simpatia e disponibilidade;
- Ao Marinho, por todo o tempo dispendido;
- À Federação Portuguesa de Basquetebol, pela disponibilidade dos meios solicitados;
- Ao Carlos Eduardo Gonçalves, verdadeiro mestre do Basquetebol e um grande amigo;

- A todos os Atletas que treinei;
- A todos os colegas de Mestrado, pela amizade e companheirismo;
- Ao Rui Pacheco e ao Miguel Madureira, pela motivação e ajuda nos momentos mais difíceis;
- Ao Siqueira, pelo seu companheirismo e amizade;
- Ao Tózinho, colega de curso, por ter posto à disposição alguns meios de consulta;
- Ao Jorge Martins, pelos mesmos motivos, esperando que um dia acabe aquilo que começou;
- À Andreia, por ter contribuído, de certa forma, para eu chegar até aqui;
- Ao colega Joaquim Fontoura, por se ter revelado;
- A todos os meus amigos, sem exceção, que, de uma forma ou outra, me auxiliaram a superar as maiores dificuldades;
- Aos meus Sogros, pela ajuda prestada ao longo destes anos;
- À minha tia Milau, pois, sem o seu Amor, hoje não seria a mesma pessoa;
- À minha Mãe e aos meus Irmãos, por tudo aquilo que lhes devo;
- À Leninha, pelo seu amor, pela imparcialidade e, sobretudo, pela sensibilidade crítica, assim como pela preciosa e indispensável ajuda, sem a qual não teria sido possível terminar este longo e penoso caminho. Este trabalho também é seu.

Índice geral

	Pág.
I. INTRODUÇÃO	1
1.1. Âmbito e Pertinência do Estudo	2
1.2. Objectivos	5
1.2.1. Objectivo Geral	5
1.2.2. Objectivos Específicos	6
1.3. Hipóteses do Estudo	6
1.3.1. Hipótese Geral	6
1.3.2. Hipóteses Específicas	7
1.4. Estrutura do trabalho	7
II. REVISÃO DA LITERATURA	9
2.1. Basquetebol Português – Enquadramento Histórico	10
2.2. Contributos para a Definição de um Modelo de Jogo das Equipas Portuguesas	15
2.2. I – O Ataque segundo Conceitos	19
2.2. II – Princípios do Ataque	20
2.3. Modelo de Jogador existente vs. Modelo de Jogador pretendido	21
2.4. Observação e Análise do Jogo	28
2.5. A Investigação em Basquetebol	30
2.5.1. Delimitação Conceptual e Terminológica das Estruturas de Análise em Basquetebol	30
2.5.1.1. Estudos realizados no âmbito da “Observação do Jogo”	31
2.5.2. Estudos dos Indicadores Técnico-Tácticos na discriminação do sucesso em Basquetebol	32

III. METODOLOGIA	47
3.1. Caracterização da Amostra	48
3.2. Recolha e Tratamento das Imagens	49
3.3. Explicitação das Variáveis	50
3.4. Definição das Zonas de Obtenção da Posse de bola e das Zonas de Finalização	52
3.4.1. Formas de Recuperação da Posse de Bola	53
3.4.2. Coeficiente de Eficácia Ofensiva (CEO)	53
3.5. Definição dos Conceitos das Fases do Ataque	54
3.5.1. Contra-ataque (CA)	55
3.5.1.1. Contra-ataque em Inferioridade Numérica (CAinf)	55
3.5.2. Ataque Rápido (AR)	55
3.5.3. Ataque de Posição ou Ataque Posicional (AP)	56
3.6. Categorias de Observação	56
3.7. Definição dos Intervalos de Tempo para a Duração das Sub-fases do Ataque	57
3.8. Fiabilidade da Observação	57
3.9. Procedimentos Estatísticos	59
IV. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	61
4.1. Indicadores Técnicos do Jogo	62
4.2. Métodos Ofensivos	67
4.2.1. Relação entre as diferentes Sub-fases do Ataque	67
4.2.2. Origem e consequência das Posses de Bola	71
4.2.2.1. Origens do 1CA	71
4.2.2.2. Origens do 2CA	72
4.2.2.3. Origens do CAinf.	73
4.2.2.4. Origens do AR	74
4.2.2.5. Origens do AP	75
4.2.3. Zonas de Finalização	76

4.2.3.1. Contra-Ataque	78
4.2.3.2. Ataque Rápido (AR)	79
4.2.3.3. Ataque Posição (AP)	81
4.2.4. Eficácia do Ataque	84
4.2.4.1. Consequências do 1CA	84
4.2.4.2. Consequências do 2CA	85
4.2.4.3. Consequências do CAinf.	86
4.2.4.4. Consequências do AR	87
4.2.4.5. Consequências do AP	88
4.2.5. Relação do Ataque contra Defesa HxH vs. Defesa Zona	89
4.2.6. Duração dos diferentes Métodos Ofensivos	91
4.2.6.1. Duração do CA	91
4.2.6.2. Duração do AR	93
4.2.6.3. Duração do AP	94
4.3. Estruturas Táticas Ofensivas	98
4.3.1. Frequência das formas de acção no Ataque de Posição	98
V. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	103
5.1. Análise descritiva dos Indicadores do Jogo	104
5.1.1. Média de Pontos	104
5.1.2. Lançamentos de 2 e 3 Pontos	105
5.1.3. Lançamentos Livres	107
5.1.4. Ressaltos Defensivos e Ofensivos	108
5.1.5. Roubo de Bola e Intercepções	108
5.2. Número de Posses de Bola	109
5.3. Relação entre o Contra-Ataque, Ataque Rápido e o Ataque de Posição	109
5.3.1. Contra-Ataque	111
5.3.1.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no CA	114

5.3.2. Ataque Rápido	115
5.3.2.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no AR	118
5.3.3. Ataque de Posição	118
5.3.3.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no AP	122
VI. CONCLUSÕES	129
VII. BIBLIOGRAFIA	133
VIII. ANEXOS	XXV
Anexo 1	XXVI
8.1. Ficha de Observação do Jogo para o AP HxH	XXVII
Anexo 2	XXVIII
8.2. Ficha de Observação do Jogo para o AP Zona	XXIX
Anexo 3	XXX
8.3. Ficha de Observação do Jogo para o CA	XXXI
Anexo 4	XXXII
8.4. Ficha de Observação do Jogo para o CAinf.	XXXIII
Anexo 5	XXXIV
8.5. Ficha de Observação do Jogo para o AR	XXXV

Índice

Índice de Figuras

Pág.

Fig. 1 - A interdependência dos meios e métodos de observação e análise do jogo (Garganta, 1998).	28
Fig. 2 - Evolução desejável do processo de análise nos JDC (Garganta, 1998).	29
Fig. 3 - Percentagem da conquista do ressalto defensivo (Rdef.) pelos adversários, jogadores da equipa do lançador e lançador, respectivamente (Barreto, 1995).	40
Fig. 4 - Divisão do ½ campo em 9 zonas de acordo com Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998, Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002.	52

Índice de Quadros

Quadro 1 – Indicadores de jogo (objectivos individuais) (adaptado de Araújo et al., 1997).	27
Quadro 2 – Caracterização geral da totalidade da amostra.	49
Quadro 3 – Variáveis alvo de observação e análise, relativamente a categorias de referência e Traços Organizacionais Característicos (TOC) (adaptado de Garganta, 1997).	50
Quadro 4 – Coeficiente de Eficácia Ofensiva (Situação anterior vs. Situação actual, Sampaio, 2000).	54
Quadro 5 – Intervalos de tempo para as sub-fases de ataque observadas de acordo com Barata, 1993; Oliveira, 1993; Cruz, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002.	57
Quadro 6 – Percentagem de acordos intra-observador, calculada para as variáveis em estudo.	59
Quadro 7 – Valores médios e desvio-padrão dos indicadores técnicos do jogo das Selecções de Portugal, Espanha, EUA e Croácia, relativos ao jogos observados.	62

Quadro 8 – Teste de Proporções Independentes dos métodos ofensivos em função do número de jogos de cada equipa.	68
Quadro 9 – Teste de Proporções Independentes dos métodos ofensivos (CA, AR e AP) em função do número de jogos de cada equipa.	69
Quadro 10 – Origem do 1CA e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	71
Quadro 11 – Origem do 2CA e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	72
Quadro 12 – Origem do CAinf e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	73
Quadro 13 – Origem do AR e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	74
Quadro 14 – Origem do AP e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	76
Quadro 15 – Zonas de preferência de lançamentos em valores absolutos e relativos, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	77
Quadro 16 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	78
Quadro 17 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Contra-Ataque (CA) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	79
Quadro 18 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Contra-ataque.	79
Quadro 19 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Ataque Rápido (AR) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	80
Quadro 20 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Ataque Rápido.	80
Quadro 21 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Ataque de Posição (AP) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização.	81
Quadro 22 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Ataque de Posição.	82

Quadro 23 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pela Espanha em relação às zonas de finalização.	82
Quadro 24 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pelos EUA em relação às zonas de finalização.	83
Quadro 25 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pela Croácia em relação às zonas de finalização.	83
Quadro 26 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados por Portugal em relação às zonas de finalização.	84
Quadro 27 – Número de acções de CA nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	87
Quadro 28 – Frequência total dos AP e eficácia ofensiva, consoante o tipo de defesa enfrentada e respectiva percentagem, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	91
Quadro 29 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Contra-ataque (CA).	92
Quadro 30 – Valor relativo da duração do contra-ataque (CA) em segundos, quanto aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.	92
Quadro 31 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Ataque Rápido (AR).	94
Quadro 32 – Valor relativo da duração do ataque rápido (AR) em segundos, relativos aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.	94
Quadro 33 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Ataque de Posição (AP).	95
Quadro 34 – Valor relativo da duração do ataque de posição (AP) em segundos, relativos aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.	96
Quadro 35 – Intervalos de Tempo para o AP contra defesa HxH nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	97
Quadro 36 – Intervalos de Tempo para o AP contra defesa Zona nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	98
Quadro 37 – Distribuição percentual das formas de acção realizadas no AP pelas selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	99
Quadro 38 – Valor percentual dos tipos de lançamento realizados no AP pelas Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	99

Quadro 39 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos L2p das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	100
Quadro 40 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos L3p das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	101
Quadro 41 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos Lc das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.	101

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Relação do total de estudos realizados nas áreas de observação do Jogo e do Jogador (Tavares, 2001).	31
Gráfico 2 – Valores médios de pontos das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	63
Gráfico 3 – Valor médio da %L2p das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	63
Gráfico 4 – Valor médio da %L3p das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	64
Gráfico 5 – Valor médio da %Lc das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	64
Gráfico 6 – Valor médio da %L.L. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	64
Gráfico 7 – Valor médio dos Rdef das equipas de ESP, EUA, CROA e POR	65
Gráfico 8 – Valor médio dos Rof das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	65
Gráfico 9 – Valor médio dos Des.lanç. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	65
Gráfico 10 – Valor médio dos Rb das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	66
Gráfico 11 – Valor médio das Int. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	66
Gráfico 12 – Valor médio dos TO das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	66
Gráfico 13 – Valor médio das Pb das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	66
Gráfico 14 – Valor médio do CEO das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	67
Gráfico 15 – Valor médio da % AP das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	68
Gráfico 16 – Valor médio da % CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	68

Gráfico 17 – Valor médio da % 1CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	70
Gráfico 18 – Valor médio da % 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	70
Gráfico 19 – Valor médio da % CAinf das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	70
Gráfico 20 – Valor médio da % AR das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	70
Gráfico 21 – Origem do 1CA (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	72
Gráfico 22 – Origem do 2CA (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	73
Gráfico 23 – Origem do CAinf (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	74
Gráfico 24 – Origem do AR (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	75
Gráfico 25 – Origem do AP (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	76
Gráfico 26 – Relação percentual da eficácia do 1CA nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	85
Gráfico 27 – Relação percentual entre 1CA vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	85
Gráfico 28 – Relação percentual do 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	86
Gráfico 29 – Relação percentual da eficácia do 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	86
Gráfico 30 – Relação percentual do CAinf. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	87
Gráfico 31 – Relação percentual da eficácia do CAinf. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	87
Gráfico 32 – Relação percentual da eficácia do AR nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	88
Gráfico 33 – Relação percentual entre AR vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	88
Gráfico 34 – Relação percentual da eficácia do AP nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.	89

Gráfico 35 – Relação percentual entre AP vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

89

Índice de Anexos

	Pág.
Anexo 1 – Ficha de observação do Ataque de Posição contra defesa individual.	XXVII
Anexo 2 - Ficha de observação do Ataque de Posição contra defesa zona.	XXIX
Anexo 3 - Ficha de observação do Contra-ataque.	XXXI
Anexo 4 - Ficha de observação do Contra-ataque em inferioridade numérica.	XXXIII
Anexo 5 - Ficha de observação do Ataque Rápido.	XXXV

Resumo

Objectivos: O objectivo do presente trabalho é descrever a estrutura ofensiva no jogo de Basquetebol da equipa de Portugal, e compará-lo com equipas de alto nível competitivo, participantes no Campeonato do Mundo de Juniores Masculinos, com base na análise do comportamento de variáveis técnico-táticas, desde a recuperação da posse de bola até a sua conclusão, passando pelo desenvolvimento do ataque.

Metodologia: A amostra foi constituída por quatro equipas (Portugal, Espanha, EUA e Croácia), tendo sido observados doze jogos (três por equipa) no 6º Campeonato do Mundo de Juniores de Basquetebol – 1999 e analisadas 882 sequências ofensivas.

Realizou-se uma análise dos indicadores técnico-táticos previamente considerados, sendo definidas as seguintes categorias de observação: origem e frequência do CA, do AR e do AP; duração das fases do CA, do AR e do AP; consequência e taxa de sucesso do CA, do AR e do AP; frequência das zonas de finalização do CA, do AR e do AP; e frequência e taxa de sucesso das estruturas táticas de 1x1, 2x2 e 3x3 no AP. Para a análise dos resultados, recorreu-se a procedimentos da estatística descritiva a partir do cálculo da média, desvio-padrão, frequência e percentagem, assim como da estatística não-paramétrica. Procedeu-se a uma análise da “fiabilidade” dos resultados, seguindo-se uma Análise Exploratória, assim como um Estudo Comparativo. O nível de significância foi mantido em 5%.

Resultados: Dos principais resultados obtidos por Portugal, destacamos os seguintes: (I) relativamente aos indicadores técnico-táticos, obteve uma média por jogo de 71,66 Pontos, 39,26% L2p e 0.94 de CEO, sendo estes valores muito abaixo dos dois primeiro classificados; (II) apresentou o AP (76,5%) como a sub-fase do ataque mais utilizada; (III) o CA teve origem fundamentalmente após Rb/Int. (66,53%); (IV) as zonas de finalização mais frequentes foram as Z8 e Z9 (45,3%), apresentando Portugal diferenças estatisticamente significativas em relação aos EUA, relativamente à zona de finalização Z9 em Contra-ataque; (V) apresentou o AR (52,7%) como a sub-

-fase do ataque mais eficaz, contrariamente à Espanha (63,43%) e aos EUA (74,6%), que apresentaram o CA como a sub-fase mais eficaz; (VI) o intervalo de duração mais frequente para o AP foi o compreendido entre 7 – 12 segundos (36,3%), tendo-se registado valores significativos ($p < 0,05$) entre Portugal e a Espanha no intervalo 4 – 6 segundos para o AR; (VII) a estrutura táctica mais utilizada foi o 2x2 (40,4%), contrariamente à Espanha e os EUA, que apresentaram o 1x1 como a mais utilizada (54,2% e 54,3%, respectivamente).

Conclusões: A estrutura ofensiva da equipa de Portugal caracterizou-se pela utilização preferencial do ataque de posição com uma duração breve (intervalo de 7 a 12 segundos), utilizando mais frequentemente a estrutura táctica do 2x2. Foram os roubos de bola e as intercepções que originaram com maior frequência o contra-ataque. Relativamente à finalização no ataque de posição, a Selecção Portuguesa culminou, na sua maioria, as acções ofensivas com lançamentos próximos do cesto, não havendo uma diferenciação entre as zonas Z8 e Z9, mas com uma taxa de sucesso bastante fraca (33,2%).

PALAVRAS-CHAVE: PORTUGAL; ESTRUTURA OFENSIVA; EFICÁCIA.

Abstract

Objectives: The aim of the present study is to describe the attack patterns in the Basketball game of Portugal team and compare it to those of other high competitive level teams which took part in the World Championship of Male Juniors. It is based upon the behavioural analysis of the technical and tactical variables detected from the moment the ball is regained to the outcome of the attack, going throughout the offensive stage.

Method: The sample comprises four teams (Portugal, Spain, USA and Croatia), having 12 games been observed (3 per team) in the 6th World Basketball Championship of Male Juniors –1999, that took place in Portugal, and 882 offensive sequences been analysed.

An analysis of the previously considered technical and tactical gauges has been carried out, defining the following observation categories: origin and frequency of the counter-attack, of the fast attack and of the position attack; duration of the counter-attack, fast attack and position attack stages; consequence and success rate of the counter-attack, fast attack and position attack; frequency of the conclusion areas of the counter-attack, of the fast attack and of the position attack; and frequency and success rate of the tactical structure of 1x1, 2x2 and 3x3 in the position attack. To analyse the results, we have followed descriptive statistic procedures based upon the estimate of the average, standard - deviation, frequency and percentage, as well as non - parameter statistics. An analysis of warrancy of the results has been carried out, followed by an Exploratory Analysis as well as by a Comparative Study. The significance level was kept at the 5%.

Results: From the most relevant results Portugal achieved, we stress a few, as follows: (I) concerning the technical-tactical indicators, per game, Portugal has achieved an average of 71,66 Points, 39,26% of 2 point throws and 0.94 as the ratio of offensive efficiency, values below those of the teams with better final standings; (II) the position attack was the attack sub-phase Portugal team used the most (76,5%); (III) the counter-attack was mainly originated after having stolen/intercepted the ball (66,53%); (IV) the most frequent conclusion areas

were Zone 8 and Zone 9 (45,3%), having Portugal presented statistically signifying differences when compared to the USA as regards the conclusion area Z9 in Counter-Attack situation; (V) the attack sub-phase in which Portugal registered better performance levels was the fast attack (52,7%), whereas Spain and the USA were most effective at the counter-attack (63,43% and 74,6%, accordingly); (VI) the most frequent duration break for the position attack was the one from 7 to 12 seconds (36,3%), having we detected signifying values ($p < 0,05$) between Portugal and Spain as far as the 4-6 second break in the fast attack is concerned; (VII) Portugal used the 2x2 tactics the most (40,4%), whereas Spain and the USA preferred the 1x1 one (54,2% and 54,3%, accordingly).

Conclusions: Portugal team made use of an offensive pattern characterised by a great emphasis on a brief position attack (within the duration of 7 – 12 seconds) and on the 2x2 tactical structure. It were the ball thefts and interceptions that more frequently originated the counter-attack. As far as the conclusion of the position attack is concerned, the Portugal Selection team ended most of its offensive actions with throws taking place near the basket, showing a weak distinction between Zone 8 and Zone 9 and achieving a low success rate (33,2%).

KEY-WORDS: PORTUGAL; OFFENSIVE PATTERN; EFFICIENCY.

Résumé

Objectifs: Le but de ce travail c'est de décrire la structure offensive dans le jeu de basket-ball de l'équipe portugaise et le comparer avec les équipes d'haut niveau compétitif, participantes au Championnat du Monde des Juniors Masculins, basé dans l'analyse du comportement des variables techno-tactiques, depuis la récupération de la possession du ballon, en passant par le développement de l'attaque, jusqu'à sa conclusion.

Méthodologie: L'échantillon a été constitué de quatre équipes (Portugal, Espagne, États-Unis et Croatie), douze jeux (trois par équipe) ont été observés pendant le 6^{ème} Championnat du Monde de Juniors de Basket-ball – 1999, étant analysées 882 séquences offensives. On a réalisé une analyse des indicateurs techno-tactiques préalablement considérés, on a défini les catégories d'observation suivantes : l'origine et la fréquence du Contre - Attaque (CA), de l'Attaque Rapide (AR) et de l'Attaque de Position (AP); la durée des phases du CA, de AR et AP; la conséquence et le degré de succès des structures tactiques de 1x1, 2x2 et 3x3 dans le AP. Pour l'analyse des résultats on a recours à une conduite statistique descriptive à partir du calcul de la moyenne, de la déviation standard, de la fréquence et du pourcentage, ainsi que des Tests de Statistique Non-Paramétrique. On a procédé à une analyse de «fiabilité» des résultats, en suivant une Analyse Exploratoire, aussi qu'une étude comparative. Le niveau de signifiante a été maintenu en 5% (pour cent).

Résultats: Des principaux résultats obtenus par Portugal, on fait référence aux suivants : (I) en ce qui concerne les indicateurs techno-tactiques, l'équipe a obtenu une moyenne par jeu de 71,66 Points, 39,36% % de tirs de deux points (%L2p) et 0.94 de Coefficient d'Efficace Offensive (CEO), puisque ces valeurs sont très inférieures aux des deux premiers classés; (II) a présenté le AP (76,5%) comme la sous-phase de l'attaque la plus utilisée; (III) le CA a eu l'origine fondamentalement après Vols/Interceptions (66,53%); (IV) les zones de finalisation les plus fréquentes ont été les Z8 et Z9 (45,3%), ayant Portugal présenté différences statistiquement significatives par rapport les EUA en ce qui concerne la zone de finalisation Z9 en Contre-Attaque; (V) a présenté le AR

(52,7%) comme la sous-phase la plus efficace; (VI) l'intervalle de duration le plus fréquent pour le AP a été le compris entre les 7 et 12 seconds (36,3%), en se vérifiant des valeurs significatives ($p < 0,05$) entre le Portugal et l'Espagne dans l'intervalle de 4 et 6 seconds pour l'Attaque Rapide; (VII) la structure tactique la plus utilisée a été le 2x2 (40,4%), contrairement à l'Espagne et aux États-Unis qui ont présenté le 1x1 comme la plus utilisée (54,2% et 54,3%, respectivement).

Conclusions: La structure offensive de l'équipe du Portugal s'est caractérisée par l'utilisation préférencielle de l'attaque de position avec une durabilité courte (intervalle de 7 à 12 secondes), en utilisant plus fréquemment la structure tactique de 2x2. C'étaient les « vols de ballon » et les interceptions qui ont provoqué, avec une plus grande fréquence, le contre-attaque. Par rapport à la finalisation dans l'attaque de position, la sélection portugaise a culminé pour la plupart les actions offensives avec des tirs près du basket, n'ayant pas une différenciation entre les zones Z8 et Z9, mais avec un degré de succès assez faible (33,2%).

MOTS-CLEFS: PORTUGAL; STRUCTURE OFFENSIVE; EFFICACE.

Codificação de Abreviaturas:

- (%L2p)** - Percentagem de Lançamento 2 pontos
- (%L3p)** - Percentagem de Lançamento 3 pontos
- (%Lc)** - Percentagem de Lançamentos de campo
- (1CA)** - 1º Contra-ataque
- (2CA)** - 2º Contra-ataque
- (AAR)** - Área de aquisição ou recuperação da bola
- (Acsof)** - Após cesto sofrido
- (AJ)** - Análise do Jogo
- (AP)** – Ataque de Posição
- (AR)** - Ataque Rápido
- (Ass.)** – Assistências
- (CA)** – Contra-ataque
- (CEO)** - Coeficiente de eficácia ofensiva
- (CROA)** - Croácia
- (Des.lanç.)** - Desarme lançamento
- (E)** - Eficácia ofensiva absoluta e relativa
- (ESP)** - Espanha
- (EUA)** - Estados Unidos da América
- (FCDEF)** - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física
- (FPB)** - Federação Portuguesa de Basquetebol
- (FRB)** - Formas de recuperação da posse de bola
- (Int.)** - Intercepção
- (JDC)** - Jogos Desportivos Colectivos
- (L.2p.c.)** - Lançamento 2 pontos convertido
- (L.2p.t.)** - Lançamento 2 pontos tentado
- (L.3p.c.)** - Lançamento 3 pontos convertido
- (L.3p.t.)** - Lançamento 3 pontos tentado
- (L.fin.)** - Linha final
- (L.L.)** - Lance Livre
- (L.L.c.)** - Lance Livre convertido

(L.L.t.) - Lance Livre tentado
(L.lat.) - Linha lateral
(L2p) - Lançamento 2 pontos
(L3p) - Lançamento 3 pontos
(Lc) - Lançamento de campo
(MJO) - Método de jogo ofensivo
(OS) - Outras situações
(PB) - Posse de bola
(Pm) - Pontos marcados
(POR) - Portugal
(Rb) - Roubo bola
(Rdef) - Ressalto defensivo
(Rof) - Ressalto ofensivo
(S) - Sequência ofensiva
(Sr) - Resultado da sequência
(TO) - *Turnover*
(TOC) - Traços Organizacionais Característicos
(TRA) - Tempo de realização do ataque

I – INTRODUÇÃO

I – INTRODUÇÃO

1.1. Âmbito e Pertinência do Estudo

Num mundo de vivências marcadas pela competitividade a todos os níveis, o Desporto não podia alhear-se desta faceta de competição. De facto, cada vez mais assistimos a uma preparação de crianças, desde a mais tenra idade, para uma vida desportiva com cariz de alta competição. O processo de treino desportivo visa mais que nunca a *performance* dos seus atletas, norteando-se este, indubitavelmente, pelas exigências do treino de alto rendimento.

Marques e Oliveira (2002), citando Bauersfeld (1991), referem que uma das tendências verificadas com o aumento da importância social do desporto de crianças e jovens em todo o mundo foi o desenvolvimento de sistemas nacionais de competição e o aperfeiçoamento das competições internacionais em escalões jovens. Os mesmos autores consideram que o envolvimento de jovens atletas em processos de treino especializados e intensos, tendo em vista a obtenção de *rendimentos* elevados e a participação em competições de elevado nível, tem sido alvo de estudo entre a comunidade ligada às Ciências do Desporto.

Se, por um lado, hoje em dia, se levantam questões relativamente à formação dos jovens atletas (iniciação e especialização precoce), é por demais evidente que o nível de *rendimento* exigido obriga a um trabalho árduo, requerendo uma iniciação atempada e contínua, pois, caso isso não se verifique, poderão ficar hipotecadas todas as expectativas relativamente ao nível de *performance* alcançado.

Qual, então, a este nível, o trabalho de formação desenvolvido com os nossos jovens jogadores? Relativamente ao Basquetebol nacional, quais os resultados alcançados pelas nossas equipas? Que desempenho competitivo alcançamos com as nossas selecções?

Neste âmbito, vários trabalhos têm sido apresentados sobre a prestação das diferentes Selecções Nacionais de Basquetebol (Araújo, 1977; Araújo,

1979; Gonçalves, 1980; Barroca et al., 1983; Adelino et al., 1986; Lima, 1986; Gonçalves, 1989; Adelino, 1990; Salgueiro, 1995; Lima, 1996; Araújo et al., 1997), revelando, de um modo geral, que estas denotam uma fraca prestação competitiva, apresentando lacunas relativamente aos aspectos da estatura e do peso, assim como da condição atlética dos jogadores (velocidade, resistência, força, potência muscular, etc.). Não obstante as melhorias apresentadas em termos técnico-tácticos, apresentam ainda muitas lacunas ao nível do controlo e leitura do jogo, da capacidade de jogar ofensivamente sem bola e da eficiência ofensiva.

Apesar da melhoria a que assistimos a nível internacional (clubes e Selecções) do nosso Basquetebol, não podemos ainda verificar um enquadramento das nossas equipas e Selecções em termos de referência internacional, pois a inconstância de resultados a isso nos obriga; se, por um lado, alcançamos alguns resultados dignos de referência em termos competitivos, já por outro, os decorrentes de alguns confrontos com equipas, supostamente do nosso nível competitivo, criam-nos incertezas a respeito do nosso estado de desenvolvimento competitivo (o não apuramento para fases seguintes e/ou finais é disso constatação).

Cabendo a Portugal a responsabilidade de organização e consequente participação no 6º Campeonato Mundial de Juniores Masculinos 99, a Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB) encetou um longo caminho com vista à sua participação nesta prova ao mais alto nível. De salientar o grande investimento financeiro e humano envolvido, tendo sido efectuado um trabalho de três anos com os nossos melhores jovens praticantes, socorrido da intervenção de alguns dos nossos melhores técnicos na área da formação e com maior experiência em termos de selecções e competições internacionais.

Pese embora o investimento realizado, e não obstante a melhoria do nível de conhecimentos dos treinadores relativamente ao processo de treino, os resultados obtidos pela Selecção de Portugal no referido campeonato parece-nos terem ficado aquém das expectativas. Qual, então, a razão de as nossas equipas não conseguirem resultados mais consistentes no confronto directo com outras oriundas de um Basquetebol mais evoluído?

Por que razão é que, decorridas décadas de participações em competições internacionais, parece continuarmos na cauda do pelotão?

Será que os investimentos na área do desporto em geral, e do Basquetebol em particular, não alcançaram a dimensão desejável, com vista a um enquadramento sustentável na área da formação dos jovens jogadores?

Será que todo o trabalho desenvolvido até hoje, quer quantitativamente, quer qualitativamente, se está a fazer num ritmo mais lento, comparativamente ao Basquetebol da generalidade dos países com que nos defrontamos?

Será que, e citando Araújo (1979) (pág. 1), (...) havia (e há) até quem afirmasse mesmo que, “pois é, o basquetebol está a trabalhar muito bem, muitos planos, muitos cursos, mas quanto a resultados, não se vê nada!!”?

A resposta a estas questões passa, forçosamente, pela análise de competições já efectuadas. Sampaio (2000) refere que, “actualmente, a ideia de que a *performance* se expressa ao nível do jogo é clara e tem feito emergir a necessidade de analisar as competições e de associar este conhecimento ao sucesso desportivo, i.e., ao desfecho final das competições (vitória/derrota). De facto, o esclarecimento desta questão constitui-se como o fulcro da arquitectura mais actual da investigação em Basquetebol”.

Gonçalves, já em 1989, na qualidade de Seleccionador Nacional de Juniores Masculinos, apresentava uma possível resposta para a questão atrás colocada (qual, então, a razão de as nossas equipas não conseguirem resultados mais consistentes no confronto directo com outras oriundas de um Basquetebol mais evoluído?) ao referir que, e passo a citar (pág. 6) (...) “a formação de jogadores, embora sem marcar passo, não acompanha o ritmo do progresso de outros países. Sou da opinião que o *calcanhar de Aquiles* do nosso trabalho é o ensino do ataque”.

A este respeito, vários treinadores portugueses (Araújo, 1977; Gonçalves, 1989; Lima, 1996; Araújo et al., 1997), assim como alguns treinadores estrangeiros (Block, 1977, Zeravica, 1996; Heger, 1997), são da opinião que uma das principais razões para esse resultado se prende ao facto das equipas portuguesas evidenciarem várias carências ao nível do processo ofensivo. Sendo a vitória determinada pela maior concretização de pontos face

à equipa adversária, consideramos de extrema importância a análise do modelo de jogo ofensivo.

Neste sentido, bem como perante os resultados obtidos pelas nossas Selecções em anos transactos, surge a pertinência deste trabalho, elaborado com base na observação e análise do 6º Campeonato Mundial de Juniores Masculinos 99, e subordinado ao principal propósito de identificar os diferentes aspectos configuradores do modelo de jogo ofensivo mais eficaz, tendo em conta as variáveis técnico-táticas qualitativas e quantitativas, permitindo comparar Portugal (POR) (último classificado) com os três primeiros classificados, Espanha (ESP), Estados Unidos da América (EUA) e Croácia (CROA), aqui enumerados de acordo com a posição alcançada neste Mundial.

Assim, através da modelação do jogo, poderemos aceder a um conhecimento sustentado que nos permita intervir ao nível do treino e da competição, estabelecer e reformular objectivos, avaliar e nortear toda a actividade dos jogadores e equipas (Adelino, 1987; Pinto e Garganta, 1989).

1.2. Objectivos

Os objectivos do presente estudo, de natureza descritiva, partindo da observação do 6º Campeonato Mundial de Juniores Masculinos 99, são os seguintes:

1.2.1. Objectivo Geral

O objectivo geral do trabalho é descrever a estrutura ofensiva no jogo de Basquetebol da equipa de Portugal, e compará-lo com equipas de alto nível competitivo, participantes no Campeonato do Mundo de Juniores Masculinos, com base na análise do comportamento de variáveis técnico-táticas, desde a recuperação da posse de bola, passando pelo desenvolvimento do ataque, até a sua conclusão.

1.2.2. Objectivos Específicos

1. Descrever as origens das posses de bola de Portugal, Espanha, EUA e Croácia;
2. Descrever os métodos de jogo ofensivo utilizados por Portugal, Espanha, EUA e Croácia;
3. Verificar a eficácia de finalização dos ataques de Portugal, Espanha, EUA e Croácia;
4. Determinar a duração das diferentes sub-fases do ataque de Portugal, Espanha, EUA e Croácia;
5. Descrever a frequência das estruturas tácticas do 1x1, 2x2 e 3x3 de Portugal, Espanha, EUA e Croácia; e
6. Determinar as zonas de finalização de acordo com as diferentes sub-fases do ataque e sua eficácia contra defesa individual e defesa zona de Portugal, Espanha, EUA e Croácia.

1.3. Hipóteses

De acordo com este conjunto de objectivos, formularam-se as seguintes hipóteses:

1.3.1. Hipótese Geral

A equipa de Portugal distingue-se das de melhor nível de prática por apresentar um método de jogo ofensivo baseado no contra-ataque (CA) e um ataque de posição (AP) de curta duração e de fraca taxa de sucesso de finalização.

1.3.2. Hipóteses Específicas

Hip. 1 – o contra-ataque tem a sua origem mais frequente no Ressalto Defensivo, sendo a sub-fase do ataque mais eficaz;

Hip. 2 – o ataque de posição contra defesa homem-a-homem tem uma duração mais elevada que contra defesa zona;

Hip. 3 – o ataque contra defesa homem-a-homem é mais eficaz do que contra defesa zona;

Hip. 4 – os lançamentos são efectuados em zonas próximas do cesto, com taxas de sucesso elevadas.

1.4. Estrutura do trabalho

O presente estudo foi estruturado da seguinte forma:

- **Capítulo I**

Introduz o ambiente em que se desenvolve o estudo, assim como as preocupações inerentes à realização do mesmo.

- **Capítulo II**

Apresenta a revisão da literatura mais relevante, assente num quadro teórico e numa linha condutora das tendências evolutivas da modalidade.

- **Capítulo III**

Este capítulo descreve a estrutura da amostra, a metodologia e os procedimentos utilizados na realização deste trabalho.

- **Capítulo IV**

Neste capítulo procedeu-se à apresentação dos resultados após análise estatística dos dados, procurando estabelecer-se diferenças e paralelismos entre as Selecções observadas.

- **Capítulo V**

Os resultados obtidos são analisados detalhadamente, procedendo-se a uma comparação com outros dados referenciais, procurando estabelecer causalidades e dependências nas suas relações.

- **Capítulo VI**

Apresentação das principais conclusões deste estudo.

O estudo encerra com as Referências Bibliográficas utilizadas e com os Anexos do trabalho.

II – REVISÃO DA LITERATURA

II - REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Basquetebol Português - Enquadramento Histórico

Portugal, em 1932, ao fazer parte das Federações Nacionais fundadoras da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), assumiu desde cedo um papel de destaque nesta área, estando na primeira linha das iniciativas internacionais. Em termos competitivos, a sua participação no Campeonato da Europa de 1951, ao lado das melhores Selecções Europeias, atesta isso mesmo.

Posteriormente, mais concretamente durante as décadas de 50 e 60, Portugal parece-nos cair num marasmo, desaparecendo da cena internacional em termos competitivos, facto esse que reflecte, em parte, o isolamento que caracterizou a sociedade portuguesa dessa época.

É na década de 70 que, finalmente, Portugal acorda para as necessidades e exigências do desporto moderno, enfrentando os problemas de fundo do desenvolvimento da modalidade e registando uma valorização concreta dos nossos jogadores e dos nossos treinadores, participando estes com frequência em acções de actualização de conhecimentos nos *clinics* internacionais e em seminários realizados no país, *clínics* e seminários esses que se constituíram como novas fontes de informação para os treinadores portugueses.

A Formação institucionalizada, concedendo título de treinador, teve início, em Portugal, em 1974. Tal facto surgiu de um esforço continuado e persistente de alguns treinadores portugueses, que, congregando esforços com a Federação Portuguesa de Basquetebol e a então Direcção Geral de Desportos, deram início a um período de grande fecundidade na Formação, o qual se desenrolou entre 1974 e 1980. Neste período, é notória a regularidade com que os cursos se realizam, tendo sido levados a cabo 24 cursos de Treinadores Estagiários, 6 cursos de Treinadores Regionais e 1 curso de Treinador Nacional.

O país participou com regularidade nos Campeonatos da Europa, obteve o título de vencedor na série C, disputada na Suíça em 1981, qualificando-se para a série B (embora, no ano seguinte, tenha regressado novamente à série C).

Posteriormente, a modalidade perdeu de novo terreno, tendo, porém, vindo a alcançar, no final da década de 80, início da década de 90, nova valorização, pois, para além da participação regular das Selecções Nacionais nos respectivos Campeonatos Europeus, a participação das equipas portuguesas de clubes nas referidas competições começou igualmente a ser revestida de um estatuto de regularidade.

Se, ao longo dos vários anos de competição formal, o nível de desenvolvimento do nosso Basquetebol foi aumentando, isso prende-se, sem dúvida, ao nível de conhecimento alcançado por grande parte dos nossos treinadores (crescente investigação e conhecimento na área do Treino Desportivo e das Ciências do Desporto - e.g. Fisiologia, Medicina Desportiva, Psicologia, Pedagogia, Biomecânica, etc.), à melhoria das condições existentes para a prática desportiva e ao facto da inclusão de praticantes de nível internacional nas equipas.

Estes factores proporcionaram ao Basquetebol Português uma certa dimensão e afirmação internacional, tendo vindo a registar-se boas participações ao nível de clubes nas principais competições europeias, e, em simultâneo, a presença das várias Selecções Nacionais em algumas provas de qualificação e fases finais dos diferentes Campeonatos da Europa.

Araújo (1977), ao elaborar um relatório sobre a participação de Portugal no Campeonato da Europa de Seniores em 1977, em Londres, apresentou algumas conclusões elucidativas ao nível do desenvolvimento do nosso Basquetebol, comparando e contrapondo com a anterior participação em 1973, na Hungria.

Apesar das expressivas diferenças que continuam a verificar-se a nível da estatura (apenas *crecemos* 1,6 cm no escalão senior ao nível da Selecção

Nacional em quatro anos), peso e potência com as demais Selecções Nacionais, registou-se uma evidente melhoria ao nível das principais deficiências de 1973 (uma grande incapacidade colectiva a nível defensivo, além de uma incapacidade total de, também colectivamente, conseguir contrabalançar as maiores pressões defensivas a que estamos habitualmente sujeitos ao nível internacional).

Se, contrariamente a estes aspectos negativos, o espírito de grupo, a maior agressividade e interajuda defensiva, o aumento do nível médio de estatura, menor média de idades, um maior domínio elementar dos gestos da técnica que permitiram encarar as soluções básicas do jogo contra a defesa individual constituíram aspectos medianamente positivos, já o mesmo não se verificou em relação à eficiência ofensiva, ao controlo do jogo, à capacidade de jogar ofensivamente sem bola, à segurança e eficiência do passe.

Foi nos **aspectos ofensivos**, e muito em especial no ataque contra “zona”, pressionante e não pressionante, que vieram a residir as principais dificuldades da nossa Selecção.

Inquirido, na altura, sobre a Selecção Nacional, o treinador Block, da equipa nacional austríaca (vencedora do Grupo C), assim o declarou: “Não esperava tanto dos jogadores portugueses do ponto de vista da técnica individual, onde estão ao nível dos restantes aqui presentes. Nomeadamente no ataque, a equipa utiliza processos de jogo muito modernos e eficientes, embora muito limitados pelas carências de homens altos e de condição física; por outro lado, não compreendo, a não ser por inexperiência e nervos, as falhas existentes em lances de pura simplicidade. Numa competição internacional não se podem falhar tantos passes e lançamentos de fácil conversão (de campo e livres). Muitos dos vossos jogadores têm a mania da pressa. (...) Controlar o jogo tem de ser um segredo e uma arma importante contra equipas de capacidade superior”.

Gonçalves, em 1980, ao efectuar um balanço global do “Eurojunior – 80 - Lisboa”, salientou o facto de “os nossos jovens revelarem uma linguagem e um apetrechamento, que, mesmo no modesto nível global patenteado pela

generalidade das equipas, não deixa de revelar assinaláveis e sintomáticos progressos”.

Salientou, porém, a importância da condição atlética dos jogadores. Para ele, as qualidades fundamentais - velocidade, resistência, força, potência muscular, etc, - são elementos decisivos, *a priori*, no apuramento da superioridade das equipas e dificilmente superados pela sua actualização técnico-táctica, pelo que infere a necessidade de ser levado a cabo um esforço intenso no sentido de se dominarem os factores marcantes da condição atlética dos jogadores, dando-lhes tratamento científico, e, progressivamente, de se adoptar um programa planeado a partir da transição “iniciados-juvenis”. Tudo isto sem nunca perder de vista a consolidação e progressiva actualização dos factores técnico-tácticos.

Adelino et al. (1986), depois de, em 1983, terem observado uma fase final do Campeonato Europeu de Cadetes Masculinos, propuseram-se acompanhar idêntica competição agora no escalão de Juniores (1986, na Áustria), tentando constatar sinais de evolução dos praticantes que permitissem assinalar características próprias deste escalão ou, por outro lado, definir uma maior ou menor proximidade destes jogadores do modelo de jogador Senior.

Após a observação de diferentes jogos, chegaram às seguintes conclusões: (I) os jogadores apresentam as principais características de quem já se encontra na via da alta competição do Basquetebol (agressividade, rapidez, concentração, empenho físico e eficácia) e (II) o escalão de Juniores está mais perto do modelo de jogador Senior do que dos Cadetes.

Relativamente ao modelo de jogo, este caracterizava-se principalmente pela fase ofensiva, em que as capacidades técnicas dos jogadores eram permanentemente solicitadas e extremamente postas em relevo. A riqueza da bagagem técnica individual ofensiva dos jogadores, como forma de ultrapassar a oposição ofensiva (independentemente do tipo de defesa encontrado como oposição), em situações de finalização com base no 1x1, aliada à simplificação dos processos tácticos ofensivos, caracterizou este Campeonato.

Estas constatações foram sustentadas com alguns exemplos, pois vários eram os jogadores que já jogavam no escalão Senior e na 1ª divisão pelas equipas dos clubes a que pertenciam (caso dos italianos, jugoslavos e espanhóis), havendo outros a participar nos grupos alargados do trabalho das próprias Selecções de Seniores do seu país (alguns jugoslavos, soviéticos e espanhóis), assim como o caso dos dois melhores jogadores alemães, que tinham actividade regular em equipas universitárias dos EUA.

Gonçalves, em 1989, na qualidade de Seleccionador Nacional de Juniores Masculinos, e referindo-se às prestações da nossa Selecção desse ano, constatou que o estado do nosso Basquetebol no escalão Júnior não coincidia com o modelo de referência observado por Adelino et al. (1986) três anos antes, continuando os nossos jovens a revelar insuficiências que condicionam uma efectiva afirmação nas competições internacionais.

Salgueiro (1995) ao referir-se à preparação e participação na fase de qualificação do Campeonato da Europa de 1995, na Figueira da Foz, deparou-se com os seguintes problemas:

- a) devido a alterações das idades, os actuais Juniores, na sua grande maioria, apresentavam uma postura mais de acordo com os escalões de formação do que com a dos escalões de especialização (Seniores);
- b) tratavam-se de jogadores que participavam pela primeira vez num Campeonato Nacional;
- c) eram atletas cujos conhecimentos sobre “zonas” eram mínimos, quer ofensiva, quer defensivamente;
- d) e revelavam grandes lacunas em termos físicos, fruto da sua preparação nos clubes (1,5 h x 3 treinos /semana e com um jogo ao fim de semana), tendo o incremento da carga de treino e competição provocado pequenas lesões e um desgaste extremamente acentuado em termos físicos e psicológicos.

2.2. Contributos para a definição de um Modelo de Jogo das Equipas Portuguesas

A concepção de jogo de uma equipa depende, para além daquilo que as características e capacidades dos jogadores o permitem, da filosofia e concepção do respectivo treinador, bem como de alguns dos aspectos mais marcantes da sua personalidade (Araújo, 1992).

Silva (2001) é da opinião que "(...) o treinador apresenta-se como o elemento responsável pela concepção, divulgação e implementação destes princípios que permitirão ao jogador interagir com companheiros e adversários de uma forma disciplinada e criativa".

Araújo (1981), ao referir-se ao modelo de jogo nacional, preconizava os seguintes aspectos ofensivos: (1) transição rápida da defesa para o ataque, de modo a surpreender a organização defensiva adversária; (2) a criação de linhas de 1º passe sem recorrer a técnicas muito apuradas de recepção, nem a exigir contacto físico; (3) a criação de situações de lançamento para todos os jogadores a curtas distâncias do cesto; (4) o facto de as acções ofensivas deverem basear-se em penetrações e cortes sobre bloqueios de jogadores sem bola ou penetração para assistência; (5) a alternância nas transições rápidas com ataques de 20 a 25 segundos; e (6) a garantia de uma transição ataque/defesa equilibrada.

Lima (1988) constatava que "o basquetebol nacional nos últimos anos tem sido estruturado taticamente muito mais à base do ataque planeado (5x5), do que com acento dominante no contra-ataque. A preocupação de controlar o jogo da equipa adversária, de fazer diminuir os erros da execução em velocidade (...) terá levado (...) a optar por processos tácticos ofensivos que parecem mais seguros". A tendência para a incidência da preparação das equipas através do jogo 5x5, i.e., de muita preocupação no ataque planeado, levou à diminuição da preocupação da preparação e desenvolvimento do contra-ataque nestes escalões jovens.

Gonçalves (1989), ao referir-se aos problemas da formação de jogadores e das equipas ao nível dos processos ofensivos, afirmava que "é um

facto indubitável que continuamos a sofrer as nossas carências de estatura e peso; também do ponto de vista das qualidades físicas e do seu desenvolvimento os jovens jogadores portugueses ainda deixam muito a desejar, mas o grande factor limitativo do crescimento das *performances* dos nossos cadetes e juniores são as suas lacunas ofensivas”.

Segundo o mesmo autor, a grande pobreza da bagagem de soluções técnico-táticas em situações de 1 contra 1 e 2 contra 2 resultam não só de deficientes fundamentos técnicos mas também de análises erradas do jogo, permanecendo o modelo de jogo de referência ainda demasiado baixo, fundamentalmente ao nível ofensivo.

Pretendendo divulgar os conceitos básicos em que assenta a componente técnico-tática do Modelo de Jogo, a equipa técnica responsável pela preparação da Selecção Nacional com vista à participação no Campeonato Mundial de 1999, em 1997, (Araújo, J.; Gonçalves, C. e Olímpio, J.) elaborou um documento¹ caracterizando a realidade e tendo por base, não só a experiência e as opiniões dos seleccionadores acerca da realidade do Basquetebol infantil e juvenil, mas também o contacto com outros treinadores, nomeadamente aqueles que até à data tinham desenvolvido um trabalho profícuo junto das Selecções mais jovens, assim como a opinião de dois renomados técnicos internacionais: Ranko Zeravica (treinador Jugoslavo, Campeão Olímpico e Mundial) e Vladimir Heger (responsável pelas Selecções Nacionais num passado recente).

Heger (1997) referiu-se ao jogador português como apresentando carências graves ao nível das capacidades condicionais (força e velocidade), revelando lacunas quanto aos aspectos técnico-táticos (pouco eficazes na utilização do passe e do lançamento, a maioria dos jogadores evidenciavam

¹ Documento intitulado “Campeonato do Mundo de Juniores Masculinos, 1999”, Projecto Especial da Federação Portuguesa de Basquetebol (I).

desconhecimento na movimentação a efectuar na área próxima do cesto – de costas para o mesmo) e, ao nível dos aspectos volitivos e psicológicos, revelando uma fraca atitude mental perante as exigências da prática desportiva de alto rendimento, demonstrando uma precoce satisfação com o rendimento alcançado.

Tendo em conta a baixa estatura dos nossos jogadores, Heger concebeu o modelo de jogo nacional na forte preparação dos jogadores postes de “baixa estatura”, de modo a serem mais móveis que os seus adversários, bons ressaltadores e com grande domínio dos gestos básicos da técnica e dos conceitos tácticos mais elementares, assentando a estrutura táctica numa defesa e num ressalto o mais agressivo possível, na utilização constante do contra-ataque e eficaz utilização dos fundamentos ofensivos do Basquetebol.

Por seu lado, Zeravica, ao perspectivar o trabalho a desenvolver no Basquetebol Nacional, e apesar da actualização das movimentações defensivas e ofensivas relativamente ao que se faz na Europa, apontava as seguintes particularidades: (I) pouca intensidade e volume de treino; (II) dificuldades na correcta interpretação das situações de jogo; e (III) pouca eficácia ofensiva dos jogadores quando sob pressão adversária.

Como forma de colmatar estas lacunas, a preparação deveria consistir em:

- treino intenso dos gestos básicos ofensivos e defensivos;
- treino de situações parcelares de 1x1, 2x2 e 3x3, aprofundando o domínio das situações de jogo ofensivas mais elementares (como utilizar o passe e o drible de uma forma penetrante, lançamentos com exigências semelhantes às da competição);
- participação do jogador em qualidade e intensidade adequadas aos objectivos da alta competição.

Baseado nestes pressupostos e quadros de referência, a equipa técnica nacional responsável pelo Mundial de Juniores em 99 (Araújo, J.; Gonçalves,

C. e Olímpio, J.) apresenta em traços gerais o modelo de jogo a ser posto em prática, no que diz respeito ao processo ofensivo:

1. O jogador deve reagir rapidamente no sentido da recuperação da posse da bola, da antecipação ao adversário;
2. Agressividade e interajuda (conquista do ressalto, a agressividade no contra-ataque e recuperação defensiva);
3. O jogo colectivo através da contribuição individual; cada jogador deve jogar para a equipa, sabendo que essa é a via mais rentável para a melhoria da sua movimentação individual (movimentos ofensivos sem bola, bloqueios ofensivos, ajuda defensiva, etc.);
4. Fornecimento de informação, possibilitando a antecipação prévia das dificuldades, com o intuito de adquirir uma capacidade de resposta às muito diversificadas situações de jogo;
5. Os jogadores devem saber o que fazer (quando e como), adquirindo e desenvolvendo uma capacidade de resposta individual e colectiva o mais diversificada possível;
6. O jogo deve basear-se na capacidade dos jogadores identificarem, analisarem e elaborarem uma solução mental e motora do gesto técnico mais adequado a determinado problema;
7. O jogo não é estanque, estereotipado, baseando-se a resposta não numa solução (“jogada”) predefinida, mas sim tendo em conta a responsabilidade, espontaneidade e criatividade individual e colectiva, de acordo com o total respeito pelos princípios básicos do jogo, sejam eles defensivos ou ofensivos.

2.2.1. O Ataque segundo Conceitos

O objectivo a alcançar com este tipo de jogo é o de permitir aos jogadores actuarem com plena liberdade de tomarem as decisões que lhes pareçam mais correctas relativamente a cada situação de jogo, mas disciplinadamente, ou seja, no respeito integral dos **conceitos** que devem nortear a sua movimentação e sempre de modo conforme com a leitura prévia e tão antecipada quanto possível do tipo de oposição que lhes está a ser colocada pelo adversário.

Segundo a literatura, o *jogo por conceitos* baseia-se no conhecimento e cumprimento de determinados princípios por todos os jogadores da equipa, que lhes permitem manter a sua criatividade e liberdade nas acções ofensivas, em função da situação de jogo (Pruden, 1987; Araújo et al., 1997).

Jogar segundo conceitos representa fazê-lo no respeito dos seguintes aspectos:

- o jogo deve fluir segundo índices elevados de velocidade de execução, sem quebras de ritmo e mediante o tipo de oposição encontrado;
- acelerar o “tempo” de jogo através da melhoria da velocidade de execução individual e da antecipação das situações de jogo;
- jogar segundo um “tempo” rápido de jogo, mas sempre com eficácia;
- procurar o sucesso imediato possível... sem que tal signifique hipotecar o potencial existente para o futuro;
- manter um equilíbrio entre as capacidades técnico-tácticas individuais e colectivas.

Relativamente aos conceitos básicos do ataque, os jogadores devem:

- ser ofensivos;
- fazer a bola penetrar;
- desmarcarem-se sem bola e criarem linhas de passe;
- passarem para o lado contrário onde esteja o defensor;

- utilizarem linhas de segundo passe;
- abrirem ângulo de passe;
- mudarem o lado da bola.

2.2.2. Princípios do Ataque

Pruden (1987) refere mesmo que “aos jogadores compete-lhes realizar uma variedade de tarefas, que incluem: a) *tomada de decisão*; b) *execução de uma variedade de acções*; e c) *manutenção da integridade dos sistemas utilizados*”.

Essa manutenção deve consistir em os jogadores:

- (I) estarem correctamente integrados nas fases ofensivas do jogo;
- (II) seleccionarem apropriadamente as acções do jogo ofensivo;
- (III) saberem que posição ocupar em cada fase do jogo;
- (IV) conhecerem o seu papel nessa mesma posição;
- (V) moverem-se e actuarem de forma consistente com os princípios do jogo.

Wooden (1988) “(...) refere a existência de inúmeros sistemas de ataque, mas reforça a importância de que estes se baseiem em princípios válidos que mantenham o equilíbrio espacial e que haja movimentos contínuos de cortes e penetrações para o cesto”.

Alguns destes princípios reguladores das acções ofensivas baseiam-se na: manutenção da posse da bola, ocupação racional do espaço, progressão da bola no terreno de jogo, fixar e dividir a atenção da defesa, mudar o lado da bola, e na alternância do jogo interior e exterior (Pruden, 1987; Gonçalves, 1989; Araújo, 1992; Araújo et al., 1997; Graça e Oliveira, 1998).

Para isso, os jogadores devem ser ofensivos, fazer a bola penetrar, desmarcar-se sem bola e criar linhas de passe, passar para o lado contrário onde esteja o defensor, utilizar linhas de 2º passe, abrir ângulo de passe, mudar o lado da bola, etc..

Relativamente aos princípios do ataque contra defesa “zona”, eles devem basear-se numa:

1. assimetria posicional inicial;
2. divisão da zona;
3. movimentação sem bola (atacantes sem bola penetram nos espaços entre os defensores);
4. cortes para os “buracos” da zona;
5. movimentação da bola (passes), movimentação dos jogadores sem bola, para receber e lançar;
6. “sobrecarga” de jogadores (sobre um lado), mudança do lado da bola;
7. passe poste/poste;
8. bloqueios ofensivos;
9. Ressalto ofensivo.

O treinador, ao elaborar o seu sistema de jogo ofensivo, procura estabelecer o seu conjunto de princípios orientadores das acções ofensivas da sua equipa (Wooden, 1988; Lima, 1990; Araújo, 1992; Oliveira, 1993; Cruz, 1998; Gomes, 2000).

Silva (2001) refere que a concepção do jogo do treinador, entendida como um conceito amplo e estruturante de todo o desenvolvimento do mesmo, reveste-se de grande significado ao nível da formação e preparação das equipas de jogos desportivos.

2.3. Modelo de Jogador existente vs. Modelo de Jogador pretendido

A apresentação das principais conclusões a que chegou a equipa técnica (Araújo, J.; Gonçalves, C. e Olímpio, J.), após, sob a sua responsabilidade, terem decorrido nove meses de trabalho de preparação da Selecção Nacional com vista à participação no Campeonato Mundial de 1999, assim como o trabalho de observação e preparação dirigido a 101 jogadores e

o contacto internacional correspondente à Fase de Qualificação do Europeu de Juniores e da participação nos Torneios de Brest e Esson, deu origem a um documento² caracterizador do modelo de jogador existente e do modelo a apontar para a participação no Mundial.

O referido documento apresentava as seguintes particularidades dos jogadores observados:

- a. muitas dificuldades de adaptação a um modelo de jogo que impunha permanentemente a pressão de ter de reagir mais rápido que os adversários nas mudanças de posse de bola (ataque, lançamento ao cesto, ressalto ofensivo, recuperação defensiva ou defesa, bloqueio e ressalto defensivo, primeiro passe de contra-ataque, *dribling* penetrante e agressivo no meio ou passe lateral longo, corredores laterais bem abertos e corte agressivo para o cesto dos corredores laterais);
- b. quase todos os jogadores se apresentaram condicionados por um “tempo morto” ou de “espera”, impedindo-os de participarem activamente e com eficácia, quer no ressalto ofensivo ou na recuperação defensiva, quer no ressalto defensivo e no desenvolvimento do contra-ataque;
- c. grandes carências na técnica de corrida e nos fundamentos inerentes à deslocação em campo de um jogador de Basquetebol;
- d. deficiente domínio dos fundamentos correspondentes à posição de tripla ameaça;
- e. cada jogador lança ao cesto de modo diferente, raramente utilizando o *dribling* de uma maneira agressiva e em linha

² Intervenção apresentada durante a realização da acção de Formação de Formadores para Níveis I e II da Escola Nacional de Basquetebol da Federação Portuguesa de Basquetebol, 31 de Maio/1 de Junho de 1997, Cruz Quebrada e *Clinic* da ANTB, 7 a 10 de Junho de 1997, Algarve.

recta para o cesto, a comunicação entre jogadores através do passe é praticamente inexistente, a maioria dos jogadores desconhece os movimentos fundamentais que tem de executar na situação de 1x1 na área próxima do cesto (de costas para o cesto) e quais as estruturas básicas ofensivas a realizar entre dois (2x2) e três (3x3) jogadores;

- f. naturais dificuldades em atacar contra “Zona”, face ao desconhecimento que revelam dos fundamentos mais básicos do ataque (não “atacam” e “dividem” a zona com *dribling* penetrante; não conseguem “ler” as movimentações defensivas da zona a “atacar” os “buracos” provocados pelas deslocações súbitas dos defensores quando a bola muda de lado; não se movimentam sem bola para a receber em melhores condições; lançam com uma eficácia muito reduzida; temem arriscar passes para o jogo interior; etc);
- g. aflitiva incapacidade de concentração durante um treino de duas horas;
- h. quebra física acentuada sempre que têm de treinar duas vezes por dia, ou em competições que exijam jogar 3, 4 ou 5 jogos consecutivos.

Gonçalves (2001), referindo-se aos sucessos ou insucessos (mais frequentes) nas competições internacionais dos “escalões de formação”, que parecem constituir a única aferição válida da qualidade da actividade desenvolvida, aponta o dedo a velhos problemas na formação dos jovens jogadores:

- insuficiente conhecimento do trabalho a desenvolver nas diferentes idades (deficiente avaliação das cargas e da treinabilidade dos atletas);
- insuficiente conhecimento dos vários estádios de maturação das crianças e jovens;

- primazia do sucesso competitivo, privilegiando os praticantes com idades biológicas mais avançadas;
- sistemas competitivos inadequados às idades dos praticantes;
- deficiente preparação (planeamento e programação) da actividade, falhas no controle do treino e deficiente segurança.

Perante estes factos, Araújo, Gonçalves e Olímpio atribuíram extrema urgência na sua resolução e definiram como prioridade absoluta a necessidade de se instituir no Basquetebol Português uma “Escola de Lançamento”, uma “Escola de Bases”, uma “Escola de Postes” e uma “Escola da Corrida e de Força”, entendidas como a definição prévia do conjunto de conhecimentos e respectivos exercícios aplicados diariamente por todos os treinadores, no sentido da intervenção junto das suas equipas (tal como Araújo (1997) refere (pág. 3) “(...) não basta saber muito de basquetebol, é preciso saber ensiná-lo”); a esta necessidade acresce ainda uma outra: a da revisão do sistema de competições regionais e nacionais, perspectivando uma maior habituação dos nossos jogadores a um calendário exigente, fazendo apelo ao seu empenho máximo, à sua superação.

Araújo (1996), referindo-se ao modelo de jogador que preferia e citando John Wooden (s.d.), afirmou que “No modelo de jogador a seleccionar e formar, para além da sua altura, peso, força, velocidade e capacidades técnico-tácticas, devemos ter em linha de conta como é importante determinarmos a que *altura* cada jogador pretende jogar. Mais do que velozes, os jogadores precisam de ser capazes de jogar em velocidade, vendo, analisando e decidindo em cada situação de jogo de um modo mais rápido que os adversários. (...)”.

Tal afirmação faz-nos questionar as capacidades volitivas dos nossos jogadores, que nos parecem resignados com o nível atingido na sua *performance*, não se mostrando imbuídos de ambição de superação das suas próprias capacidades actuais. De um modo geral, esta aparente falta de empenho num auto-aperfeiçoamento, numa auto-superação, visível na sua

preparação diária, parece-nos contribuir para o estado geral do nosso Basquetebol. Frequentemente, assistimos a uma “(...) fraca atitude mental perante as exigências da prática desportiva de alto rendimento. Satisfazem-se demasiado cedo com os objectivos que vão alcançando (...)” (Heger,1996).

Segundo ainda Araújo (1997), os jogadores que mais cedo ou mais tarde se distinguem dos restantes, além das capacidades já referidas, acima de tudo apresentam capacidades como liderança, agressividade mental, atitude, disciplina e auto-confiança.

Tendo por base esta filosofia na definição de jogadores a incluir na futura Selecção, o corpo técnico decidiu escolher jogadores capazes de desempenharem cabalmente as funções de 1º base, 2º base/lançador, extremo/lançador, extremo/poste e poste. Cada uma destas funções pressupõe uma estatura média, tarefas específicas e determinados indicadores de jogo.

Das funções a desempenhar em cada posição, salientamos apenas as referentes aos aspectos ofensivos, dada a sua maior pertinência para o presente estudo, a saber:

Funções a desempenhar em cada posição:

1º e 2º base e extremo

a) No contra-ataque:

- Mover-se para receber o 1º passe ou ocupar o corredor lateral em corrida, olhando para a bola;
- *Dribling*, penetração em *dribling* para o cesto, assistir e lançamento;
- Passes penetrantes;
- Lançamentos curtos, médios e longos.

b) No ataque:

- Não parar o *drible* antes de lançar ou passar;
- *Drible* com agressividade (penetrações);
- Passes penetrantes (jogo interior);
- Receber bloqueios para lançar;
- Eficácia e selecção de lançamentos (curtos, médios e longos);
- Penetração em *drible* para lançamento longo do lado contrário.

c) No ressalto ofensivo/recuperação:

- Disputar o ressalto ofensivo/recuperação defensiva;
- Disputar o ressalto ofensivo (3 jogadores), reagir primeiro que os adversários na recuperação defensiva (2 jogadores mais afastados).

Extremo/poste e poste:

a) No contra-ataque:

- 1º passe e reposição de bola em jogo após cesto sofrido, o mais rapidamente possível;
- correr no corredor central (1º e 2º *trailer*);
- 1x1 interior após recepção do passe;
- Lançamentos curtos, médios e longos.

b) No ataque:

- Abrir linhas de passe (mão alvo), ver a bola e movimentar-se na sua direcção;
- Movimentos sem bola no lado contrário da bola;
- Bloqueios ofensivos e rodar para o cesto;
- Receber bloqueios para lançar;
- Eficácia e selecção de lançamentos (curtos, médios e longos);
- 1x1 em poste baixo, médio e alto.

c) No ressalto ofensivo/recuperação defensiva:

- Ir ao ressalto ofensivo, correr para a defesa uma vez perdida a posse de bola.

O modelo de referência utilizado para a definição dos indicadores de jogo foi elaborado tendo como base os valores médios apontados por jogo da equipa campeã nacional da época de 1996/97. Partindo deste modelo de referência, foram elaboradas as respectivas e necessárias adaptações, das quais salientamos os seguintes indicadores globais e objectivos individuais:

Posses de bola – 57% convertidas/ 34 falhadas

Contra-ataque – 80% (10 convertidos em 13)

Ressalto ofensivo – 40% (12 em 30)

L2p – 60%

L3p – 40%

LC – 55%

L.L. – 80%

Turnovers – 11

Pontos marcados – 86 (20 pts de 1CA e 14 de 2º lançamento)

Quadro 1 – Indicadores de jogo (objectivos individuais) (adaptado de Araújo et al., 1997).

Objectivos Individuais	Rof	L2p	L3p	LC	L.L.	Pm	TO
1º base	8%	50%	40%	44%	82%	23%	30%
2º base	17%	53%	40%	46%	80%	13%	20%
Extremo	17%	59%	40%	52%	81%	23%	20%
Extremo/Poste	25%	63%	-	63%	80%	13%	20%
Poste	33%	64%	-	64%	79%	17%	20%
Total	12/30	-	-		-	86	11

Legenda: Rof (Ressalto ofensivo); L2p (Lançamento de 2 Pontos); L3p (Lançamento de 3 pontos); LC (Lançamento de Campo); L.L. (Lance-livre); Pm (Pontos marcados); TO (*Turnover*).

2.4. Observação e Análise do Jogo

Os processos de observação e análise têm sofrido, ao longo dos tempos, uma evolução evidente ao nível dos sistemas utilizados.

De acordo com Garganta (1999), as principais funções de análise do jogo consistem no diagnosticar, coligir e tratar os dados recolhidos, disponibilizando informação sobre a prestação dos jogadores e das equipas. Essa análise implica o estudo da estrutura básica do adversário a defrontar, com o intuito de ser feita uma melhor planificação dos jogos.

Para isso, o **Scouting**, modalidade particular de observação-análise, que consiste na detecção de características da equipa adversária ou da própria, tem evoluído ao longo dos tempos. De um carácter assistemático e subjectivo do passado, as observações efectuadas passaram a ser sistemáticas, planeadas e auxiliadas pelo recurso ao computador (ver Figura 1).

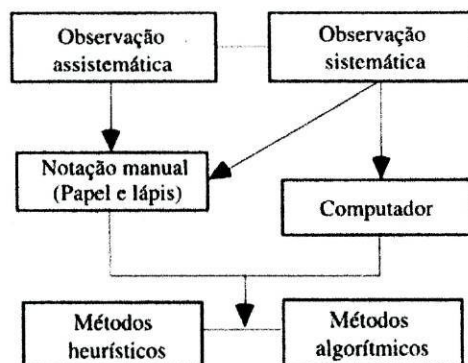


Fig. 1 – A interdependência dos meios e métodos de observação e análise do jogo (Garganta, 1998).

Mais recentemente, a profissionalização das práticas desportivas, os meios financeiros disponíveis e a utilização do desporto como meio de aplicação de novas tecnologias, entre as quais a Informática, permitiu uma maior e mais rápida recolha e tratamento da informação, bem como um acesso mais rápido aos dados disponíveis (Grosgeorge, 1990; Garganta, 1999); a utilização destes meios permite a visualização repetida e pormenorizada das

acções e sequências de jogo, diminuindo a possibilidade de erros de observação.

Se, por um lado, as observações ao nível dos desportos individuais incidem preferencialmente nos aspectos técnicos, chegando por ventura a Biomecânica e as técnicas de vídeo para dar uma informação completa do comportamento do atleta, por seu turno, nos JDC, as capacidades dos jogadores estão condicionadas pelo meio, para além de que a interdependência dos comportamentos constitui um obstáculo difícil de ultrapassar (Dufour, 1991; Garganta, 1999).

Segundo Baacke (1982) "(...) encontram-se várias dificuldades na recolha sistemática de informações que nos permitam conhecer melhor o jogo e o jogador. O facto dos JDC se caracterizarem por um grande número e diversidade de acções de jogo, pela complexidade destas acções, por integrarem tanto acções individuais como colectivas e porque o rendimento do jogo se encontra sempre dependente do nível dos adversários vem, sem dúvida, agravar a consecução desta tarefa".

Na realidade, ao nível do jogo, coexistem variáveis diversas que permanentemente interagem, o que dificulta a recolha de dados acerca da prestação dos jogadores e torna muito complexa a tarefa de entender a quota parte de participação dessas variáveis (Garganta, 1999) (ver Figura 2).



Fig. 2 – Evolução desejável do processo de análise nos JDC (Garganta, 1998).

Outro factor resistente à utilização da análise do jogo consiste na visão tradicional de que os treinadores experientes podem observar um jogo sem qualquer sistema de apoio à observação e que retêm com precisão os elementos críticos do jogo (Franks & McGarry 1996, citados por Garganta, 1999). O mesmo autor considera que, não raras as vezes, a análise da prestação dos jogadores e das equipas baseia-se, quase exclusivamente, na intuição dos treinadores, denotando uma elevada subjectividade e modesto valor científico.

2.5. A Investigação em Basquetebol

2.5.1. Delimitação Conceptual e Terminológica das Estruturas de Análise em Basquetebol

A **Análise do Jogo (AJ)**, entendida como o estudo do JOGO a partir da observação da actividade dos jogadores e das equipas, tem vindo a constituir um argumento de crescente importância (Tavares, 2001). Segundo o mesmo autor, a AJ constitui um importante meio para aceder ao conhecimento do jogo, quer no que concerne às exigências físicas, quer no que respeita à expressão táctica e técnica dos comportamentos.

Vários estudos elaborados por investigadores e treinadores (Araújo, 1982; Janeira, 1988; Marques, 1990; Tavares, 1993; Barreto, 1995; Brandão, 1995; Pinto, 1995; Mendes, 1996; Sampaio, 1997; Cruz, 1998; Gomes, 2000; Sampaio, 2000;) têm permitido um entendimento do jogo mais próximo da realidade a partir da observação dos jogadores e das equipas, no que respeita a quatro grandes áreas: (I) técnico-táctica; (II) energética; (III) motora; e (IV) psicológica, tentando salientar os indicadores de jogo que contribuem para o sucesso do mesmo.

Segundo Tavares (2001), os estudos estão divididos em duas grandes áreas de abordagem dos problemas: a **Observação do Jogo (OJ)** e a **Observação do Jogador (Ojr)**.

Análise quantitativa das áreas em estudo

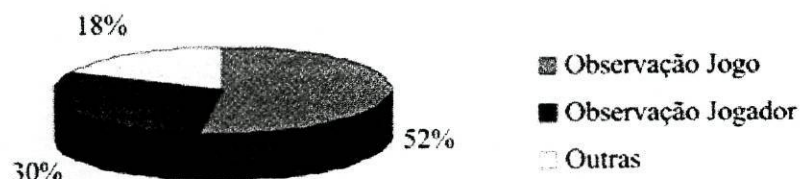


Gráfico 1 – Relação do total de estudos realizados nas áreas de observação do Jogo e do Jogador (Tavares, 2001).

2.5.1.1. Estudos realizados no âmbito da “Observação do Jogo”

Na área da *observação do jogo*, e no âmbito da Dimensão Táctica, surgem estudos realizados na:

- descrição, comparação, classificação e explicação de sistemas de organização táctica colectiva;
- análise técnico-táctica dos indicadores do jogo a partir dos dados estatísticos das competições; e
- descrição e a avaliação quantitativa e/ou qualitativa da eficiência individual e/ou colectiva das acções de jogo e estudo da sua influência no resultado do jogo.

Salientam-se os trabalhos que estudam o contributo dos indicadores Técnico-Tácticos do jogo na *performance* a partir dos dados estatísticos do jogo (Neves, 1992; Mendes, 1996; Sampaio, 1997; Tina, 1997; Cruz, 1998; Silva, 1998, Sampaio e Janeira, 1999). Por sua vez, Fernandes (1995) e Duarte (1999) estudaram e analisaram as áreas de ressalto e sua especialização. Outros trabalhos foram efectuados, nomeadamente por Barreto (1996), que se debruçou sobre o comportamento do lançador no ressalto, bem como por Silva (1996), que analisou a congruência entre o jogo idealizado pelo treinador e o jogo observado. Sarrico (1993) caracterizou a ocorrência durante o jogo das

diversas acções de 1x1 do ponto de vista ofensivo, após recepção e com *drible* no ataque de posição.

Relativamente à observação e análise do jogo em Basquetebol, vários autores (Moreno,1989; Dufour, 1989; Grosgeorge, 1990; Marques, 1990; Oliveira, 1993; Barata, 1993; Janeira, 1994; Mendes, 1996; Tina, 1997; Sampaio, 1997; Cruz, 1998; Tavares e Cruz, 1998; Sampaio e Janeira, 1999; Tavares et al., 2000; Brandão et al., 2000; Gomes, 2001) têm recorrido a métodos de observação e análise directa e em diferido (Grosgeorge, 1990; Oliveira, 1993), pretendendo detectar as acções de jogo mais representativas, ou críticas, com o intuito de perceber os factores que induzem perturbação ou desequilíbrio no balanço ataque/defesa. Neste sentido, os analistas procuram detectar e interpretar a permanência de traços comportamentais na variabilidade de acções, o que quer dizer que consideram, não apenas as regularidades, mas também as variações [McGarry & Franks, 1996, citados por Garganta (1998)].

2.5.2. Estudos dos Indicadores Técnico-Tácticos na discriminação do sucesso em Basquetebol

Ao longo dos anos, vários têm sido os estudos e os autores que se têm debruçado sobre a observação e análise do jogo e dos jogadores, permitindo identificar e hierarquizar os indicadores técnico-tácticos do jogo que diferenciam as equipas vencedoras das equipas vencidas.

Segundo Cruz (1998), a observação do jogo pode debruçar-se na frequência das acções, estratégia da equipa, comparação entre vencedores e vencidos, comparação da eficácia entre equipas de nível diferenciado, entre outros campos.

Passamos de seguida à apresentação de alguns desses estudos referentes a diferentes escalões etários:

Hagedorn et al. (1984) realizaram um estudo de natureza descritiva com o objectivo de analisar a táctica ofensiva e defensiva nas dimensões individual,

de grupo e colectiva, estabelecendo comparações entre equipas vencedoras e vencidas.

Este estudo refere-se a uma análise de 24 equipas que participaram na época de 1981/1982 no Campeonato Alemão de Basquetebol Masculino da 1ª Divisão, no Torneio Albert-Schweitzer Mannheim de Selecções Nacionais de Juniores Masculinos, no Torneio Internacional de Osnabruck e de um jogo das meias finais da taça entre as equipas dos *Giants Osnabruck* e *Saturno de Colónia*.

Em relação aos aspectos tácticos acima referidos, foram registadas as suas formas de manifestação, as zonas onde decorriam [tendo em conta a divisão do campo em 20 retículos (10 em cada meio campo)], o momento do jogo em que decorriam (segundos e minutos), as posições específicas de cada jogador (base, extremo ou poste), o cinco inicial de cada equipa e respectivas substituições.

Foram contabilizadas, em média, por jogo, 78 tentativas de lançamento em 104 ataques, com um aproveitamento de 44%; os vencedores realizaram em média 31 lançamentos com êxito, contra 29 apenas dos vencidos; os vencedores realizaram mais lançamentos com falta defensiva do adversário (8.4 contra 5.2) e conseguiram mais lances-livres (22.0 contra 16.5); em relação aos ressaltos, os vencidos conquistaram mais ressaltos defensivos (22.6 contra 17.9), mas ganharam menos ressaltos ofensivos (7.5 contra 8.6), explicando os autores que, pelo menor número de lançamentos falhados, se verificou uma menor frequência de ressalto; foram assinaladas, em média, 32 faltas por jogo, cometendo os vencidos mais 3.5 faltas que os vencedores. Em relação à táctica de grupo, os vencedores utilizaram menos o bloqueio directo (4.41 contra 8.08), o bloqueio indirecto (10.66 contra 20.58) e os bloqueios para lançamento (2.25 contra 3.33), referindo os autores que as equipas melhor sucedidas procuraram mais frequentemente as acções individuais. Em termos ofensivos, as equipas vencedoras utilizaram mais transições defesa-ataque e com mais sucesso, sendo a duração do ataque posicional mais curta; a transição defesa-ataque contribuiu com maior número de pontos para o resultado final.

Mikes (1987) analisou 30 jogos de uma amostra constituída por 34 equipas universitárias americanas pertencentes à 1ª Divisão (Big Ten e Atlantic Coast Conference). Este estudo foi centrado em cinco factores primários, relacionados com a posse de bola: (I) qual a origem de aquisição da bola; (II) as áreas de aquisição das mesmas; (III) o tipo de sistemas ofensivos e defensivos; (IV) os movimentos ofensivos de acção individual de finalização; e (V) a pressão defensiva no momento da aquisição da posse de bola.

Os resultados demonstraram uma média de 0,86 pontos por posse de bola, sendo o Contra-Ataque mais efectivo que o Ataque Posicional (1,05 pontos por posse de bola, contra apenas 0,83); os Ataques Posicionais contra defesas zona alcançaram uma média de 0,92 pontos por posse de bola contra 0,80 pontos por ataque contra defesa individual. Alguns factores justificaram esta diferença: (1) as defesas individuais forçam a uma maior percentagem de *Turnovers* (19,0% contra 11,6%); (2) as percentagens de lançamentos são superiores contra defesas zona [48,2% contra 45,6% nos lançamentos de dois pontos (L2p) e 36,7% contra 35,3% nos lançamentos de três pontos (L3p)]; e (3) as defesas zonas permitem a realização de maior número de L3p, pois, caso não existissem, a diferença alcançaria uma menor expressão (0,84 pontos *versus* Zona e 0,77 pontos *versus* defesa individual).

As zonas de lançamento mais eficazes foram as que se situaram perto do cesto (1,23 pontos), designadas pelo autor de *Lay-up* (lançamento na passada), sendo as menos produtivas a *Middle Range* (zona interior central), com apenas 0,66 pontos por posse de bola.

Moreno (1988) procurou conhecer de forma detalhada o desenrolar das diferentes acções do jogo, tendo em conta os seguintes parâmetros: a técnica, o regulamento, o espaço, a comunicação motora e a estratégia motora.

Para este estudo, o autor socorreu-se de diferentes metodologias no que concerne à recolha dos dados, consistindo a observação *directa* na recolha de dados relativos ao regulamento do jogo e a observação em diferido na notação dos dados, tipo *papel e lápis*, relativos à técnica, ao espaço e à estratégia.

A amostra consistiu na observação de 22 jogos do Campeonato Nacional da 1ª Divisão Espanhola, na época de 1985/86, nos terrenos do F.C.Barcelona, R.C. Deportivo Español e C.B. Juventud Badalona.

Quanto às acções de natureza técnica, registaram-se 66,0% para o *drible*, 22,0% para o passe e 7,0% para o lançamento. As faltas pessoais e técnicas representaram 50,0% das acções regulamentares, as reposições de bola pela linha lateral 22,0% e as substituições 11,0%.

O espaço de jogo, relativamente à origem das acções ofensivas, repartiu-se por reposições na linha final (41,0%), ressaltos defensivos (21,0%), reposições pela linha lateral (18,0%), ressaltos ofensivos (9,0%), intercepções de bola (9,0%) e bolas divididas (1,0%).

A finalização apresentou a seguinte distribuição: lançamentos de 2 pontos (43,0%), faltas (17,0%), lance livres (17,0%), lançamentos de 3 pontos (8,0%) e perdas de bola (6,0%).

Os sistemas táticos ofensivos mais utilizados foram: 1.2.2. (71,0%), 1.3.1. (16,0%), 2.3. (7,0%), 2.1.2. (3,0%), 1.4. (2,0%) e, por último, 3.2. (1,0%).

Já em 1990, Marques realizou um estudo cujo principal objectivo foi tentar estabelecer critérios de relação entre as variáveis quantificáveis num jogo de Basquetebol que se relacionassem com a vitória. A análise teve em conta 132 jogos das 12 equipas que disputaram, na época de 1988/89, o Campeonato Nacional da 1ª Divisão.

As variáveis observadas foram: o número de posses de bola, lançamentos de 2 e 3 pontos e % de eficácia, pontos marcados, ressaltos defensivos e ofensivos, roubos de bola, *turnovers*, faltas cometidas e o coeficiente de eficácia ofensiva. O estudo evidenciou uma variação do número de posses de bola de jogo para jogo, estando estas relacionadas com o ritmo com que as equipas lançam ao cesto. O autor diferenciou os jogos tendo em conta a diferença de pontos alcançados, tendo, para isso, formado três grupos: jogos equilibrados (JE), sendo a diferença do marcador final inferior a 3 pontos; jogos normais (JN), com diferenças entre os 3 e os 10 pontos; e jogos

desequilibrados (JD), com o resultado final a evidenciar uma diferença superior a 10 pontos.

Em jogos desequilibrados, todas as variáveis têm peso no resultado final, excepto os lances livres, as faltas, os *turnovers* e o número de posses de bola, que parecem não ter uma influência significativa no desfecho final.

Quanto aos jogos normais, a vitória ou derrota é determinada por vários factores:

- pelo maior número de lançamentos de curta e média distância;
- pelo número total de lançamentos de 2 pontos e respectiva taxa de sucesso;
- pelo total de lançamentos e taxa de sucesso;
- pelo total de *turnovers*; e
- por uma transição defesa-ataque mais eficaz e com uma duração inferior, salientado-se, em termos de contra-ataque, o número significativamente superior de lançamentos tentados e convertidos.

Já nos jogos equilibrados, o resultado final não parece estar dependente de nenhuma variável.

Barata (1993) analisou quatro jogos da Zona Norte do Campeonato Nacional de Juniores Masculinos na época de 1991/92, incidindo a sua análise nas estruturas ofensivas de 1x1, 2x2 e 3x3, chegando à conclusão que:

- o AP para quase todas as equipas do estudo em termos absolutos é menos frequente que a fase de transição defesa-ataque;
- o AP gera mais lançamentos que a transição, mas apresenta uma taxa de sucesso inferior;
- para a globalidade das equipas, mais de 75% das transições que resultam em lançamentos têm uma duração que se situa no intervalo dos 4 – 7 segundos;
- cerca de 3/5 dos AP são curtos;
- em todas as equipas, as acções de 1x1 representam mais de 50% da totalidade das acções tácticas do AP;

- os sistemas defensivos parecem influenciar a frequência de ocorrência das acções de 2x2 e 3x3;
- a estrutura táctica de 1x1 é fundamentalmente de finalização do ataque, independentemente do sistema defensivo;
- a taxa de sucesso de 1x1 contra defesa individual é superior à verificada contra defesa zona;
- em todas as equipas, as zonas de finalização onde ocorrem maior quantidade de lançamentos são as zonas interiores (próximas do cesto);
- as taxas de sucesso dos lançamentos variam consoante as zonas de finalização e o sistema defensivo.

Oliveira (1993) procurou comparar a estrutura das acções ofensivas de 1x1 e 2x2 em Iniciados Masculinos, escolhendo para isso as equipas do Centro dos Antigos Alunos Salesianos (CAAS) e do Futebol Clube do Porto (FCP), analisando 5 jogos da 2ª volta da 2ª fase do Campeonato Distrital da Associação de Basquetebol do Porto (ABP), na época de 1991/92.

As categorias observadas em competição foram:

- (I) frequência das transições e ataques de posição;
- (II) as durações das mesmas;
- (III) origem do ataque de posição e das acções de 1x1 e 2x2;
- (IV) formas de acção do 1x1 e 2x2;
- (V) origem do 2x2 nas combinações entre posições específicas.

O autor concluiu que o contra-ataque assume um papel mais relevante do que o ataque de posição, com uma distribuição semelhante nas duas equipas. Quanto às taxas de sucesso, as duas equipas apresentam divergências: o CAAS apresenta valores semelhantes em ambas as sub-fases, enquanto o FCP apresenta uma taxa de sucesso superior na transição.

Relativamente à duração das sub-fases, o contra-ataque regista valores na ordem dos 9 segundos, enquanto cerca de 60,0% dos ataques de posição se desenvolveram em durações inferiores aos 6 segundos.

Quando analisadas as acções de 1x1, estas representam cerca de 2/3 do total de acções. Na comparação do 1x1 com o 2x2, o CAAS apresenta um *ratio* de 1:3, enquanto o FCP apresenta 1,3:1; quanto à taxa de sucesso destas acções, ela é superior no 1x1 para o CAAS e no 2x2 para o FCP.

Relativamente às zonas de finalização em competição, evidenciaram-se as mais próximas do cesto, apesar de uma baixa taxa de sucesso.

Barata (1993) efectuou um estudo semelhante, tendo acrescentado na sua observação a estrutura táctica do 3x3, estudo esse relativo a quatro jogos da Zona Norte do Campeonato Regional de Juniores Masculinos, época de 1991/92, tendo por objecto de estudo 5 equipas.

O autor pretendeu:

- Descrever a proporção entre transições defesa-ataque e ataques posicionais, contra defesas HxH e Zona e respectivas taxas de sucesso;
- Descrever a duração das fases de transição defesa-ataque e de ataque posicional, contra defesas HxH e Zona;
- Descrever a frequência e a taxa de sucesso das acções de 1x1, 2x2 e 3x3, realizadas contra defesa HxH e Zona;
- Descrever a frequência das áreas de origem e de finalização das acções de 1x1, 2x2 e 3x3 contra defesas HxH e Zona.

Após a análise dos dados, verificou-se que mais de 2/3 das posses de bola são finalizadas no ataque posicional, enquanto quase 1/3 tem a sua finalização na transição.

O ataque posicional, apesar de apresentar uma taxa de sucesso inferior (42,05%) à transição (57,25%), tem um maior contributo relativo para o resultado final (68,31% contra 31,69%), já que produz, em termos absolutos, um maior número de lançamentos.

Quanto à duração das fases do jogo, mais de ¾ das transições que terminam em lançamento ocorrem no intervalo compreendido entre os 4 e os 7 segundos; relativamente ao ataque posicional, em mais de 60% dos casos resolvem-se em menos de 7 segundos, sendo pouco frequentes os ataques com duração superior a 12 segundos.

Quanto às estruturas tácticas, a predominância recaiu nas acções de 1x1 (54,81%), relativamente às acções de 2x2 (29,88%) e 3x3 (15,31%). O contributo do 1x1 para o total de lançamentos é de 81,17%, quando a oposição é do tipo HxH, enquanto o 2x2 contribui com 9,21% e o 3x3 em 9,62% para o total de lançamentos. Globalmente, contra oposição HxH, a taxa de sucesso dos lançamentos resultantes de acções de 3x3 (56,52%) é superior aos lançamentos resultantes das acções de 2x2 (45,45%) e 1x1 (42,27%); o autor acaba por referir que estes valores poderão não ser muito elucidativos, pois o reduzido número de lançamentos realizados na sequência de acções de 2x2 (22) e 3x3 (23) é muito inferior aos resultantes de acções de 1x1 (170), podendo este número diluir a taxa de sucesso deste tipo de acções.

Os resultados indicaram também que a percentagem de sucesso dos lançamentos realizados contra defesas "HxH" (43,93%) é superior à dos lançamentos realizados contra defesas "Zona" (37,84%).

A globalidade das equipas privilegia as zonas próximas do cesto para finalizar com lançamento a suas acções, i.e., as zonas interiores.

Barreto (1995) efectuou um estudo no Torneio Pré-Olímpico de Múrcia/92, contemplando 15 jogos das Selecções Seniores Masculinas da Alemanha, Croácia, Grécia, Islândia, Roménia e Portugal.

Pretendeu-se estudar o comportamento dos jogadores na disputa do Ressalto Ofensivo, nomeadamente se o lançador deverá participar ou não no ressalto ofensivo.

Conforme a Figura 3, o autor verificou que apenas nas áreas mais próximas do cesto o lançador conquista mais ressaltos ofensivos.

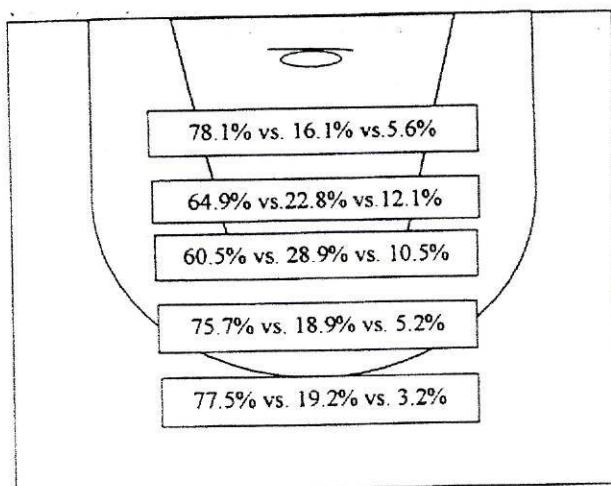


Fig. 3 - Percentagem da conquista do ressalto defensivo (Rdef.) pelos adversários, jogadores da equipa do lançador e lançador, respectivamente (Barreto, 1995).

Além desta constatação, Barreto concluiu que:

- nas áreas mais próximas do cesto, os jogadores das equipas mais eficazes após lançamento não vão ao ressalto ofensivo (Rof);
- Os postes carregam no Rof quando lançam de curta distância e os bases asseguram o balanço defensivo;
- Os extremos assumem o mesmo comportamento que os postes no lançamento curto e os bases nos lançamentos de longa distância;
- A proximidade de oposição não inibe o lançador da ida ao Rof.

Coelho (1996) observou e analisou 140 jogos da fase regular do Campeonato Nacional da 1ª Divisão Portuguesa de Seniores Masculinos na época de 1994/95. Foi observada uma série de estatísticas de jogo, tais como os lançamentos de 2 e 3 pontos, lances livres e respectiva taxa de sucesso, assistências, desarmes de lançamento, *turnovers*, faltas cometidas, ressaltos defensivos e ofensivos, proporção de contra-ataques, intercepções e faltas sofridas.

O autor ressaltou que as *estatísticas de jogo* assumem uma elevada importância na *performance* desportiva, sendo os ressaltos defensivos, assistências, taxa de sucesso de lançamentos de 2 pontos e percentagem de contra-ataque os indicadores de jogo mais influentes no sucesso das equipas, realçando, por seu turno, o fraco poder discriminatório de indicadores como os ressaltos ofensivos, *turnovers* e roubos de bola.

Mendes (1996), diferenciando o tipo de jogo analisado tendo em conta a diferença de resultado, observou 70 jogos da Liga de Clubes de Basquetebol em Portugal, analisando indicadores tais como: taxa de sucesso dos lançamentos de 2 e 3 pontos, lances livres e segundos lançamentos, ressaltos defensivos e ofensivos, roubos de bola, *turnovers*, assistências, faltas sofridas e cometidas, intercepções e desarmes de lançamento.

Inicialmente, a autora analisou todos os jogos, para numa segunda fase se debruçar apenas sobre os jogos em que se verificaram vitórias com vantagens inferiores a 10 pontos, passando, de seguida, à análise dos jogos com uma diferença igual ou superior a 10 pontos.

Em todas as etapas de análise, os ressaltos defensivos apresentam poder discriminante, assim como a taxa de sucesso dos lançamentos de 2 pontos; as assistências e as faltas cometidas e sofridas também revelaram um forte poder discriminatório.

Relativamente aos jogos equilibrados, as faltas sofridas e as assistências, assim como os ressaltos defensivos, apresentam uma relevância significativa, enquanto nos jogos desequilibrados evidenciam poder discriminatório os ressaltos defensivos e a taxa de sucesso dos lançamentos de 2 e 3 pontos.

Basto (1997), observando 484 jogos de Basquetebol em Seniores Masculinos (280 do Campeonato Nacional de Portugal na época de 1994/95 e 204 da fase regular da Liga Profissional Portuguesa na época de 1995/96), analisou a importância de indicadores tais como: as assistências, desarmes de lançamento, intercepções, roubos de bola, faltas cometidas e sofridas, taxa de

sucesso dos lançamentos de 2 e 3 pontos, lances livres, ressaltos defensivos, ressaltos ofensivos e *turnovers*.

Adoptando a mesma metodologia de Marques (1990), ou seja, definindo os jogos em três grandes categorias de acordo com a diferença pontual, verificou que:

- Nos jogos desequilibrados, apenas as intercepções, ressaltos defensivos e *turnovers* não apresentaram significância estatística no desfecho do jogo;
- Nos jogos normais, as assistências, os desarmes de lançamento, as faltas cometidas e sofridas, a taxa de sucesso de lançamentos de 2 pontos e os ressaltos defensivos foram os indicadores que apresentaram maior poder discriminante;
- Nos jogos equilibrados, a taxa de sucesso de lançamentos de 2 pontos foi o único indicador de jogo que diferenciou a vitória da derrota.

O autor conclui que “à medida que os jogos vão sendo cada vez mais equilibrados o número de indicadores de jogo que têm influência nas vitórias das equipas diminuem”, parecendo indiciar uma forte dependência do acaso, conclusão essa já verificada por Marques em 1990.

Cruz (1998) efectuou um estudo relativo às acções ofensivas desenvolvidas no jogo de Basquetebol no escalão de Cadetes Masculinos, tendo, para tal, observado três Selecções Nacionais (Croácia, Finlândia e Portugal) que participaram na fase final do XIII Campeonato Europeu, decorrido em Portugal no ano de 1995.

Para o autor, os objectivos específicos deste estudo eram:

- descrever a percentagem de transições defesa-ataque e ataques posicionais, contra defesa individual e Zona e respectivas taxas de sucesso;
- descrever a origem do contra-ataque e ataque de posição, contra defesa individual e Zona;

- descrever a duração das acções de contra-ataque e de ataque posicional, contra defesa individual e Zona;
- descrever a frequência e a forma das acções de 1x1, 2x2 e 3x3, no ataque de posição e sua taxa de sucesso, realizadas contra defesa individual e Zona; e
- descrever as zonas de finalização e taxa de sucesso do contra-ataque e ataque de posição, contra defesa individual e Zona.

Após a análise dos resultados, o autor concluiu que:

- o contra-ataque tem a sua origem mais frequentemente no ressalto defensivo, com maior evidência nas Selecções Croata e Finlandesa, apresentando a Selecção Nacional Portuguesa algumas dificuldades em iniciar o contra-ataque após cesto sofrido;
- o contra-ataque da Croácia e Portugal apresenta uma taxa de sucesso bastante boa, quedando-se a Finlândia por uma prestação mais modesta;
- o contra-ataque apresenta taxas de sucesso superiores ao ataque de posição;
- Portugal realiza o contra-ataque com maior frequência contra defesa individual, ao contrário da Croácia, que evidencia um maior domínio dos princípios do ataque à zona;
- as três Selecções utilizam preferencialmente o ataque de posição nas suas acções ofensivas;
- a duração do ataque de posição de Portugal e Finlândia (40,0% e 52,8% no intervalo 1 – 6 segundos, respectivamente) é significativamente mais curta do que a da Selecção Croata;
- o ataque de posição de Portugal contra defesa individual tem uma duração mais breve do que contra zona;
- as acções de 2x2 são as mais utilizadas pelas três Selecções, seguindo-se as acções de 1x1 e 3x3; e que
- as áreas de lançamento mais utilizadas situam-se próximo do cesto (A8 e A9) e com percentagens elevadas de concretização.

Sampaio e Janeira (1998) estudaram a fase regular da época de 1995/96 do Campeonato Profissional Norte-Americano. Os resultados obtidos identificaram os *turnovers*, as percentagens de lançamentos de 2 e 3 pontos, assim como as assistências, os indicadores de jogo que melhor discriminam as melhores equipas.

Os mesmos autores, em 1999, recolheram e analisaram as estatísticas dos jogos da fase regular das ligas profissionais de Basquetebol Masculino Português vs. Espanhol respeitantes à época de 1995/96, na tentativa de perceber as diferenças entre as relações dos indicadores do jogo.

Definiram os indicadores em: altura, assistências, intercepções, faltas, percentagens de lançamento (lance-livre, 2 e 3 pontos), ressaltos (defensivos e ofensivos), roubos de bola e *turnovers*.

A análise dos Coeficientes Estruturais (CE) sugere que: (i) a altura evidencia grande relevância na separação das equipas de ambos os campeonatos (CE=0.61); e (ii) dos indicadores do jogo, apenas a percentagem de lançamentos de 3 pontos (CE=0.38), os *turnovers* (CE=0.33) e as faltas (CE=0.32) apresentam peso de discriminação para as equipas.

No âmbito da análise do jogo, foram produzidos alguns estudos que identificaram com variáveis separadoras das vitórias ou derrotas os ressaltos defensivos, as assistências e as percentagens de lançamento de 2 pontos. Curiosamente, estas foram as variáveis que menos separaram os dois campeonatos, logo, o facto de não existirem diferenças estatisticamente significativas para os dois grupos, aliada à emergência da variável altura, poderá levar à inferência de que os jogadores da Liga ACB, apesar de serem substancialmente mais altos, conseguem obter índices de eficácia idênticos aos jogadores da LPB. Neste contexto, parece claro que, nos confrontos directos, estas diferenças somáticas reflectem-se em grandes diferenças de eficácia no jogo.

Gomes (2000) efectuou um estudo com quatro equipas que participaram no 6º Campeonato do Mundo de Juniores Masculinos, realizado

em Portugal, comparando os três primeiros classificados (Espanha, EUA e Croácia, respectivamente) com o Brasil (8º classificado).

Este estudo foi elaborado de acordo com as seguintes categorias de observação:

- frequência de transições defesa-ataque, de contra-ataque e ataque de posição;
- duração das fases de transição defesa-ataque, de contra-ataque e ataque de posição;
- consequência da transição defesa-ataque, de contra-ataque e ataque de posição;
- frequência das estruturas tácticas de 1x1, 2x2 e 3x3 no ataque de posição;
- taxas de sucesso na transição defesa-ataque, no contra-ataque, no ataque de posição e nas acções de 1x1, 2x2 e 3x3;
- frequência das formas de finalização das acções de 1x1, 2x2 e 3x3; e
- frequência das acções de finalização no contra-ataque e no ataque de posição em cada uma das zonas definidas na divisão do terreno.

Os resultados deste estudo sugeriram as seguintes conclusões:

- em relação às frequências das estruturas tácticas ofensivas individuais e colectivas no Ataque de Posição, 1x1, 2x2 e 3x3, a Selecção do Brasil não difere das Selecções de Espanha, EUA e Croácia, verificando-se, em todas as equipas, uma maior frequência nas acções de 1x1;
- o desfecho final nos jogos analisados foi consequência fundamental de uma contribuição associada das percentagens de eficácia dos seguintes indicadores: média total de pontos, lançamentos de campo, lançamentos livres, roubos de bola, faltas sofridas, *turnovers* e coeficiente de eficácia ofensiva, independentemente das categorias de observação em estudo;
- a zona de finalização mais produtiva da totalidade das equipas é a da área restritiva do garrafão (zona 9) de acordo com os estudos de Mikes (1987). Contudo, a Selecção do Brasil

apresenta como segunda preferência as acções de finalização centradas na zona 3, enquanto que as restantes Selecções preferem a zona 8;

- cerca de $\frac{3}{4}$ dos Ataques de Posição da equipa do Brasil são de média duração, ou seja centram-se no intervalo de tempo entre 13 e 18 segundos. Contudo, distingue-se da equipa da Croácia, que apresenta valor médio de 16,09 segundos;
- o contra-ataque é realizado pela totalidade das equipas em cerca de 70% das acções do intervalo de tempo de 4 a 6 segundos. Entretanto, a equipa do Brasil distingue-se da equipa dos EUA nos intervalos de tempo de 1 a 3 segundos, com valores inferiores, e de 9 a 11 segundos, com valores superiores à equipa dos EUA;
- a finalização do Contra-ataque em situação de 1x0 ocorreu com mais frequência nas equipas campeã e vice-campeã do mundo (Espanha e EUA);
- a maior taxa de sucesso em acções de 1x0 no contra-ataque são relativas às equipas campeã e vice-campeã (Espanha e EUA);
- a Selecção do Brasil comete mais *Turnovers* que as demais Selecções observadas;
- a equipa do Brasil tem a menor taxa de sucesso nos lançamentos de 2 pontos face às restantes equipas;
- a Selecção do Brasil obtém o menor número médio de ressaltos defensivos comparada com as demais Selecções;
- a equipa do Brasil revela o menor número de assistências.

III – METODOLOGIA

III – METODOLOGIA

3.1. Caracterização da Amostra

A amostra do presente estudo foi constituída por quatro equipas seleccionadas de acordo com os seguintes critérios: (I) estar enquadrada numa competição para jovens ao mais alto nível (Campeonato do Mundo), (II) contemplar as três primeiras classificadas da competição e (III) contemplar Portugal, por forma a analisar a sua estrutura ofensiva e compará-la com as restantes.

Sendo assim, elegemos o VI Campeonato do Mundo de Juniores de Portugal – 1999 como palco do nosso estudo, tendo em conta os seguintes jogos disputados pelas diferentes equipas: (I) 3 jogos da Selecção Nacional de Espanha (Campeã do Mundo); (II) 3 jogos da Selecção Nacional dos EUA (Vice-Campeã); (III) 3 jogos da Selecção Nacional da Croácia (3ª Classificada) e (IV) 3 jogos da Selecção Nacional de Portugal (último classificado).

Relativamente aos aspectos da Idade, Peso e Altura, passamos a referir (valores médios) dados dos constituintes das referidas equipas:

Portugal:	Idade: 18,75 anos	Espanha:	Idade: 18,5 anos
	Peso: 84,0 Kg		Peso: 94,17 Kg
	Altura: 190,58 cm		Altura: 197,66 cm
EUA:	Idade: 18,66 anos	Croácia:	Idade: 18,75 anos
	Peso: 85,67 Kg		Peso: s.d.*
	Altura: 197,90 cm		Altura: 199,5 cm

*Sem dados

A nossa amostra é constituída por **882** sequências ofensivas, extraídas dos respectivos encontros conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Caracterização geral da totalidade da amostra.

Fases do Campeonato	Encontros/Equipas observadas <i>a Bold</i>	Nº de sequências por equipa observadas
1ª Fase	Espanha - 80 – Austrália - 75	66
2ª Fase	EUA - 89 – Brasil - 71	78
1ª Fase	Croácia - 61 – Qatar - 54	72
1ª Fase	Portugal - 73 – Qatar - 77	83
1ª Fase	Espanha - 91 – Brasil - 83	73
2ª Fase	EUA – 83 – Croácia - 62	75
2ª Fase	Croácia - 73 – Grécia - 59	75
1ª Fase	Portugal – 67 – Croácia - 82	70
Final	Espanha - 94 – EUA - 87	73
Final	EUA - 87 – Espanha - 94	73
1ª Fase	Croácia - 82 – Portugal - 67	68
15º e 16º clas.	Portugal - 75 – China - 76	76
Total	12 jogos; 13 observações	Espanha: 212 ; EUA: 226 ; Croácia: 215 ; Portugal: 229

3.2. Recolha e tratamento das imagens

Recorreu-se aos filmes dos jogos considerados, que foram disponibilizados pelo Gabinete de Basquetebol da FCDEF – UP e pela Federação Portuguesa de Basquetebol (FPB).

Foram observados 13 jogos num televisor de marca JVC – C21AX11SP, com o recurso a um vídeo da marca SONY SLV – SE85, modelo VHS.

Para o registo dos dados, foram utilizadas fichas de observação (ver em anexos).

3.3. Explicitação das Variáveis

Os parâmetros que integram o protocolo de observação deste estudo veiculam o nosso intuito de caracterizar a organização do processo ofensivo protagonizado pelas diferentes equipas, com vista a uma possível caracterização de modelo de jogo de elite, havendo ainda a possibilidade de discriminarmos indicadores de eficácia do jogo.

Com base numa observação uniforme e cientificamente válida, devemos explicitar as variáveis que considerámos, bem como os critérios que procederam à sua eleição.

De acordo com a perspectiva de Garganta (1997) no âmbito do Futebol, propôs-se o enquadramento das variáveis conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Variáveis alvo de observação e análise, relativamente a categorias de referência e Traços Organizacionais Característicos (TOC) (adaptado de Garganta, 1997).

TOC	Estrutural	Funcional	Informacional
Categoria	Espaço	Tempo	Espaço Tempo Organização Tarefa
Variáveis	<ul style="list-style-type: none"> • AAR 	<ul style="list-style-type: none"> • FRB; • TRA 	<ul style="list-style-type: none"> • S; • MJO; • E

Legenda: AAR – área de aquisição ou recuperação da bola; FRB – formas de recuperação da posse de bola; TRA – tempo de realização do ataque; S – sequência ofensiva; MJO – método de jogo ofensivo; E – eficácia ofensiva absoluta e relativa.

Para o presente estudo, considerámos: (I) TOC Estrutural no que respeita à organização dos elementos no espaço; (II) TOC Funcional, no que concerne à organização dos processos dependentes do factor tempo; e (III) TOC Informacional, relativo à forma como a equipa gere os processos de

comunicação e contra-comunicação no espaço e tempo (Garganta, 1996, 1997).

As variáveis são ainda inscritas em categorias, sendo estas entendidas como dimensões de referência (Garganta, 1997).

Entende-se por *categoria espaço*, a área disponível à exploração dos jogadores ($\frac{1}{2}$ campo defensivo e $\frac{1}{2}$ campo ofensivo).

A *categoria tempo*, enquanto dimensão configuradora da lógica interna do jogo (Moreno, 1994), constrange a utilização do espaço e a realização das diferentes acções ofensivas (10 seg. para a transição do $\frac{1}{2}$ campo defensivo para o $\frac{1}{2}$ campo ofensivo, assim como 30 seg. para a realização de um ataque, o que estava de acordo com as regras em vigor em 1999).

Segundo Santos (2001), por *categoria tarefa* entende-se a dimensão do desempenho das acções, individuais ou colectivas, nas diferentes fases do jogo, decorrentes da reversível adopção das respectivas funções e sub-funções, num tempo e num determinado espaço.

Quanto à *categoria organização*, Garganta (1997) refere-se ao modo como os jogadores estruturam o espaço de jogo, gerem o tempo e realizam as tarefas, ao longo das diferentes fases do jogo.

Categoria Espaço:

Segundo Santos (2001), os jogadores e equipas organizam-se no espaço de jogo determinado pelas regras, orientam-se no mesmo em função do espaço ocupado pelos colegas e adversários, em função de posições de jogo, atribuídas ou não, e desenvolvem as suas acções referenciando-se a um espaço cognitivo-motor, na conquista do espaço do adversário.

Categoria Tempo:

O desenvolvimento da acção de jogo comporta uma temporalidade que faz com que a realidade do jogo forme um contínuo que se organiza e evolui no tempo (Moreno, 1994).

O Basquetebol, na época, estava subdividido em duas partes de 20 minutos úteis de duração. Para além disto, a equipa que conquistava a posse

de bola dispunha de 30" para desenvolver o seu processo ofensivo. Porém, em determinadas situações, esse tempo poderia ser alongado.

Tendo em conta o espaço e o tempo que as equipas dispõem pra explorar as suas acções ofensivas, torna-se pertinente a análise dos locais de conquista da posse de bola, assim como a observação do tempo utilizado na estruturação das suas acções ofensivas e zonas de finalização das mesmas (ver Figura 4).

3.4. Definição das zonas de obtenção da posse de bola e das zonas de finalização

O $\frac{1}{2}$ campo foi dividido em 9 zonas, compreendendo 3 faixas e 3 corredores, de acordo com o descrito por diversos autores (Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998; Gomes, 2000, Tavares e Cruz, 2002).

A representação gráfica encontra-se esquematizada na Figura 4.

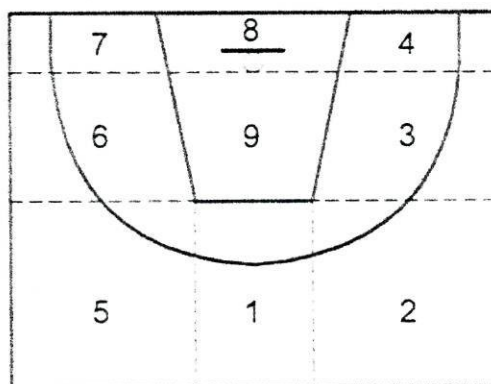


Fig. 4 – Divisão do $\frac{1}{2}$ campo em 9 zonas de acordo com Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Silva, 1996; Cruz, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002.

3.4.1. Formas de recuperação da posse de bola:

A conquista da posse de bola será observada no início de cada sequência ofensiva, correspondendo às seguintes alternativas:

Após Cesto Sofrido - (Acsof.);

Ressalto Defensivo – (Rdef);

Desarme de Lançamento – (DL);

Roubo de Bola – (Rb);

Intercepção – (Int);

Outras Situações – (OS), sempre que se verificam situações que não foram mencionadas devido à sua menor ocorrência (por ex. bola ao ar), ou devido à não participação efectiva na recuperação da bola por parte do jogador (por ex. violação das regras por parte da equipa adversária, etc).

3.4.2. Coeficiente de Eficácia Ofensiva (CEO):

A eficácia ofensiva consiste na razão entre o número de pontos marcados (PM) e o número de posses de bola (PB), i.e., $CEO = \frac{PM}{PB}$.

PB

Este conceito nem sempre foi considerado da mesma maneira, caindo-se na incoerência de que uma equipa que perdia o jogo possuía um CEO mais elevado que a equipa vencedora. Esta situação derivava da existência de uma grande discrepância entre as posses de bola de ambas as equipas, situação esta criada pelo facto de se contabilizar a conquista do ressalto ofensivo como mais uma posse de bola.

Apesar de diversos autores considerarem o Ressalto Ofensivo como uma nova PB, Turcoliver (1990, 1991) redefiniu o conceito ao considerar a conquista do ressalto ofensivo não como uma nova PB mas como um “reavivar” da PB anterior. Desta forma, poderemos constatar que, no final dos jogos, as equipas em confronto usufruem aproximadamente do mesmo número de PB, uma vez que uma equipa não pode dispor de PB consecutivas.

Quadro 4 – Coeficiente de Eficácia Ofensiva (Situação anterior vs. Situação actual, Sampaio, 2000).

Coeficiente de Eficácia Ofensiva vs. Desfecho Final do Jogo	
<u>Situação anterior</u>	
CEO (Equipa A) = PM/PS = 77 / 82 = 0,94	→ Derrota
CEO (Equipa B) = PM/PS = 78 / 89 = 0,88	→ Vitória
<u>Situação actual</u>	
CEO (Equipa A) = PM/PS = 77 / 67 = 1,15	→ Derrota
CEO (Equipa B) = PM/PS = 78 / 66 = 1,18	→ Vitória

Segundo Sampaio (2000), este novo conceito atribui a esta *estatística* uma enorme estabilidade e, conseqüentemente, uma enorme utilidade. De facto, se as equipas dispuserem do mesmo número de PB no jogo, naturalmente que será mais eficaz a que mais pontos converter (i.e., a equipa vencedora).

3.5. Definição dos Conceitos das Fases do Ataque

O jogo de Basquetebol contempla duas fases distintas, definidas pela posse de bola: se uma equipa se encontra na posse de bola, está na fase ofensiva ou de ataque; se, por outro lado, não se encontra na posse de bola, encontra-se, então, na fase defensiva ou defesa (Araújo, 1981; Araújo, 1996; Adelino, 1994; Gomes, 2000).

Em termos ofensivos, pode-se afirmar que as macro-estruturas do jogo são: o contra-ataque (CA), o ataque rápido (AR) e o ataque de posição (AP) (Graça e Oliveira, 1998; Cruz, 1998; Tavares, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002).

3.5.1. Contra-ataque (CA):

É um método de jogo que é entendido como uma sub-fase do ataque em que a equipa que possui a bola tenta surpreender a equipa adversária, ainda desorganizada em termos defensivos, para obter vantagem numérica (Teodurescu, 1984).

Segundo o mesmo autor, o Contra-ataque (CA) é caracterizado por grande velocidade de circulação de bola e dos jogadores, por número de passes reduzidos e por superioridade numérica ou posicional.

Segundo Tavares e Cruz (2002), o CA é uma sub-fase do ataque que se inicia com a recuperação da bola no meio campo defensivo, fazendo a progressão da mesma em direcção ao cesto adversário e tentando a vantagem numérica. Se esta ocorrer com a participação máxima de 3 jogadores, encontramos-nos perante o 1º contra-ataque (1CA); se ocorrer com a participação do 4º ou 5º jogadores, designámo-la por 2º contra-ataque (2CA).

1º Contra-ataque (1CA) – 1x0, 2x1, 3x2;

2º Contra-ataque (2CA) – 4x3, 5x4.

3.5.1.1. Contra-ataque em inferioridade numérica (CAinf):

Como o próprio nome indica, pressupõe os mesmos princípios do CA, mas em inferioridade numérica.

3.5.2. Ataque Rápido (AR):

Quando uma equipa não consegue finalizar em superioridade numérica (vulgo CA), por vezes mantém a sua pressão ofensiva, no sentido de procurar rapidamente uma situação de finalização, aproveitando-se da desorganização defensiva da equipa adversária.

Segundo Tavares e Cruz (2002), se a finalização ocorrer em situação de 5X5, mas na qual se verifica ainda a desorganização defensiva, é designada por Ataque Rápido (AR).

3.5.3. Ataque de Posição (AP):

Segundo Teodorescu (1984), o Ataque de Posição (AP) corresponde a uma forma de jogo em que a construção se baseia numa organização cuidada e, portanto, mais demorada, das acções dos jogadores, numa determinada estrutura ou dispositivo de ataque.

Define-se AP a partir do momento em que todos os jogadores atacantes se encontram no $\frac{1}{2}$ campo ofensivo e nas posições definidas pelo sistema ofensivo a utilizar (Tavares e Cruz, 2002).

3.6. Categorias de Observação

No presente estudo, foram analisadas as sequências ofensivas contra Defesa Individual e Defesa Zona, ficando definidas as seguintes categorias de observação:

- a) origem e frequência do CA, do AR e do AP;
- b) duração das fases do CA, do AR e do AP;
- c) consequência e taxa de sucesso do CA, do AR e do AP;
- d) frequência das zonas de finalização do CA, do AR e do AP;
- e) frequência e taxa de sucesso das estruturas tácticas de 1x1, 2x2 e 3x3 no AP.

3.7. Definição dos intervalos de tempo para a duração das sub-fases do ataque

Para a análise da evolução da duração das sub-fases do ataque observadas, foram definidos intervalos de tempo de igual duração (Cruz, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002), tendo em conta a natureza e caracterização dessas sub-fases, conforme se apresenta no Quadro 5.

De notar que os intervalos de tempo referidos para as sub-fases do ataque, tais como o **CA** e o **AR**, representam o tempo efectivo a partir do momento em que uma equipa conquista a posse de bola até o momento em que finaliza o ataque ou perde a posse da mesma. Em contrapartida, os intervalos de tempo mencionados para a sub-fase **AP** referem-se apenas ao tempo dispendido em cada AP, estando subjacente um intervalo de tempo (desprezado) previamente utilizado na transição da defesa para o AP propriamente dito.

Quadro 5 – Intervalos de tempo para as sub-fases de ataque observadas de acordo com Barata, 1993; Oliveira, 1993; Cruz, 1998; Gomes, 2000; Tavares e Cruz, 2002.

Contra-ataque (CA)	Ataque Rápido (AR)	Ataque de Posição (AP)
1 – 3''	1 – 3''	1 – 6''
4 – 6''	4 – 6''	7 – 12''
7 – 9''	7 – 9''	13 – 18''
10 – 12''	10 – 12''	Mais de 18''
mais de 12''	mais de 12''	-

3.8. Fiabilidade da observação

Após detectados os erros de observação e registo, a fim de minimizarmos a ocorrência dos mesmos, submetemo-nos a um treino de observação pelo período de uma semana, utilizando encontros da amostra do nosso estudo.

Para se proceder à validade da informação recolhida, após a definição de todas as variáveis a observar neste estudo, procedeu-se à determinação da fiabilidade intra-observador. Este procedimento requer a comparação dos dados recolhidos pelo mesmo observador, face à mesma situação, mas em momentos distintos (Sarmiento, 1991; Garganta, 1998; Gomes, 2000; Santos, 2001).

Sendo assim, pode-se testar se, em diferentes momentos, o observador identifica, interpreta e regista da mesma maneira o comportamento de uma ou mais variáveis, com o objectivo de se detectarem e corrigirem erros que possam comprometer a observação.

De acordo com este protocolo de observação, observámos e registámos em dois momentos distintos, com um intervalo de oito dias, todas as sequências ofensivas desenvolvidas pela Selecção da Espanha. Este encontro referia-se à 1ª fase de apuramento da competição em que se lhe opunha a Selecção da Austrália.

Procedeu-se ao cálculo da fiabilidade intra-observador utilizando a fórmula desenvolvida por *Bellack e col.* (1966), nomeadamente no que concerne à constatação de acordos e desacordos entre ambas as observações:

$$\% \text{ de acordos} = \frac{\text{n}^\circ \text{ de acordos}}{\text{n}^\circ \text{ de desacordos}} \times 100$$

Relativamente a cada uma das 15 variáveis, comprovámos a fiabilidade da observação, registando uma elevada concordância (95,2%), em virtude de se verificar que todos os valores se situam acima dos 80%, como referem *Bellack et al.* (1966)*, de acordo com o quadro 6.

* consulta indirecta

Quadro 6 – Percentagem de acordos intra – observador, calculada para as variáveis em estudo.

Variáveis observadas	% acordos Intra - observador
Conquista da <u>posse</u> de bola - Acsof.	100%
Conquista da posse de bola - Rdef.	100%
Reconquista da posse de bola - Rof.	90,9%
Conquista da posse de bola - Rb.	100%
Conquista da posse de bola - Int.	100%
Conquista da posse de bola – Des.lanç.	100%
Reposição da bola pela L.fin.	85,7%
Reposição da bola pela L.lat.	91,7%
TO	83,3%
L.L.t.	100%
L.L. c.	100%
L2pt.	100%
L2pc.	95,0%
L3pt.	90,9%
L3pc.	90,9%

Legenda – Acsof. – Após cesto sofrido; Rdef. – Ressalto defensivo; Rof. – Ressalto ofensivo; Rb. – Roubo bola; Int. – Intercepção; Des.lanç. – Desarme lançamento; L.fin. – Linha final; L.lat. – Linha lateral; TO – *Turnover* ; L.L.t. – Lance Livre tentado; L.L.c. – Lance Livre convertido; L2pt. - Lançamento 2 pontos tentado; L2pc. - Lançamento 2 pontos convertido; L3pt. - Lançamento 3 pontos tentado; L3pc. - Lançamento 3 pontos convertido.

3.9. Procedimentos estatísticos

Para análise comparativa dos dados, recorreu-se aos procedimentos da Estatística Descritiva (média e desvio-padrão) e percentagem dos diferentes indicadores técnicos do jogo entre a Selecção de Portugal e as restantes três Selecções.

Devido ao reduzido número de jogos da amostra do presente estudo, recorreremos aos seguintes testes de Estatística Não Paramétrica:

- Teste de Proporções Independentes;
- Teste do χ^2 ;

- Teste de Kruskal Wallis.

Para o tratamento estatístico dos dados obtidos, utilizámos o programa de estatística SPSS 11.0. O nível de significância foi mantido em 0,05.

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

4.1. Indicadores Técnicos do Jogo

Como se pode constatar no Quadro 7, foram encontradas diferenças, embora sem significado estatístico, para os diferentes indicadores técnicos do jogo, sendo de realçar as variáveis Pontos, %L2p, Rof e CEO, de acordo com o valor de p .

Quadro 7 – Valores médios e desvio padrão dos indicadores técnicos do jogo das Selecções de Portugal, Espanha, EUA e Croácia, relativos ao jogos observados.

	ESP	EUA	CROA	POR		
Variáveis	x±dp	x±dp	x±dp	x±dp	χ^2	p
Pontos	88,33 ± 7,37	86,33 ± 3,05	72,0 ± 10,53	71,66 ± 4,16	7,501	0,058
%L2p	59,00 ± 7,07	54,40 ± 6,39	56,73 ± 5,87	39,26 ± 4,81	6,883	0,076
%L3p	30,96 ± 22,91	39,16 ± 3,60	36,46 ± 23,66	29,73 ± 1,20	1,359	0,715
%Lc	51,26 ± 4,58	50,0 ± 4,05	50,23 ± 11,53	36,30 ± 3,21	4,619	0,202
%L.L.	67,46 ± 18,09	84,63 ± 3,68	73,76 ± 16,93	66,93 ± 7,12	5,667	0,129
Rdef	17,33 ± 6,80	16,0 ± 9,16	24,0 ± 5,29	15,0 ± 7,81	3,898	0,273
Rof	11,0 ± 1,00	10,66 ± 2,88	6,66 ± 0,57	12,66 ± 3,78	6,995	0,072
Des.lanç.	2,0 ± 3,46	4,00 ± 1,73	2,33 ± 2,08	0,0 ± 0,0	4,472	0,215
Rb	5,66 ± 4,04	5,33 ± 1,52	3,0 ± 2,64	7,33 ± 3,05	2,475	0,480
Int.	1,0 ± 1,73	2,0 ± 2,0	2,33 ± 1,52	4,33 ± 4,04	2,181	0,536
TO	11,66 ± 4,93	16,33 ± 2,88	14,33 ± 3,21	11,33 ± 0,57	4,981	0,173
Pb	70,66 ± 4,04	75,33 ± 2,51	71,66 ± 3,51	76,33 ± 6,50	3,484	0,323
CEO	1,24 ± 3,51	1,13 ± 1,73	0,98 ± 0,18	0,94 ± 5,68	7,694	0,053

Nota: As médias e desvios padrão são apresentadas de forma ilustrativa, dado que o teste de Kruskal Wallis não analisa médias. Os valores são em média±desvio padrão.

No Gráfico 2, pode-se constatar que a equipa de Espanha apresenta o valor médio de **pontos** por partida mais elevado (88,33). A equipa de Portugal apresenta uma média de 71,66 pontos, valor esse não muito diferente, apesar de inferior, do valor médio de 72,0 pontos por jogo da equipa da Croácia.

No Gráfico 3, a equipa de Espanha apresenta o valor mais elevado de eficácia de **lançamentos de dois pontos (L2p)**, com uma percentagem média de 59% por jogo, seguida da equipa da Croácia, com 56,73%, contra apenas uma percentagem de 39,26% por partida de Portugal, sendo este o valor mais baixo.

Gráfico 2 – Valores médios de pontos das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

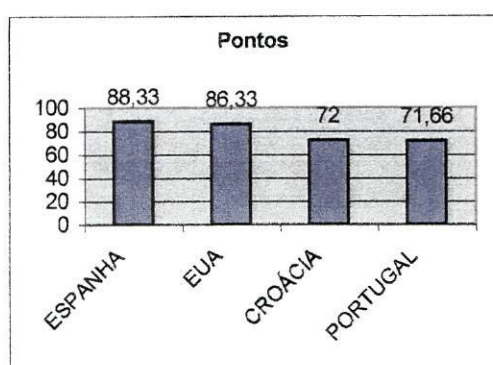
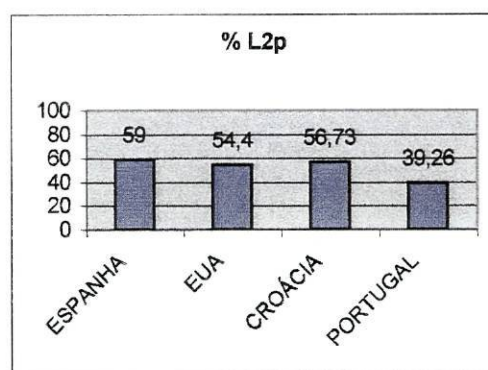


Gráfico 3 – Valor médio da %L2p das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



No Gráfico 4, pode observar-se que os EUA se destacam das restantes equipas com uma percentagem média de eficácia de **lançamentos de três pontos** de 39,16% por jogo, seguida de perto da equipa da Croácia, com 36,46%, e de 29,73% de eficácia média de Portugal, valor este não muito diferente de Espanha, que se situou nos 30,96 %.

Espanha volta a apresentar o valor mais elevado da eficácia dos **Lançamentos de Campo**, com um valor médio por partida de 51,26%, contra apenas 36,30% de Portugal (Gráfico 5).

Conforme o Gráfico 6, os EUA voltaram a ser os mais eficazes, apresentando um valor médio de 84,63% de eficácia dos **Lançamentos-livres (L.L.)**, enquanto Portugal apenas alcançou um valor de 66,93%.

Gráfico 4 – Valor médio da %L3p das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

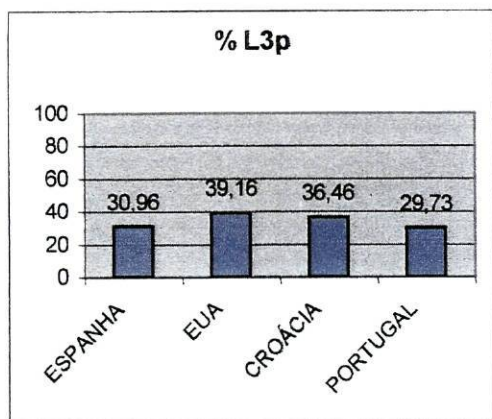


Gráfico 5 – Valor médio da %Lc das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

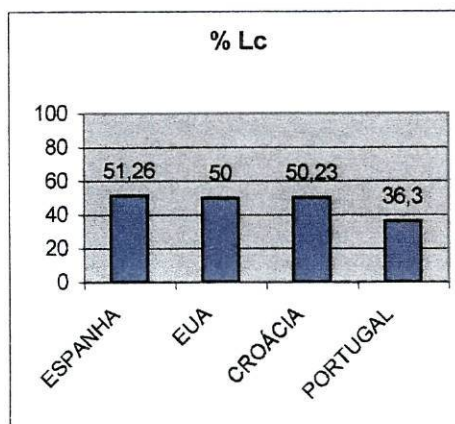
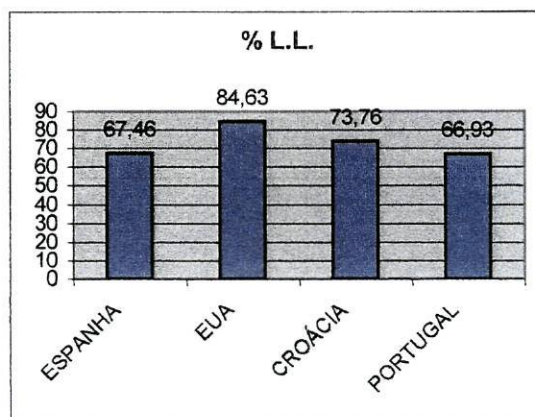


Gráfico 6 – Valor médio da %L.L. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Em termos de **Rdef**, a equipa que mais se destacou foi a da Croácia, com um valor médio de 24,0 Rdef por jogo, enquanto Portugal apenas conseguiu um valor médio de 15,0 Rdef por jogo (Gráfico 7).

No Gráfico 8, pode-se constatar que Portugal apresenta o valor mais elevado de **Rof**, com 12,66 de média, destacando-se relativamente à Croácia, que apenas apresenta um valor de 6,66.

Gráfico 7 – Valor médio dos Rdef das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

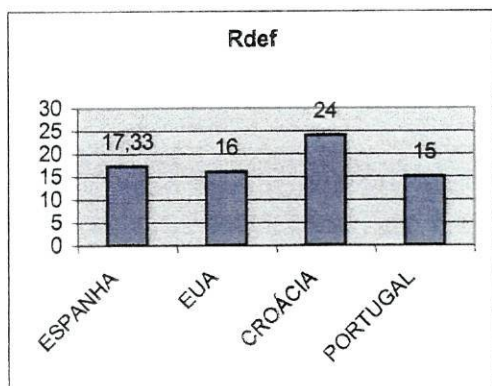
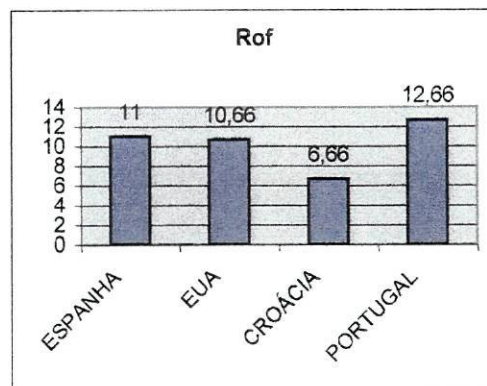
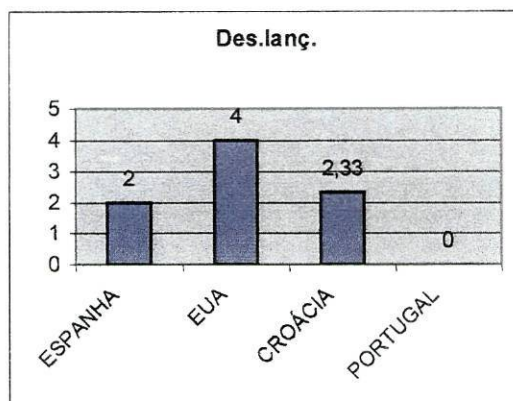


Gráfico 8 – Valor médio dos Rof das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Já em relação aos **Desarmes de Lançamento (Des.lanç.)** (Gráfico 9), Portugal não verificou nenhuma ocorrência, ao contrário das restantes equipas, tendo-se destacado os EUA, que apresenta valores médios de 4,0 Des.lanç. por jogo.

Gráfico 9 – Valor médio dos Des.lanç. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Em relação aos **Roubos de bola (Rb)** (Gráfico 10), Portugal foi a equipa que registou um valor mais elevado, de 7,33 por jogo, ao passo que a Croácia apresenta o valor mais baixo, de 3,0.

Quanto às **Intercepções (Int.)**, Portugal volta a ser a Selecção com o valor mais elevado, de 4,33 por jogo, enquanto que a Espanha apenas apresenta um valor de 1,0 (Gráfico 11).

Gráfico 10 – Valor médio dos Rb das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

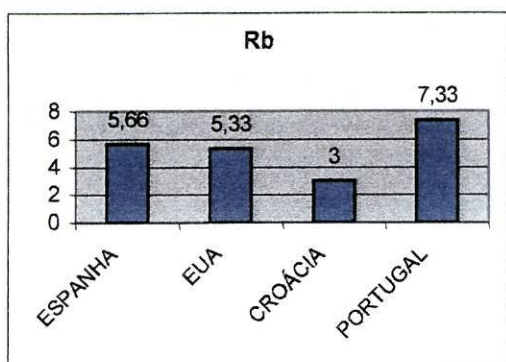
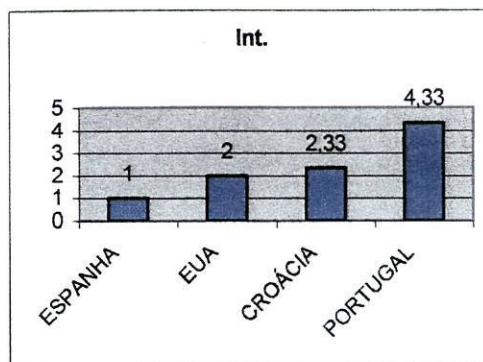


Gráfico 11 – Valor médio das Int. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



No Gráfico 12, constata-se que os EUA apresentam o valor mais elevado de **TO**, sendo este de 16,33 por jogo, enquanto Portugal surge como a equipa que menos TO fez, tendo uma média de 11,33 por encontro.

A equipa que apresenta mais **Pb** por jogo é Portugal, com 76,33, enquanto a Espanha é a que menos regista (70,66 Pb), conforme Gráfico 13.

Gráfico 12 – Valor médio dos TO das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

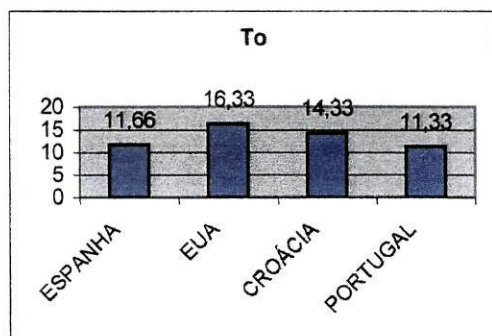
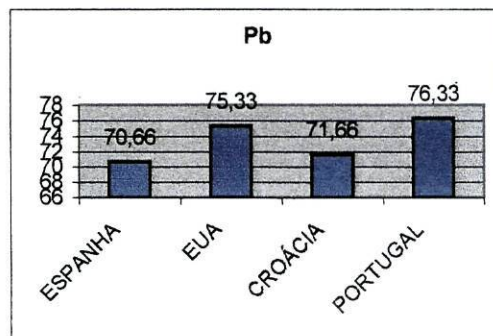
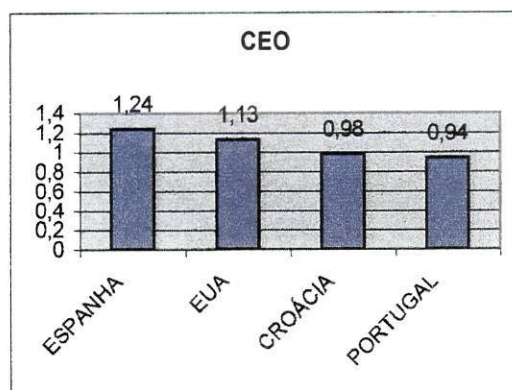


Gráfico 13 – Valor médio das Pb das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Em relação ao último indicador, ou seja, o **Coefficiente de Eficácia Ofensiva (CEO)**, a Espanha apresentou o valor mais elevado (1,24), sendo o de Portugal o valor mais baixo das diferentes Selecções (0,94), como se pode constatar no Gráfico 14.

Gráfico 14 – Valor médio do CEO das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2. Métodos Ofensivos

4.2.1. Relação entre as diferentes Sub-fases do Ataque

Quanto às sub-fases do Ataque, e de acordo com os jogos observados, verificou-se que o método de jogo ofensivo mais utilizado por todas as equipas foi o **Ataque de Posição**, com valores para a Espanha de 76,3%, os EUA de 79,7%, a Croácia de 74,6% e Portugal de 76,5% (Gráfico 15).

Quanto à sub-fase **Contra-ataque** (1CA, 2CA e CAinf.), as equipas da Croácia (16,4%) e Espanha (16,1%) apresentam como o segundo método ofensivo mais utilizado; Portugal (11,7%) e os EUA (10,0%) apresentam valores acentuadamente mais baixos quanto à utilização do CA (Gráfico 16).

Apesar de não se verificarem diferenças estatisticamente significativas quanto à utilização das várias sub-fases do ataque, como se pode constatar nos Quadros 8 e 9, é de realçar o valor de $p = 0,077$, no Ataque de Posição

entre Portugal e os EUA (76,5% e 79,7% respectivamente), valor esse que poderia ser significativo, caso houvesse um número superior de observações.

Gráfico 15 – Valor médio da % AP das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

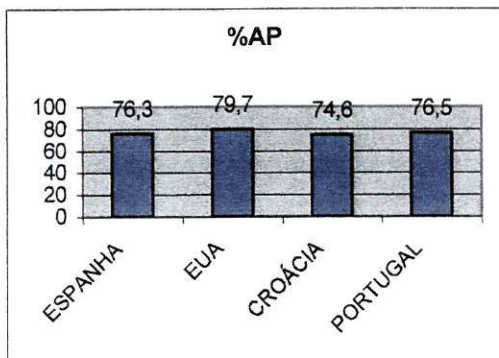
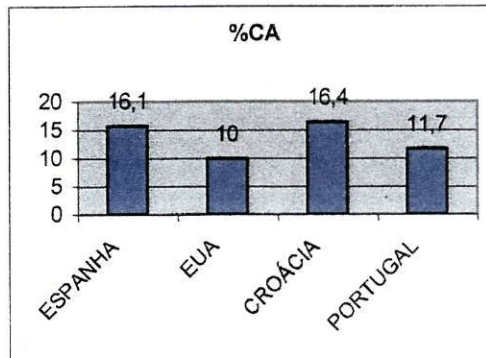


Gráfico 16 – Valor médio da % CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Quadro 8 – Teste de Proporções Independentes dos métodos ofensivos em função do número de jogos de cada equipa.

Equipa	Contra-ataque	Ataque Rápido	Ataque de Posição	Total	z	p
Espanha	34	16	161	211	0,655	0,513
	16,1%	7,6%	76,3%	100%		
Portugal	27	28	174	229		
	11,7%	11,7%	76,5%	100%		
EUA	23	23	180	226	0,218	0,827
	10,0%	10,1%	79,7%	100%		
Portugal	27	28	174	229		
	11,7%	11,7%	76,5%	100%		
Croácia	36	19	160	215	0,655	0,513
	16,4%	8,8%	74,6%	100%		
Portugal	27	28	174	229		
	11,7%	11,7%	76,5%	100%		
Total	120	86	675	881		
	13,6%	9,8%	76,6%	100%		

Quadro 9 – Teste de Proporções Independentes dos métodos ofensivos (CA, AR e AP) em função do número de jogos de cada equipa.

	Espanha	Portugal	EUA	Portugal	Croácia	Portugal	Total
CA	34	27	23	27	36	27	120
	16,1%	11,7%	10,0%	11,7%	16,4%	11,7%	13,6%
Z	0,655		0,443		0,886		
p	0,513		0,658		0,376		
AR	16	28	23	28	19	28	86
	7,6%	11,7%	10,1%	11,7%	8,8%	11,7%	9,8%
z	0,664		0,218		0,443		
p	0,507		0,827		0,658		
AP	161	174	180	174	160	174	675
	76,3%	76,5%	79,7%	76,5%	74,6%	76,5%	76,6%
z	0,664		1,771		0,886		
p	0,507		0,077		0,376		

Em relação ao **1CA**, a Croácia foi a equipa que mais recorreu a este método, com uma média de cerca de 12,8% de acções por jogo, seguida de Espanha, com 10,5%, dos EUA, com 8,3% e, por fim, de Portugal, com apenas 5,7%, valor acentuadamente mais baixo relativamente aos de Espanha e dos EUA (Gráfico 17).

Quanto ao **2CA**, os valores encontrados não revelam expressão significativa para as equipas (Gráfico 18).

Gráfico 17 – Valor médio da % 1CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

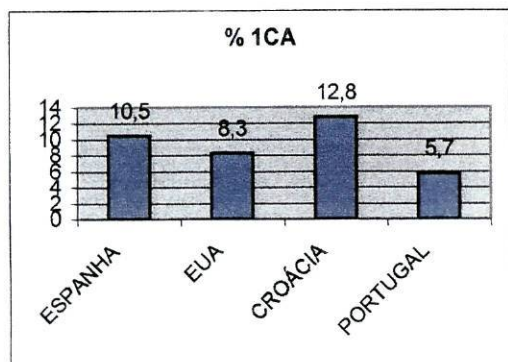
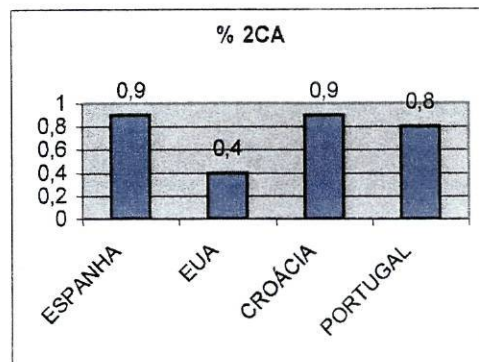


Gráfico 18 – Valor médio da % 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Nas acções de **CAinf.**, Portugal foi a equipa que mais utilizou este método, com uma média de cerca de 5,2% de acções por jogo, seguida de Espanha, com 4,3%, da Croácia, com 2,7%, e, por fim, dos EUA, com apenas 1,3%, verificando-se diferenças estatisticamente significativas neste método dos EUA para Espanha e Portugal (Gráfico 19).

Portugal foi a Selecção que mais **AR** utilizou, na mesma proporção que o CA, com 11,7% das acções, seguido dos EUA, com 10,1%, da Croácia, com 8,8%, e, por fim, da Espanha, com 7,6% das acções ofensivas (Gráfico 20).

Gráfico 19 – Valor médio da % CAinf das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

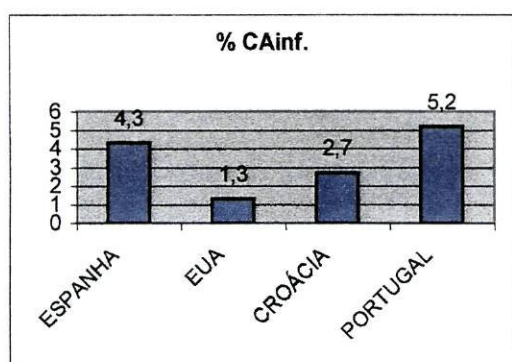
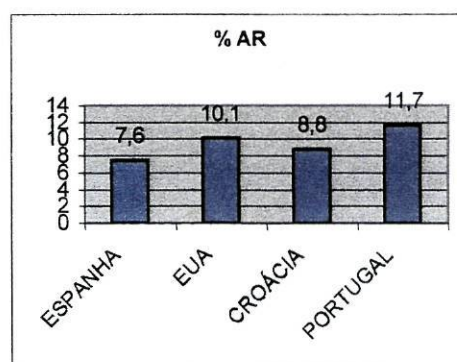


Gráfico 20 – Valor médio da % AR das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.2. Origem e consequência das Posses de Bola

4.2.2.1. Origens do 1CA

Tendo em conta a forma como as equipas recuperam a posse de bola, p. ex., após cesto sofrido, ressalto defensivo, *etc*, poderemos constatar que, de acordo com as diferentes fases do ataque, existe uma certa homogeneidade nessas origens.

Em relação ao **1CA**, o **Rdef** surge na sua origem apenas com 36,8% para Portugal, sendo a principal origem desta sub-fase de ataque para as restantes equipas, com cerca de 60% para a Croácia, 56,7% para a Espanha e 52,6% para os EUA.

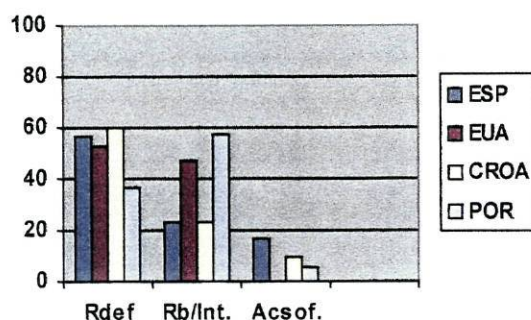
Os **Rb/Int.** surgem como a origem principal do 1CA para Portugal (57,9%), surgindo como a segunda origem mais frequente para os EUA, com 47,4%, a Espanha e a Croácia, que apresentam 23,3%, *ex æquo*.

A terceira origem mais frequente para todas as selecções são **Acsof.**, registando Portugal apenas 5,3%, a Espanha 16,7% e a Croácia 10,0%; exceptuam-se os EUA, que não realizaram nenhum 1CA Acsof (conforme Quadro 10 e Gráfico 21).

Quadro 10 – Origem do 1CA e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Origem do 1CA	Rdef	Rb/Int.	Acsof.
ESP	56,7%	23,3%	16,7
EUA	52,6%	47,4%	-
CROA	60,0%	23,3%	10,0%
POR	36,8%	57,9%	5,3%

Gráfico 21 – Origem do 1CA (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



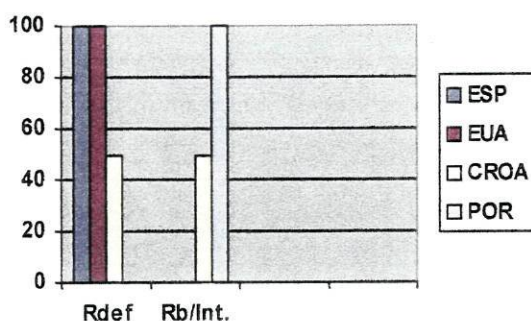
4.2.2.2. Origens do 2CA

As acções de 2CA têm a sua origem muito bem definida, sendo o **Rdef** a única origem para a Espanha e os EUA, com 100% em ambas as equipas; a Croácia apresenta cerca de 50,0% para os **Rdef** e outros 50,0% para os **Rb/Int.**, enquanto que, para Portugal, o 2CA tem apenas origem após **Rb/Int.** (conforme Quadro 11 e Gráfico 22).

Quadro 11 – Origem do 2CA e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Origem do 2CA	Rdef	Rb/Int.
ESP	100%	-
EUA	100%	-
CROA	50,0%	50,0%
POR	-	100%

Gráfico 22 – Origem do 2CA (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



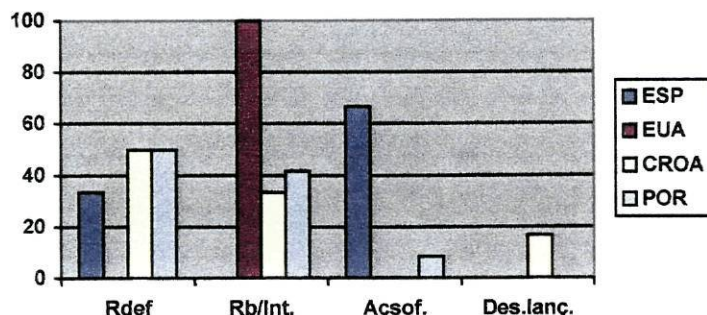
4.2.2.3. Origens do CAinf.

Poderemos referir que, nesta sub-fase, não existe uma convergência nas origens. Para Espanha, estas acções surgem em 66,7% **Acsof.** e 33,3% após **Rdef**. Quanto aos EUA, o CAinf. realizou-se sempre após **Rb/Int.**. Para a Croácia, em 50,0% após **Rdef**, 33,3% através de **Rb/Int.** e somente 16,7% após **Des.lanç.**. Para Portugal, 50,0% dos CAinf. realizaram-se depois da conquista do **Rdef**, 41,7% após **Rb/Int.** e apenas 8,3% **Acsof.** (conforme Quadro 12 e Gráfico 23).

Quadro 12 – Origem do CAinf e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Origem do CAinf.	Rdef	Rb/Int.	Acsof.	Des.lanç.
ESP	33,3%	-	66,7%	-
EUA	-	100%	-	-
CROA	50,0%	33,3%	-	16,7%
POR	50,0%	41,7%	8,3%	-

Gráfico 23 – Origem do CAinf (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.2.4. Origens do AR

Para todas as Selecções, o AR tem a sua maior origem **Acsof**, apresentando Espanha 53,3%, os EUA 63,6%, a Croácia 68,4% e Portugal 85,7% (conforme Quadro 13 e Gráfico 24).

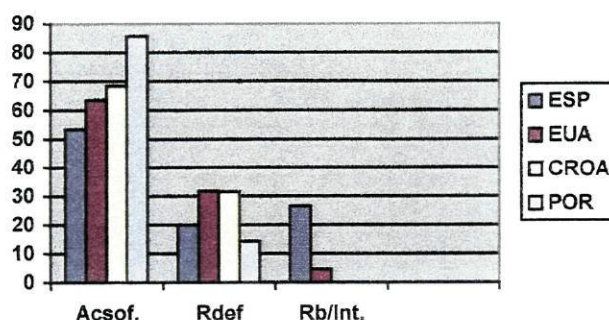
A segunda maior frequência do AR para os EUA (31,8%), Croácia (31,6%) e Portugal (14,3%) tem origem após **Rdef**. Já para Espanha, a sua segunda maior frequência tem origem após **Rb/Int.**, com 26,7%.

Em relação a outras origens do AR, Espanha apresenta 20,0% para o **Rdef**, enquanto os EUA apresentam 4,5% para os **Rb/Int.**

Quadro 13 – Origem do AR e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Origem do AR	Acsof.	Rdef	Rb/Int.
ESP	53,3%	20,0%	26,7%
EUA	63,6%	31,8%	4,5%
CROA	68,4%	31,6%	-
POR	85,7%	14,3%	-

Gráfico 24 – Origem do AR (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.2.5. Origens do AP

As acções ofensivas de AP são originadas com maior frequência **Acsof.** para todas as Selecções (Espanha 55,6%; Portugal 51,5%; EUA 51,3%; e Croácia 48,1%) (conforme Quadro 14 e Gráfico 25).

A conquista do **Rdef** surge como a segunda origem mais frequente no AP da Espanha (17,5%), dos EUA (19,4%), da Croácia (35,1%) e de Portugal (18,8%).

O **Rof** surge com os mesmos valores do Rdef na origem do AP na Selecção da Espanha com 17,5%, dos EUA com 19,4%, e de Portugal com 18,8%, dando origem apenas a 8,4% dos AP da Croácia.

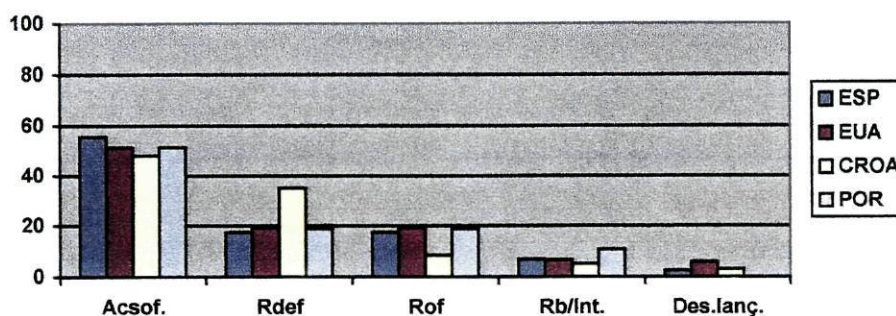
Os **Rb/Int.** foram a quarta origem dos AP para todas as Selecções, apresentando Espanha o valor de 6,9%, os EUA 6,8%, a Croácia 5,2% e Portugal 10,9%.

De referir que Espanha (com 2,6%), os EUA (com 5,8%) e a Croácia (com 3,2%) efectuaram AP com origem em **Des.lanç.** Portugal, em todos os jogos observados, não realizou nenhum Des.lanç..

³ O Rof foi contabilizado como uma possível origem do AP, pois muitas das vezes as Selecções, após o mesmo, desenvolviam novamente o seu AP, já que dispunham de mais 30 segundos; em termos de coeficiente de eficácia ofensiva, o Rof apenas permitia um reavivar do ataque, já que consistia na mesma posse de bola.

Quadro 14 – Origem do AP e respectiva % nas equipas de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Origem do AP	Acsof.	Rdef	Rof ²	Rb/Int.	Des.lanç.
ESP	55,6%	17,5%	17,5%	6,9%	2,6%
EUA	51,3%	19,4%	19,4%	6,8%	5,8%
CROA	48,1%	35,1%	8,4%	5,2%	3,2%
POR	51,5%	18,8%	18,8%	10,9%	-

Gráfico 25 – Origem do AP (valores percentuais) nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

4.2.3. Zonas de Finalização

A zona de finalização predominante para a globalidade das equipas é a zona **Z8**, dado que a sua frequência relativa é sempre a mais elevada, quando comparada às demais zonas (Espanha – 36,5%; EUA – 29,9%; Croácia – 26,9%; e Portugal – 24,0%) (ver Quadro 15).

A segunda zona preferencial foi a zona **Z9**, apresentando a Croácia 26,3%, os EUA 24,5%, Portugal 21,3% e a Espanha 16,9%.

Quanto à terceira zona preferencial para a finalização, a Espanha apresenta a zona **Z3**, com 10,1%, os EUA a zona **Z5**, com 9,8%, a Croácia a zona **Z6**, com 12,9%, e Portugal as zonas **Z1** e **Z5**, *ex æquo* com 10,2%.

No Quadro 16, estão referenciadas todas as zonas de ataque, estando assinalada a **Bold** aquela onde se verificam diferenças estatisticamente

significativas ($p < 0,05$). Ressalva-se, porém, que, dado o reduzido número de jogos observados, o que condiciona os graus de liberdade na análise estatística, eventualmente poder-se-iam encontrar diferenças estatisticamente significativas nas zonas Z1, Z2, Z6 e Z8 (Z1 – $p=0,061$; Z2 – $p=0,053$; Z6 – $p=0,055$ e Z8 – $p=0,060$) caso a amostra fosse maior, visto que os valores de p se aproximam substancialmente de 0,05.

Quadro 15 – Zonas de preferência de lançamentos em valores absolutos e relativos, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9
ESPAÑA									
Valor absoluto	12	12	18	6	16	12	7	65	30
Valor relativo	6,7%	6,7%	10,1%	3,4%	9,0%	6,7%	3,9%	36,5%	16,9%
EUA									
Valor absoluto	12	15	11	5	18	14	9	55	45
Valor relativo	6,5%	8,2%	6,0%	2,7%	9,8%	7,6%	4,9%	29,9%	24,5%
CROÁCIA									
Valor absoluto	10	7	13	2	17	22	9	46	45
Valor relativo	5,8%	4,1%	7,6%	1,2%	9,9%	12,9%	5,3%	26,9%	26,3%
PORTUGAL									
Valor absoluto	23	21	18	7	23	18	13	54	48
Valor relativo	10,2%	9,3%	8,0%	3,1%	10,2%	8,0%	5,8%	24,0%	21,3%

Quadro 16 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

ZONA	ESPANHA	EUA	CROÁCIA	PORTUGAL	χ^2	p
Z1	12	12	10	23	7,374	0,061
Z2	12	15	7	21	7,668	0,053
Z3	18	11	13	18	4,943	0,176
Z4	6	5	2	7	4,161	0,245
Z5	16	18	17	23	4,148	0,246
Z6	12	14	22	18	7,612	0,055
Z7	7	9	9	13	3,680	0,298
Z8	65	55	46	54	7,400	0,060
Z9	30	45	45	48	9,412	0,024*

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

4.2.3.1. Contra-Ataque

As zonas preferenciais de finalização nesta sub-fase do ataque são, de uma maneira geral, a Z8 e Z9 (conforme Quadro 17).

A **Espanha**, em termos de **CA**, apenas efectuou lançamentos das zonas Z5, Z6, Z8 e Z9, salientando-se a **Z8** como a mais frequente.

Quanto à Selecção dos **EUA**, as zonas utilizadas para a finalização corresponderam às: Z3, Z8 e Z9, destacando-se a **Z8** como a mais utilizada.

A **Croácia** efectuou lançamentos das zonas: Z2, Z7, Z8 e Z9, sendo a **Z8** a mais frequente.

Relativamente a **Portugal**, as zonas Z2, Z3, Z8 e Z9 foram as utilizadas, com predominância para a zona **Z8**.

De acordo com o Quadro 18, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na utilização da zona Z9 entre as Selecções de Portugal e dos EUA (*Mean Rank* de Portugal = 11,00; *Mean Rank* dos EUA = 2,33).

Quadro 17 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Contra-Ataque (CA) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	CA	
	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Total
ESPANHA	-	-	-	-	1	1	-	19	6	27
EUA	-	-	1	-	-	-	-	14	1	16
CROÁCIA	-	1	-	-	-	-	2	16	6	25
PORTUGAL	-	2	1	-	-	-	-	13	8	24
Total	-	3	2	-	1	1	2	62	21	92

Nota: Os valores a *Bold* são aqueles que foram mais frequentes em determinada zona, i.e., correspondem à selecção que mais vezes utilizou essa zona.

Quadro 18 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Contra-ataque.

CA	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9
χ^2	0,000	4,481	2,200	0,000	3,000	3,000	3,000	2,684	8,910
p	1,000	0,214	0,532	1,000	0,392	0,392	0,392	0,443	0,031*
	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>
ESPANHA	6,50	5,00	5,50	6,50	8,00	8,00	6,00	9,00	6,33
EUA	6,50	5,00	7,50	6,50	6,00	6,00	6,00	5,33	2,33
CROÁCIA	6,50	7,00	5,50	6,50	6,00	6,00	8,00	7,00	6,33
PORTUGAL	6,50	9,00	7,50	6,50	6,00	6,00	6,00	4,67	11,00

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

4.2.3.2. Ataque Rápido (AR)

Portugal relativamente a esta sub-fase (AR), apenas não utilizou a zona Z2, dando preferência à zona Z8.

Espanha utilizou as zonas: Z1, Z3, Z6, Z7, Z8 e Z9, com predominância para a zona Z8 (ver Quadro 19).

Os **EUA** utilizaram todas as zonas, com uma maior incidência da zona **Z8**.

A **Croácia** utilizou as zonas: **Z3**, **Z5**, **Z6**, **Z8** e **Z9**, com predominância para as zonas **Z8** e **Z9**.

De acordo com o Quadro 20, não se verificaram diferenças significativas na utilização das diferentes zonas por parte das equipas no AR.

Quadro 19 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Ataque Rápido (AR) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

	AR	AR	AR	AR	AR	AR	AR	AR	AR	
	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Total
ESPANHA	1	-	1	-	-	1	1	7	3	14
EUA	1	2	1	2	1	3	1	5	1	17
CROÁCIA	-	-	2	-	3	1	-	6	6	18
PORTUGAL	3	-	2	2	1	2	1	8	7	26
Total	5	2	6	4	5	7	3	26	17	75

Nota: Os valores a *Bold* são aqueles que foram mais frequentes em determinada zona, i.e., correspondem à selecção que mais vezes utilizou essa zona.

Quadro 20 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Ataque Rápido.

AR	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9
χ^2	3,167	6,600	1,222	5,500	3,167	1,698	1,222	1,026	6,523
p	0,367	0,086	0,748	0,139	0,367	0,637	0,748	0,795	0,089
	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank	Mean Rank
ESPANHA	6,33	5,50	5,50	4,50	4,50	5,33	7,00	7,00	5,17
EUA	6,33	9,50	5,50	8,50	6,33	8,17	7,00	5,17	3,00
CROÁCIA	4,50	5,50	7,50	4,50	8,83	5,33	5,00	6,00	8,33
PORTUGAL	8,83	5,50	7,50	8,50	6,33	7,17	7,00	7,83	9,50

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

4.2.3.3. Ataque Posição (AP)

Portugal, relativamente a esta sub-fase (AP), utilizou todas as zonas, com predominância para as zonas **Z8** e **Z9**, com o mesmo valor absoluto (ver Quadros 21 e 26).

Espanha utilizou todas as zonas, com predominância para a zona **Z8** (ver Quadros 21 e 23).

Os **EUA** utilizaram todas as zonas, com uma maior incidência da zona **Z9** (ver Quadros 21 e 24).

A **Croácia** utilizou todas as zonas, com predominância para a zona **Z9** (ver Quadros 21 e 25).

De acordo com o Quadro 22, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas na utilização da zona Z6 entre as Selecções de Espanha e da Croácia (*Mean Rank* de Espanha = 3,50; *Mean Rank* da Croácia = 10,67). De realçar, igualmente, as zonas Z1 e Z9, onde o valor de *p* se aproxima dos 0,05 (*p* = 0,063 e *p* = 0,052, respectivamente), valores esses que poderiam, eventualmente, apresentar uma diferença significativa entre as equipas de Portugal e de Espanha na zona Z1 (*Mean Rank* de Portugal = 11,00; *Mean Rank* de Espanha = 4,00) e dos EUA e Espanha para a zona Z9 (*Mean Rank* dos EUA = 10,00; *Mean Rank* de Espanha = 2,00), caso o número de observações fosse mais vasto.

Quadro 21 – Valores absolutos das preferências do método ofensivo do Ataque de Posição (AP) utilizado pelas quatro equipas em relação às zonas de finalização.

	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	
	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9	Total
ESPAÑHA	11	12	17	6	15	10	6	39	21	137
EUA	11	13	9	3	17	11	8	36	43	151
CROÁCIA	10	6	11	2	14	21	7	24	33	128
PORTUGAL	20	19	15	5	22	16	12	33	33	175
Total	52	50	52	16	68	58	33	132	130	591

Nota: Os valores a *Bold* são aqueles que foram mais frequentes em determinada zona, i.e., correspondem à selecção que mais vezes utilizou essa zona.

Quadro 22 – Teste χ^2 às zonas de finalização das acções ofensivas das equipas de ESP, EUA, CROA e POR no Ataque de Posição.

AP	Z1	Z2	Z3	Z4	Z5	Z6	Z7	Z8	Z9
χ^2	7,292	7,005	4,911	4,184	6,257	7,903	3,573	5,626	7,723
p	0,063	0,072	0,178	0,242	0,100	0,048*	0,311	0,131	0,052
	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>	<i>Mean Rank</i>
ESPAÑA	4,00	6,17	9,33	8,83	4,67	3,50	4,67	9,17	2,00
EUA	6,17	6,83	3,50	5,33	6,50	4,17	6,33	7,83	10,00
CROÁCIA	4,83	2,67	5,33	3,83	4,17	10,67	5,33	2,67	7,00
PORTUGAL	11,00	10,33	7,83	8,00	10,67	7,67	9,67	6,33	7,00

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

A aplicação do teste Kruskal-Wallis revelou diferenças estatisticamente significativas dentro de cada equipa quanto às sub-fases utilizadas em relação às zonas de finalização. Assim, para Portugal, temos os valores de $\chi^2 = 22,487$ e $p = 0,004$; para Espanha, $\chi^2 = 20,087$ e $p = 0,010$; para os EUA, os valores de $\chi^2 = 22,329$ e $p = 0,004$; e para a Croácia, temos $\chi^2 = 22,487$ e $p = 0,004$.

Quadro 23 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pela Espanha em relação às zonas de finalização.

ESPAÑA					
ZONAS	CA	AR	AP	Total	Mean Rank
Z1	-	1	11	12	11,83
Z2	-	-	12	12	11,33
Z3	-	1	17	18	17,00
Z4	-	-	6	6	4,50
Z5	1	-	15	16	15,50
Z6	1	1	10	12	11,17
Z7	-	1	6	7	5,67
Z8	19	7	39	65	26,00
Z9	6	3	21	30	23,00
Total	27	14	137	178	

Quadro 24 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pelos EUA em relação às zonas de finalização.

EUA					
ZONAS	CA	AR	AP	Total	Mean Rank
Z1	-	1	11	12	11,00
Z2	-	2	13	15	14,17
Z3	1	1	9	11	9,17
Z4	-	2	3	5	3,00
Z5	-	1	17	18	18,67
Z6	-	3	11	14	14,67
Z7	-	1	8	9	6,33
Z8	14	5	36	55	25,67
Z9	1	1	43	45	23,33
Total	16	17	151	184	

Quadro 25 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados pela Croácia em relação às zonas de finalização.

CROÁCIA					
ZONAS	CA	AR	AP	Total	Mean Rank
Z1	-	-	10	10	10,50
Z2	1	-	6	7	7,00
Z3	-	2	11	13	14,50
Z4	-	-	2	2	2,33
Z5	-	3	14	17	14,17
Z6	-	1	21	22	19,17
Z7	2	-	7	9	9,33
Z8	16	6	24	46	24,50
Z9	6	6	33	45	24,50
Total	25	18	128	171	

Quadro 26 – Valores absolutos das preferências dos métodos ofensivos utilizados por Portugal em relação às zonas de finalização.

PORTUGAL					
ZONAS	CA	AR	AP	Total	<i>Mean Rank</i>
Z1	-	3	20	23	16,33
Z2	2	-	19	21	14,17
Z3	1	2	15	18	11,17
Z4	-	2	5	7	2,17
Z5	-	1	22	23	17,00
Z6	-	2	16	18	10,33
Z7	-	1	12	13	5,83
Z8	13	8	33	54	23,33
Z9	8	7	33	48	25,67
Total	24	26	175	225	

4.2.4. Eficácia do Ataque

4.2.4.1. Consequências do 1CA

O **1CA**, na maioria das situações, culmina com lançamento ao cesto, verificando-se uma taxa de sucesso bastante elevada para os EUA, com 73,8% de êxito, assim como para a Espanha, com cerca de 71,4% de sucesso, ao contrário de Portugal, com 46,0%, e da Croácia, que apenas regista 44,3% de sucesso, valores acentuadamente mais baixos (Gráfico 26).

É de salientar que Portugal foi a equipa que menos **TO** realizou no **1CA**, com uma média de 4,8% (em contrapartida Portugal apresenta apenas 46,0% de eficácia no **1CA**), em conjunto com os EUA, que apresentou um valor de 8,3%. Já a Espanha, com 19,1%, e a Croácia, com 30,5%, de **TO**, destacaram-se de Portugal e dos EUA, com valores acentuadamente mais elevados (conforme Gráfico 27).

Gráfico 26 – Relação percentual da eficácia do 1CA nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

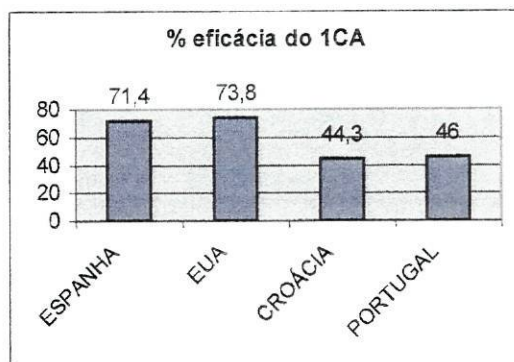
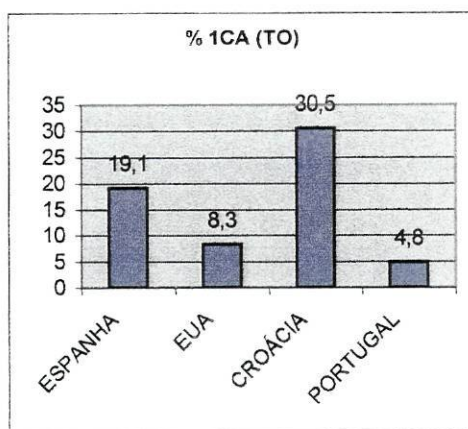


Gráfico 27 – Relação percentual entre 1CA vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.4.2. Consequências do 2CA

As acções protagonizadas pelo 4º e 5º homem na concretização do CA, vulgos 1º e 2º *Trailer*, não alcançam expressão nos jogos observados, devido ao número muito reduzido, ou inexistente, deste tipo de finalização (conforme Gráficos 28 e 29).

De referir que a **Espanha**, num total de 34 acções de CA (1Ca + 2CA + CAinf) apenas efectuou duas acções (5,9%) com a participação do 1º *trailer* (4º jogador), tendo alcançado sucesso apenas numa, culminando com a marcação de dois pontos, e, na outra, ficando-se por um lançamento ao cesto, mas sem concretizar.

Já os **EUA**, em 23 acções de CA, apenas realizou uma (4,3%) com a participação do 5 homem (*2º triller*), tendo obtido êxito na mesma com a concretização de dois pontos.

Quanto à **Croácia**, em 36 acções de CA, apenas realizou duas acções (5,6%) com a participação do 4º homem (*1º triller*), tendo convertido dois pontos numa delas.

Portugal, em 27 acções de CA, realizou duas de 2CA (7,4%), concretizando com dois pontos a acção com o 5º homem (*2º triller*) e apenas efectuando um lançamento ao cesto, sem êxito, com o 4º homem (*1º triller*).

Gráfico 28 – Relação percentual do 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

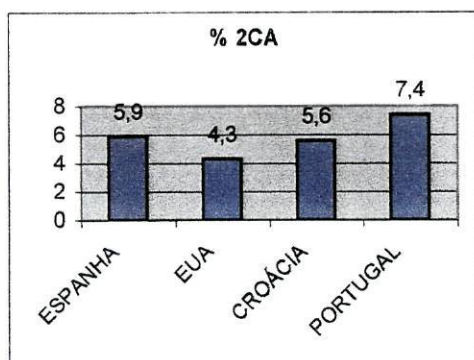
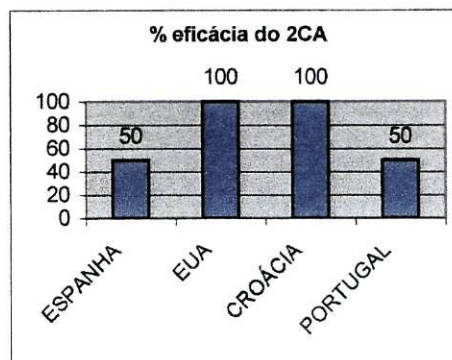


Gráfico 29 – Relação percentual da eficácia do 2CA das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.4.3. Consequências do CAinf.

Os CAinf. culminam, na sua maioria, com lançamento ao cesto. De referir que, no total das acções ofensivas de CAinf., Espanha apresenta um valor médio de 68,9% das acções com concretização de pontos, os EUA um valor de 50,0% de eficácia, Portugal um valor de 43,9% e, por fim, a Croácia com um valor de 27,8% de eficácia, sendo este valor estatisticamente diferente (conforme Gráficos 30 e 31).

Relativamente à eficácia deste método ofensivo, a Croácia apresentou valores muito baixos de eficácia, tendo sido a única equipa a realizar TO com uma média de 61,1% de acções sem lançamento ao cesto (perda de bola).

Gráfico 30 – Relação percentual do CAinf. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

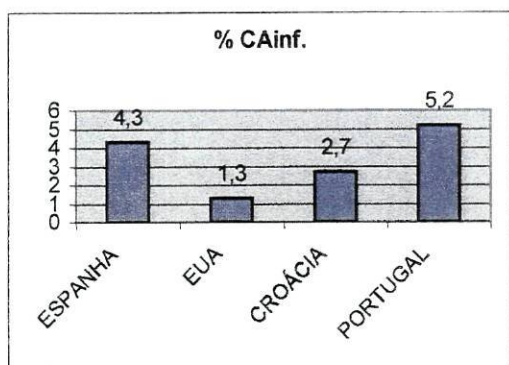
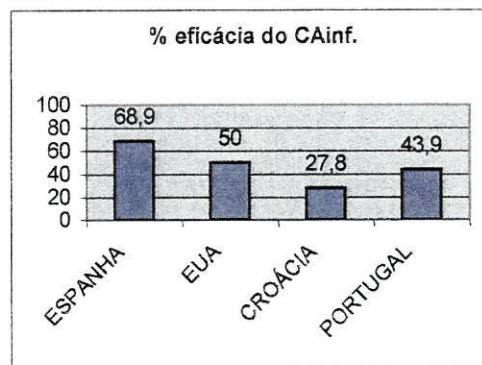


Gráfico 31 – Relação percentual da eficácia do CAinf. das equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



Para uma visão global do número das acções de contra-ataque (1CA, 2CA e CAinf.), apresentamos o Quadro 27.

Quadro 27 – Número de acções de CA nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

	ESPANHA	EUA	CROÁCIA	PORTUGAL
1CA	23	19	28	13
2CA	2	1	2	2
CAinf	9	3	6	12
TOTAL	34	23	36	27

4.2.4.4. Consequências do AR

Assim como as restantes sub-fases de ataque, o AR apresenta valores de eficácia relativamente altos para todas as equipas, culminando, de uma

maneira geral, as diferentes acções com lançamento ao cesto, apresentando uma dispersão muito homogénea de valores.

A Croácia é a equipa mais eficaz nos AR, com uma média de 64,9% de acções transformadas em pontos, seguida da Espanha, que consegue concretizar, em média, em cerca de 56,7% das acções, enquanto Portugal e os EUA apenas concretizaram em cerca de 52,7% e 48,6%, respectivamente (conforme Gráfico 32).

Portugal, em todas os AR, conseguiu efectuar lançamentos ao cesto, não realizando nenhum TO, apesar de ser apenas a terceira equipa com melhor aproveitamento (conforme Gráfico 33).

Gráfico 32 – Relação percentual da eficácia do AR nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

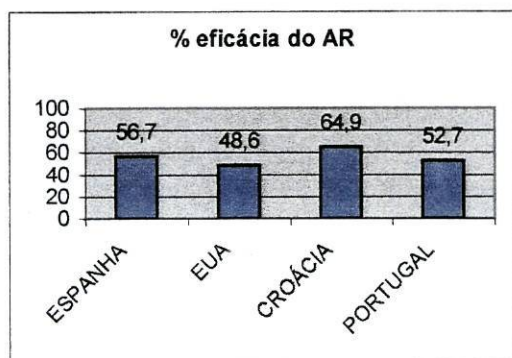
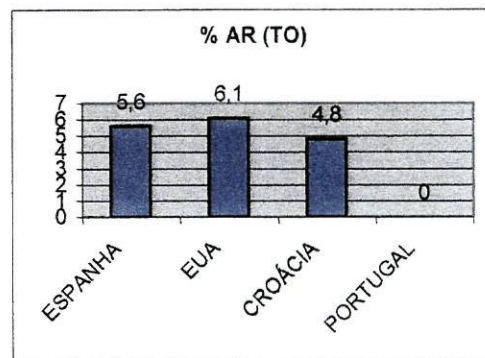


Gráfico 33 – Relação percentual entre AR vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.4.5. Consequências do AP

Em termos de AP, as diferentes Selecções apresentam uma taxa de eficácia de concretização decrescente, de acordo com a classificação obtida. Sendo assim, Espanha apresenta uma média de 49,0% das acções do AP com ponto, os EUA 43,3%, a Croácia 41,2% e, por fim, Portugal apenas 33,2%, destacando-se negativamente face às restantes equipas, com diferenças estatisticamente significativas (Gráfico 34).

No AP, em média, os EUA realizaram 26,8% dos mesmos com perda de bola (TO), a Croácia 23,2%, Portugal 19,0% e a Espanha apenas 18,7%, sendo a Selecção que relativa e percentualmente mais tentativas de lançamento efectuou (conforme Gráfico 35).

Gráfico 34 – Relação percentual da eficácia do AP nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

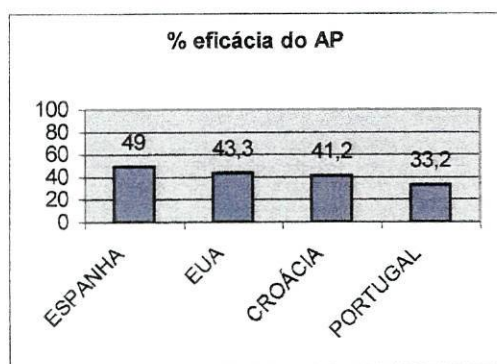
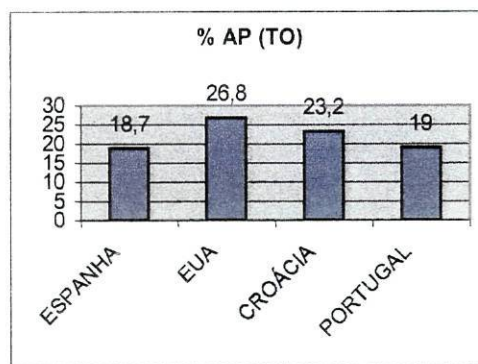


Gráfico 35 – Relação percentual entre AP vs. TO nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.



4.2.5. Relação do Ataque contra Defesa HxH vs. Defesa Zona

Tendo em conta os jogos observados, e baseando-nos apenas na análise dos métodos ofensivos, não poderíamos deixar de diferenciar os mesmos relativamente ao tipo de defesa apresentada pelas equipas adversárias. Sendo assim, e porque na maioria dos jogos se verificaram alternância entre defesa HxH e defesa Zona, passamos a referir, conforme Quadro 28, que:

- A **Espanha** atacou **defesa HxH** em **68,3%** das acções ofensivas de AP; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p, apresentou uma eficácia de 51,5%; nos L3p apresentou uma eficácia de 35,7%; e nos L.L. uma eficácia de 70,1%. Apresentou um total de 17 TO em 110 acções de ataque, equivalendo a 15,7% de TO. Contra **defesa Zona**, atacou em cerca de 31,7%; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p apresentou uma

eficácia de 44,4%, aos L3p apresentou uma eficácia de 28,6% e aos L.L uma eficácia de 66,7%. Apresentou um total de 8 TO em 51 acções de ataque, equivalendo a 15,7% de TO.

- Os **EUA** atacaram **defesa HxH** em 85,0% das acções ofensivas de AP; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p apresentou uma eficácia de 48,9%, nos L3p apresentou uma eficácia de 33,3% e nos L.L. uma eficácia de 83,9%. Realizaram um total de 33 TO em 150 acções de ataque, equivalendo a 22,0% de TO. Contra **defesa Zona** atacou apenas 15,0%; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p apresentou uma eficácia de 62,5%, aos L3p apresentou uma eficácia de 33,3% e aos L.L. uma eficácia de 50,0%. Realizou um total de 8 TO em 27 acções de ataque, equivalendo a 29,6% de TO.
- A **Croácia** atacou **defesa HxH** em 61,9% das acções ofensivas de AP; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p, apresentou uma eficácia de 59,3%; aos L3p, apresentou uma eficácia de 65,0%; e aos L.L., uma eficácia de 76,5%. Realizou um total de 28 TO em 99 acções de ataque, equivalendo a 28,3% de TO. Contra **defesa Zona**, atacou 38,1%; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p, apresentou uma eficácia de 40,0%, aos L3p apresentou uma eficácia de 17,4% e aos L.L. uma eficácia de 100,0%. Realizou um total de 15 TO em 61 acções de ataque, equivalendo a 24,6% de TO.
- **Portugal** atacou **defesa HxH** em 88,5% das acções ofensivas de AP; contra este tipo de defesa, em relação aos L2p, apresentou uma eficácia de 34,7%; aos L3p, apresentou uma eficácia de 28,1% ; e aos L.L., uma eficácia de 68,1%. Realizou um total de 17 TO em 153 acções de ataque, equivalendo a 11,1% de TO. Contra **defesa Zona**, atacou apenas 11,5%; contra este tipo de

defesa, em relação aos L2p, apresentou uma eficácia de 25,0%, aos L3p, apresentou uma eficácia de 50,0% e aos L.L., uma eficácia de 50,0%. Realizou um total de 1 TO em 20 acções de ataque, equivalendo a 5,0% de TO.

Quadro 28 – Frequência total dos AP e eficácia ofensiva, consoante o tipo de defesa enfrentada e respectiva percentagem, nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

	ESPANHA		EUA		CROÁCIA		PORTUGAL	
	% HxH	% Zona	% HxH	% Zona	% HxH	% Zona	% HxH	% Zona
ATAQUE	68,3%	31,7%	85,0%	15,0%	61,9%	38,1%	88,5%	11,5%
L2p	51,5%	44,4%	48,9%	62,5%	59,3%	40,0%	34,7%	25,0%
L3p	35,7%	28,6%	33,3%	33,3%	65,0%	17,4%	28,1%	50,0%
L.L.	70,1%	66,6%	83,9%	50,0%	76,5%	100%	68,1%	50,0%
TO	15,5%	15,7%	22,0%	29,6%	28,3%	24,6%	11,1%	5,0%

4.2.6. Duração dos diferentes Métodos Ofensivos

4.2.6.1. Duração do CA

Em relação à duração do contra-ataque, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas no primeiro intervalo de duração (1 – 3 segundos), entre a equipa dos EUA e as restantes, conforme Quadros 29.

De igual modo, dentro de cada equipa também foi possível constatar diferenças estatisticamente significativas relativamente à utilização dos diferentes intervalos (Quadro 30). A maior parte das acções de CA (mais de 80% das acções de todas as Selecções), realizaram-se até aos 6 segundos (de referir que as acções de CA incluem as de 1CA, 2CA e CAinf.).

Os EUA apresentam maior frequência do CA no intervalo de 4 – 6 segundos (75,0%), assim como Portugal (69,2%), a Espanha (61,0%) e a Croácia (56,8%).

Em relação ao intervalo de tempo de 1 – 3 segundos, a Espanha foi a equipa que mais Ca realizou (29,3%), seguida da Croácia (27,0%) e de Portugal (26,9%). Os EUA apenas realizaram 12,5% das acções de CA neste intervalo.

Quanto ao intervalo de 7 – 9 segundos, a Croácia foi a equipa com mais acções (16,2%), seguida dos EUA (12,5%) e da Espanha (4,9%), e, por fim, de Portugal (3,8%).

Relativamente aos restantes intervalos de tempo (10 – 12 e +12 segundos), apenas a Espanha realizou acções (2,4% em ambos os intervalos).

Quadro 29 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Contra-ataque (CA).

Intervalos CA	Espanha	EUA	Croácia	Portugal	χ^2	p
1 – 3"	29,3%	12,5%	27,0%	26,9%	8,409	0,038*
4 – 6"	61,0%	75,0%	56,8%	69,2%	3,721	0,293
7 – 9"	4,9%	12,5%	16,2%	3,8%	5,473	0,140
10 – 12"	2,4%	-	-	-	3,000	0,392
+ 12"	2,4%	-	-	-	3,000	0,392

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Quadro 30 – Valor relativo da duração do contra-ataque (CA) em segundos, quanto aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.

Duração CA	1 – 3"	4 – 6"	Total Parcial	7 – 9"	10 – 12"	+12"	Total	χ^2	p
ESP	29,3%	61,0%	90,3%	4,9%	2,4%	2,4%	100%	9,754	0,045*
EUA	12,5%	75,0%	87,5%	12,5%	-	-	100%	11,077	0,026*
CROA	27,0%	56,8%	83,8%	16,2%	-	-	100%	11,857	0,018*
POR	26,9%	69,2%	96,1%	3,8%	-	-	100%	11,556	0,021*
Média	23,9%	65,5%	89,4%	9,4%	0,6%	0,6%	100%		

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

4.2.6.2. Duração do AR

Conforme Quadro 31, verificaram-se diferenças estatisticamente significativas entre as equipas em relação aos intervalos 4 – 6 segundos e 10 – 12 segundos, entre as Selecções de Espanha e Portugal e entre as Selecções da Croácia e dos EUA, respectivamente.

De igual modo, dentro das equipas dos EUA e da Croácia também foi possível constatar diferenças estatisticamente significativas relativamente à utilização dos diferentes intervalos (Quadro 32).

A maior parte das acções de **AR** (mais de 80% das acções de todas as Selecções), realizaram-se até aos 9 segundos, sendo de realçar os 15,4% da Espanha e os 11,5% dos EUA para o intervalo de 1 – 3 segundos, comparativamente com os 4,2% da Croácia e os 3,7% de Portugal.

Quanto ao intervalo de 4 – 6 segundos, Portugal apresentou aqui a sua maior frequência (48,1%), assim como os EUA (46,2%), enquanto Croácia e Espanha apresentaram valores inferiores (37,5% e 30,8%, respectivamente).

Já no intervalo de 7 – 9 segundos, cabe aos EUA o maior valor (42,3%); a Croácia e a Espanha apresentam aqui a sua maior frequência (41,7% e 38,5%, respectivamente), enquanto Portugal, e apesar de não ser o seu intervalo mais frequente, consegue ultrapassar os valores da Espanha (40,7%).

No intervalo de 10 – 12 segundos, a Croácia apresenta o valor de 16,7% das acções, enquanto a Espanha apresenta 7,7% e Portugal 7,4%. Os EUA não efectuaram AR para além dos 9 segundos, estabelecendo-se diferenças significativas entre esta Selecção e as restantes equipas.

Quanto ao intervalo +12 segundos, apenas a Espanha realizou cerca de 7,7% das acções, verificando-se diferenças neste intervalo para as demais Selecções.

Quadro 31 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Ataque Rápido (AR).

Intervalos AR	Espanha	EUA	Croácia	Portugal	χ^2	p
1 – 3"	15,4%	11,5%	4,2%	3,7%	3,185	0,364
4 – 6"	30,8%	46,2%	37,5%	48,1%	8,638	0,035*
7 – 9"	38,5%	42,3%	41,7%	40,7%	4,600	0,203
10 – 12"	7,7%	-	16,7%	7,4%	8,250	0,041*
+ 12"	7,5%	-	-	-	3,000	0,392

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Quadro 32 – Valor relativo da duração do ataque rápido (AR) em segundos, relativos aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.

Duração AR	1 – 3"	4 – 6"	7 – 9"	Total Parcial	10 – 12"	+12"	TOTAL	χ^2	p
ESP	15,4%	30,8%	38,5%	84,7%	7,7%	7,7%	100%	6,778	0,148
EUA	11,5%	46,2%	42,3%	100%	-	-	100%	11,571	0,021*
CROA	4,2%	37,5%	41,7%	83,4%	16,7%	-	100%	11,418	0,022*
POR	3,7%	48,1%	40,7%	92,5%	7,4%	-	100%	8,351	0,080
Média	8,6%	40,7%	40,8%	90,2%	8,0%	1,9%	100%		

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

4.2.6.3. Duração do AP

O AP apresenta um padrão de distribuição muito semelhante em todas as Selecções, relativamente a todos os AP contabilizados (independentemente do tipo de defesa), não se tendo verificado diferenças estatisticamente significativas entre as equipas, conforme Quadro 33.

Dentro das equipas de Espanha e dos EUA, porém, constataram-se diferenças estatisticamente significativas na utilização dos diferentes intervalos (Quadro 34). Quanto às Selecções da Croácia e de Portugal, estas apresentaram um valor de p muito próximo dos 0,05 ($p = 0,051$), valor esse

que, eventualmente, poderia ser significativo, caso a amostra fosse mais extensa.

De salientar uma homogeneidade até aos 12 segundos, com as equipas de Espanha, EUA e Portugal a apresentarem um valor de 61,1% das acções, contrariamente à Croácia, que apenas apresenta um valor de 49,3% (Quadro 34).

No intervalo 1 – 6 segundos, EUA e Portugal apresentam a segunda maior frequência de acções, apresentando valores de 26,1% e 24,8%, respectivamente, enquanto Espanha e Croácia apresentam valores na ordem dos 24,3% e 17,9%, respectivamente também.

É no intervalo de tempo de 7 – 12 segundos que todas as equipas apresentam um valor mais elevado, não se verificando diferenças estatisticamente significativas (Espanha – 36,8%; Portugal – 36,3%; EUA – 35,0%; e Croácia – 31,4%).

Quanto ao intervalo de 13 – 18 segundos, a Croácia e a Espanha apresentam valores de 28,6% e 27,1%, respectivamente, sendo este intervalo de tempo o segundo mais usado por estas mesmas Selecções. Os EUA apenas utilizaram este intervalo em 25,5% das acções, enquanto Portugal o utilizou somente em 21,0% das acções de AP.

Já em relação às acções com uma duração superior aos 18 segundos, a Croácia e Portugal são as equipas que mais frequentemente as utilizaram, com 22,1% e 17,8% dos AP, respectivamente, enquanto EUA usufruíram delas em 13,4% e Espanha em 11,8%.

Quadro 33 – Teste χ^2 dos intervalos de duração do Ataque de Posição (AP).

Intervalos AP	Espanha	EUA	Croácia	Portugal	χ^2	p
1 – 6"	24,3%	26,1%	17,9%	24,8%	6,578	0,087
7 – 12"	36,8%	35,0%	31,4%	36,3%	5,144	0,162
13 – 18"	27,1%	25,5%	28,6%	21,0%	2,904	0,407
+18"	11,8%	13,4%	22,1%	17,8%	4,600	0,204

Quadro 34 – Valor relativo da duração do ataque de posição (AP) em segundos, relativos aos intervalos de tempo utilizados pelas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.; Teste de Kruskal-Wallis (χ^2 e p) dentro de cada equipa.

Duração AP	1 – 6''	7 – 12''	Total Parcial	13 – 18''	+18''	TOTAL	χ^2	p
ESP	24,3%	36,8%	61,1%	27,1%	11,8%	100%	8,379	0,039*
EUA	26,1%	35,0%	61,1%	25,5%	13,4%	100%	7,821	0,050*
CROA	17,9%	31,4%	49,3%	28,6%	22,1%	100%	7,759	0,051
POR	24,8%	36,3%	61,1%	21,0%	17,8%	100%	7,759	0,051
Média	23,3%	34,9%	58,2%	25,6%	16,3%	100%		

Nota: *Diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$).

Se analisarmos o tempo de duração do AP de acordo com o tipo de defesa (defesa HxH ou defesa Zona) apresentado pelas equipas adversárias, poderemos, conforme Quadros 35 e 36, observar que:

- para **Portugal**, o intervalo de duração mais utilizado contra **defesa HxH** é o compreendido entre os **7 – 12** segundos, com cerca de **38,4%**; o segundo intervalo mais frequente é aquele compreendido entre 1 – 6 segundos, com cerca de 23,9%; quanto aos AP contra **defesa Zona**, a maior incidência verifica-se nos intervalos **1 - 6** segundos e **13 – 18** segundos, com **31,6%**, enquanto o segundo intervalo mais frequente verifica-se entre 7 - 12 segundos, com 21,1%.
- para a Selecção de **Espanha**, o intervalo de duração mais utilizado contra **defesa HxH** é o compreendido entre os **7 – 12** segundos, com cerca de **42,9%**; o segundo intervalo mais frequente é aquele compreendido entre 13 – 18 segundos, com cerca de 25,5%; quanto aos AP contra **defesa Zona**, a maior frequência verifica-se no intervalo **13 – 18** segundos, com **30,4%**, enquanto o segundo intervalo mais frequente verifica-se entre 1 - 6 segundos, com 26,1%.

- para os **EUA**, o intervalo de duração mais utilizado contra **defesa HxH** é o compreendido entre os **7 – 12** segundos, com cerca de **34,4%**; o segundo intervalo mais frequente é aquele compreendido entre os **1 – 6** segundos, com cerca de **26,7%**; quanto aos AP contra **defesa Zona**, a maior frequência verifica-se no intervalo **7 – 12** segundos, com **38,5%**, enquanto o segundo intervalo mais frequente verifica-se entre **13 - 18** segundos, com **26,9%**.
- para a **Croácia**, os intervalos de duração compreendidos entre os **7 – 12** segundos e **13 – 18** segundos, apresentaram-se como os mais utilizados contra **defesa HxH**, com cerca de **32,9%**; o segundo intervalo mais frequente é aquele que excede os **18** segundos, com cerca de **18,8%**; quanto aos AP contra **defesa Zona**, a maior incidência verifica-se no intervalo **7 – 12** segundos, com **29,1%**, enquanto o segundo intervalo mais frequente verifica-se para além dos **18** segundos, com **27,3%**.

Quadro 35 – Intervalos de Tempo para o AP contra defesa HxH nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

Defesa HxH				
Duração AP	1 – 6''	7 – 12''	13 – 18''	+ 18''
ESPANHA	23,5%	42,9%	25,5%	8,2%
EUA	26,7%	34,4%	25,2%	13,7%
CROÁCIA	15,3%	32,9%	32,9%	18,8%
PORTUGAL	23,9%	38,4%	19,6%	18,1%

Quadro 36 – Intervalos de Tempo para o AP contra defesa Zona nas equipas de ESP, EUA, CROA e POR.

Defesa Zona				
Duração AP	1 – 6''	7 – 12''	13 – 18''	+ 18''
ESPAÑA	26,1%	24,0%	30,4%	19,6%
EUA	23,1%	38,5%	26,9%	11,5%
CROÁCIA	21,8%	29,1%	21,8%	27,3%
PORTUGAL	31,6%	21,1%	31,6%	15,8%

4.3. Estruturas Tácticas Ofensivas

4.3.1. Frequência das formas de acção no Ataque de Posição

No Ataque de Posição, foram observadas e contabilizadas três formas de acção, sendo elas o 1x1, o 2x2 e o 3x3 (conforme Quadro 37).

A distribuição percentual da utilização de cada uma destas acções encontra-se no referido quadro, apresentando Espanha e EUA um valor percentual superior para as acções de 1x1, com 54,2% e 54,3%, respectivamente, enquanto Croácia e Portugal apresentam um valor percentual muito inferior, com 34,6% e 37,2%, respectivamente.

Quanto às acções de 2x2, elas são mais frequentes nas equipas da Croácia (50,0%) e de Portugal (40,4%), enquanto Espanha (35,4%) e os EUA (33,1%) apresentam um valor significativamente inferior.

Relativamente às acções de 3x3, deparámo-nos com uma certa homogeneidade de valores, sendo Portugal a Selecção a utilizar mais frequentemente esta estrutura táctica, com 22,4 %, seguida da Croácia, com 15,4%, dos EUA, com 12,6%, e, por fim, da Espanha, com apenas 10,4%.

Os lançamentos de dois pontos são bastante mais numerosos que os de três pontos, em valores absolutos, conforme Quadro 38.

Quadro 37 – Distribuição percentual das formas de acção realizadas no AP pelas Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

	1X1	2X2	3X3
ESPANHA	54,2%	35,4%	10,4%
EUA	54,3%	33,1%	12,6%
CROÁCIA	34,6%	50,0%	15,4%
PORTUGAL	37,2%	40,4%	22,4%

Quadro 38 – Valor percentual dos tipos de lançamento realizados no AP pelas Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

	L2p	L3p
ESPANHA	70,8%	29,2%
EUA	74,0%	26,0%
CROÁCIA	69,2%	30,8%
PORTUGAL	63,5%	36,5%

É de salientar que, relativamente à eficácia, ou seja, à taxa de sucesso das diferentes estruturas tácticas, quanto aos lançamentos de dois e três pontos, existem valores distintos (conforme Quadros 39 e 40).

Em relação aos **L2p**, a **Espanha** apresenta uma relação inversamente proporcional relativamente às estruturas ofensivas e sua eficácia, i.e., as mais utilizadas (**1x1 – 54,2%**) são as menos produtivas (**45,0%**) e as menos utilizadas (**3x3 – 10,4%**), são as mais eficazes (**66,7%**); relativamente à **Croácia**, a situação é semelhante, sendo as situações de **2x2** as mais utilizadas com **50,0%**, acabando, contudo, por ser as menos eficazes, com **54,5%**, assim como as situações de **3x3** que, sendo as menos frequentes (**15,4%**), são as mais profícuas (**66,6%**).

Quanto aos **EUA**, não se verifica a mesma relação, ou seja, pelo contrário, as situações de **1x1 (54,3%)** são as mais frequentes, apresentando-se também como as mais eficazes (**52,6%**).

Relativamente a **Portugal**, esta apresenta as situações de **2x2** como as mais usadas (**40,4%**), que são, simultaneamente, as menos eficazes (com **31,1%**); o mesmo não se pode dizer das situações de **3x3**, que, apesar de serem as menos frequentes (**22,4%**), acabam por não ser as mais eficazes (**33,3%**).

Em relação aos **L3p**, enquanto **Espanha** e **EUA** apresentam uma % de eficácia que aumenta relativa e proporcionalmente da **táctica individual do 1x1** para a **táctica colectiva do 2x2** e do **3x3**, já a **Croácia** apresenta uma eficácia relativa de **100%** nas acções de **1x1**, contrariamente às acções de **3x3**, onde o grau de eficácia permanece nos **50,0%**. Quanto a **Portugal**, assim como Espanha e EUA, a estrutura táctica que obteve maior % de eficácia nos **L3p** foi o **3x3**, com **34,8%**, e as menos eficazes as situações de **2x2**, com apenas **22,2%**.

Relativamente aos **Lc** (conforme Quadro 41), **Espanha** apresenta uma % de eficácia que aumenta relativa e proporcionalmente da **táctica individual do 1x1** para a **táctica colectiva do 2x2** e do **3x3**, enquanto os **EUA** apresentam uma % de eficácia superior nas acções de **3x3**, seguidas das acções de **1x1** e por fim nas de **2x2**. Quanto à **Croácia** apresenta uma % de eficácia superior nas acções de **1x1**, contrariamente às acções de **2x2**, onde o grau de eficácia se apresenta como o mais baixo.

Portugal apresenta uma % de eficácia superior nas acções de **3x3**, seguidas das acções de **1x1** e por fim nas de **2x2**, como a Selecção dos **EUA**.

Quadro 39 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos L2p das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

L2p						
	1x1	% eficácia	2x2	% eficácia	3x3	% eficácia
ESPAÑHA	54,2%	45,0%	35,4%	63,6%	10,4%	66,7%
EUA	54,3%	52,6%	33,1%	42,3%	12,6%	45,5%
CROÁCIA	34,6%	61,5%	50,0%	54,5	15,4	66,6%
PORTUGAL	37,2%	40,5%	40,4%	31,1%	22,4%	33,3%

Quadro 40 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos L3p das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

L3p						
	1x1	% eficácia	2x2	% eficácia	3x3	% eficácia
ESPAÑA	54,2%	16,7%	35,4%	41,7%	10,4%	75,0%
EUA	54,3%	25,0%	33,1%	31,3%	12,6%	60,0%
CROÁCIA	34,6%	100%	50,0%	47,1%	15,4	50,0%
PORTUGAL	37,2%	25,0%	40,4%	22,2%	22,4%	34,8%

Quadro 41 – Valor percentual das diferentes estruturas ofensivas no AP e % eficácia relativamente aos Lc das Selecções de Espanha, EUA, Croácia e Portugal.

Lc						
	1x1	% eficácia	2x2	% eficácia	3x3	% eficácia
ESPAÑA	54,2%	30,85%	35,4%	52,65%	10,4%	70,85%
EUA	54,3%	38,8%	33,1%	36,8%	12,6%	52,75%
CROÁCIA	34,6%	80,75%	50,0%	47,8%	15,4	58,3%
PORTUGAL	37,2%	32,75%	40,4%	26,65%	22,4%	34,05%

V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1. Análise descritiva dos Indicadores do Jogo

Como pudemos constatar no Quadro 7, os indicadores: Pontos marcados, Percentagem de Lançamentos de 2 pontos (%L2p) e o Coeficiente de Eficácia Ofensiva (CEO) acabam por se revelar e assumir como os indicadores técnicos em que se verificaram maiores diferenças, realçando as disparidades mais relevantes entre as equipas observadas.

5.1.1. Média de Pontos

A equipa de Portugal, com uma média de pontos de 71,66 por jogo, apresentou valores muito inferiores às equipas de Espanha (88,33) e dos EUA (86,33), apesar de não se verificarem muitas diferenças relativamente à Croácia (72,0), equipa que alcançou a terceira classificação. Por sua vez, o CEO de Portugal (0,94) acaba por ser um valor muito próximo do da Croácia (0,98), mas revelando uma diferença acentuada relativamente a Espanha (1,24).

O número total de pontos por jogo está, naturalmente, dependente de vários factores, entre os quais o nível de eficácia dos lançamentos efectuados pelos diferentes jogadores de acordo com as suas posições específicas.

Portugal, ao apresentar os valores mais baixos para os diferentes tipos de lançamento (%L2p, %L3p e %L.L.), hipotecou, desde logo, a sua prestação, ao demonstrar grande fragilidade e falta de consistência neste gesto técnico. A este facto não poderia estar alheio quer o tipo de defesa encontrada pela Selecção Nacional (defesa individual muito agressiva) quer o ritmo e a velocidade imposta ao jogo, relativamente a um modelo de jogo mais baseado no ataque posicional.

Estes resultados vêm confirmar os apresentados por diversos autores (Hagedorn et al., 1984; Marques, 1990; Mendes, 1996; Sampaio e Janeira, 1998) ao referirem que as equipas vencedoras conseguem uma média de

pontos mais elevada. De acordo com Gomes (2001), “Este indicador acaba por caracterizar as equipas do ponto de vista da eficácia ofensiva fazendo transparecer a realidade dos jogos observados (...)”, uma vez que, consoante a classificação, as equipas apresentaram uma média de pontos mais elevada, correspondendo também a um coeficiente de eficácia ofensiva superior.

5.1.2. Lançamentos de 2 e 3 Pontos

Portugal, relativamente ao indicador **L2p**, apresentou valores muito baixos comparativamente às restantes equipas em estudo (39,26% de eficácia), ficando muito aquém dos objectivos propostos pela equipa técnica responsável pela participação neste Mundial, que apontava para cerca de 60,0% de eficácia.

Este indicador traduz a idêia da elevada eficácia de uma equipa e implica e requer excelentes lançadores das três posições específicas do jogo (Amorim, 1999), não sendo o caso da Selecção Portuguesa.

Os valores encontrados vieram confirmar a inexistência de “grandes” lançadores, alertando-nos, mais uma vez, para a necessidade urgente de criação de uma “Escola de Lançamento”, preconizada por Araújo et al. em 1997, aquando da preparação desta Selecção.

O facto de Portugal apresentar debilidades no capítulo físico (Araújo, 1977; Gonçalves, 1980 e 1989; Lima, 1996; Heger, 1997), assim como carências ao nível dos aspectos técnico-táctico ofensivos (dificuldades sentidas pelos nossos jogadores mais altos em jogarem próximo do cesto e de costas para o mesmo; lançamento sob pressão, etc.), leva os jogadores a uma tomada de decisões inadequadas a cada momento da sua actuação (Artur Lima, 1996), provocando grandes dificuldades no acto do lançamento, acabando este por ser executado sob grande pressão defensiva ou de forma incorrecta, não surgindo amiúde as situações de cesto fácil.

Neste caso particular e relativamente a este estudo, a equipa de Portugal não correspondeu aos dados de outros estudos (Marques, 1990; Coelho, 1996; Mendes, 1996; Basto, 1997; Sampaio e Janeira, 1998;), os quais

manifestaram a importância da eficácia dos lançamentos de 2 pontos na distinção entre as melhores e as piores equipas.

Relativamente aos L3p, a Selecção de Portugal, apesar de apresentar valores de eficácia inferiores às demais Selecções (29,73%) assim como aos objectivos inicialmente propostos, que pressupunham uma percentagem na ordem dos 40 %, acabou por se pautar pela mediania das demais Selecções. De salientar que estes valores médios se deveram, mais uma vez, à fraca prestação dos lançadores portugueses contra defesa “individual” (a prestação mais fraca – apenas 28,1%), pelos aspectos atrás referidos, contrariamente à eficácia demonstrada contra defesa “zona”, onde, de acordo com uma suposta menor pressão defensiva, o ataque português apresentou uma eficácia muito boa (50,0%), bastante acima das demais equipas, que se quedaram pelos 33,3% (EUA), os 28,6% (ESP) e os 17,4% (CROA).

Nos estudos anteriormente referidos, alguns autores (Mendes, 1996; Basto, 1997) apresentaram uma relevância significativa para os L3p, evidenciando um poder discriminatório apenas na situação dos jogos desequilibrados; Sampaio e Janeira (1998 e 1999) apresentaram os L3p como parte dos indicadores que melhor discriminam as melhores equipas.

Neste caso, a importância dos L3p acabou por não ser decisiva para nenhuma das equipas, mas estamos de acordo com Adelino et al. (1986) (pp. 34 e 35) relativamente à qualidade dos diferentes lançamentos, ao afirmarem que: “Cada vez mais se confirma que o lançamento é o melhor sistema de ataque contra homem a homem e contra zona...”.

Gomes (2001), ao analisar a Selecção do Brasil no mesmo Campeonato, refere mesmo que a razão da equipa Brasileira apresentar um valor médio do CEO mais baixo relativamente aos três primeiros classificados se prende com o facto de não ter bem definido, no seu modelo de jogo ofensivo, o(s) lançador(es) e a sua zona de preferência de finalização, sendo esta, para o autor, a principal razão da classificação da equipa do Brasil.

Relativamente a Portugal e à sua prestação neste Mundial, consideramos que o facto de não possuímos grandes lançadores, e em

simultâneo apresentarmos uma fraca prestação ao nível dos lançamentos de campo, contribuiu parcialmente para a nossa classificação final.

5.1.3. Lançamentos Livres

Relativamente à percentagem de Lances-Livres, Portugal foi a equipa mais fraca, com apenas uma eficácia de 66,93%, ficando, mais uma vez, aquém dos objectivos propostos, que apontavam para uma meta dos 80%. Diversos autores (Adelino, 1984; Fernandes, 1991; Sampaio, 1997) descrevem este tipo de lançamento como um factor discriminante das equipas vencedoras, em jogos equilibrados e normais, bem como a sua importância no total de pontos por jogo.

No presente estudo, a %L.L não apresentou um poder discriminatório entre as diferentes equipas.

O facto de, num dos jogos observados, Portugal ter terminado por uma diferença de 1 ponto (jogo equilibrado) e, noutro, por uma diferença de 4 pontos (jogo normal), aliado ao facto da diferença de pontos nestes dois jogos nunca ter sido muito elevada (jogos bastante equilibrados e marcados, em todo o seu decorrer, por uma grande incerteza quanto ao resultado final) e ao facto de a nossa equipa estar a jogar em casa (factor esse de natureza ambiental e que pode ter contribuído para os estados psicológicos de grande pressão e ansiedade vivenciados pelos jogadores), pode, de certa forma, ter contribuído para a fraca percentagem da linha de Lance-livre, o que, em parte, confirma a opinião de Artur Lima (1996) (pp. 43) ao referir que “os nossos jogadores têm muita dificuldade em conseguir o relaxamento e a concentração necessários à execução de lanças livres”, indo ao encontro de Sampaio (1997), que realça que, nos últimos 5 minutos dos jogos equilibrados, as equipas vencedoras convertem 48,4% da totalidade dos pontos, enquanto as vencidas apresentam apenas 23,3% de lançamentos livres convertidos.

5.1.4. Ressaltos Defensivos e Ofensivos

Relativamente a estes indicadores, Portugal veio a apresentar-se como a equipa que menos Rdef conquistou (15,0 por jogo), contrariamente à Selecção da Croácia, que registou uma média de 24,0 Rdef por jogo.

Quanto aos Rof, Portugal foi a Selecção que apresentou em média um valor mais elevado, com cerca de 12,66 Rof por jogo, em oposição à equipa da Croácia, que apenas efectuou cerca de 6,66 Rof por partida.

De acordo com Hagedorn et al. (1984), um dos valores que mais destaca vencedores de vencidos são os ressaltos defensivos, com os vencedores a levarem grande vantagem, ao passo que ganham menos ressaltos ofensivos, o que, segundo os mesmos autores, se deve ao menor número de lançamentos falhados. Estes valores estão de acordo com os registados por outros autores (Coelho, 1996; Mendes, 1996; Gomes, 2001), que apresentam os ressaltos defensivos como um dos indicadores de jogo mais influente no sucesso das equipas.

5.1.5. Roubo de Bola e Intercepções

Relativamente a estes aspectos de ordem defensiva, os quais acabam por não ser objecto de estudo no presente trabalho, achamos bastante importante a sua referência, não como fruto dos métodos defensivos preconizados e postos em prática pela nossa Selecção, mas sim como um factor explicativo e decisivo no desenrolar dos aspectos ofensivos, tendo em conta que Portugal foi a Selecção que mais **Rb/Int.** efectuou, sendo esta a origem mais frequente do 1CA e, inclusive, a única origem do 2CA, parecendo-nos demonstrar que o Contra-ataque acabou por decorrer de uma certa forma em virtude das oportunidades do jogo, e não propriamente como um modelo de jogo preconizado e imprimido pela nossa Selecção.

5.2. Número de Posses de Bola

O número médio de posses de bola parece definir dois grupos relativamente distintos: um com ESP e CROA, que apresentam valores semelhantes (70,66 e 71,66, respectivamente); e um outro com POR e os EUA, que apresentam valores mais elevados (76,33 e 75,33, respectivamente).

Relativamente a estas duas últimas equipas, o facto de se terem confrontado com defesas “individuais” numa percentagem muito mais elevada (POR – 88,5%; EUA – 85,0%), aliado ao facto de POR ter sido a Selecção a utilizar em maior número as acções de TAR, assim como ao facto da Selecção dos EUA ter sido a equipa com mais TO por AP (26,8%), parece-nos ter contribuído para este superior resultado relativamente às posses de bola, contribuindo, desta maneira, para uma alternância mais rápida entre as equipas na manutenção das mesmas.

Este indicador poderia estar relacionado com uma utilização mais regular do contra-ataque, não sendo o caso, pois Portugal e os EUA apresentaram valores inferiores para esta sub-fase do ataque, relativamente a ESP e à CROA.

5.3. Relação entre o Contra-Ataque, o Ataque Rápido e o Ataque de Posição

Relativamente às Sub-fases do Ataque, e de acordo com os jogos observados, o **Ataque de Posição** assume uma predominância esmagadora no desenrolar das diferentes acções ofensivas (POR – 76,5%; ESP – 76,3%; EUA – 79,7% e CROA – 74,6%), contrariamente aos princípios orientadores do ataque nos escalões de formação, que preconizam, com grande ênfase, o **Contra-Ataque** como modelo de jogo ofensivo mais eficaz (Barreto, 1980; Lima, 1988 e 1990; Janeira, 1988; Beja, 1989; Gomes, 1989; Silva, 1990; Heger, 1996; Araújo et al. 1997).

Apesar da análise deste Campeonato contemplar equipas do escalão Junior já enquadradas num processo de preparação relativo à fase de

especialização aprofundada, onde o AP é a sub-fase do ataque predominante, vários treinadores (Heger, 1997; Araújo et al., 1997) apontaram o CA como sendo a sub-fase do ataque que eventualmente poderia proporcionar uma maior eficácia à Selecção Portuguesa, colmatando, de certa forma, as nossas principais carências, no intuito de surpreender o adversário, possibilitando uma certa antecipação no desenrolar das acções ofensivas.

Esta desproporção favorável ao ataque de posição pode ser vista também no capítulo físico, pois, sendo uma competição com um número de jogos elevado e com um elevado nível de exigência nos mesmos, parece-nos não permitir que as equipas imprimam, ao longo da prova, um tipo de jogo baseado no contra-ataque, pois o desgaste físico acabaria por deixar marcas ao longo da mesma.

Adelino et al. (1987), ao procurarem detectar as principais diferenças entre os Cadetes e o escalão de Juniores (fase final dos Campeonatos da Europa dos respectivos escalões), chegaram à conclusão que o jogador Júnior está mais próximo do modelo de jogador Senior do que dos Cadetes, apresentando estes uma maturidade e grau de conhecimentos bastante elevados acerca do jogo. Este dado acaba por se reflectir nas equipas primeiras classificadas, ao nível da "leitura" do jogo, contrariamente a Portugal, que nos pareceu pouco esclarecido em algumas fases dos jogos observados, parecendo mais jogadores "Cadetes", pela sua precipitação e inexperiência, do que propriamente jogadores "adultos", como os demais.

Tavares (1993), ao investigar a capacidade de decisão táctica em jogadores de Basquetebol, comparando os processos perceptivo-cognitivos de jogadores Seniores e Cadetes, constatou o efeito do factor experiência sobre a capacidade de decisão táctica, sustentando a hipótese de a diferença entre os dois grupos poder situar-se ao nível do conhecimento específico da modalidade, o que permitiria aos jogadores mais experientes identificar mais rapidamente o problema e assim decidir mais rapidamente, além de apresentarem uma resposta mais adequada ao mesmo.

Quanto à sub-fase do **Ataque Rápido**, é de salientar que as Selecções de POR (11,7%) e dos EUA (10,1%) as utilizaram muito frequentemente,

chegando mesmo os EUA a fazer uso deste método de ataque numa proporção superior ao contra-ataque (10,1% contra 10,0%).

5.3.1. Contra-Ataque

Contrariamente aos resultados apresentados por Coelho (1996), que refere o contra-ataque como um dos indicadores mais influentes no sucesso das equipas Seniores Portuguesas da 1ª Divisão, o contra-ataque não foi a sub-fase do ataque mais utilizada.

Ora, neste caso, e relativamente a estes dados, a ESP apenas efectuou contra-ataque em 16,1% das suas acções ofensivas, assim como os EUA, que, não obstante terem alcançado a 2ª posição na classificação final, apenas efectuaram 10,0% de acções ofensivas em contra-ataque (sendo a equipa que menos recorreu a este método de jogo); contrariamente, a Selecção da CROA foi a que mais se socorreu deste método ofensivo (16,4%), tendo-se ficado pela 3ª posição na classificação deste Mundial.

Portugal, ao efectuar 11,7% das acções ofensivas em contra-ataque (tendo como principal origem os Rb/Int.), demonstrou, em parte, optar por uma diminuição do ritmo de jogo, permitindo um maior controlo do mesmo, realizando estas acções apenas em evidentes situações de superioridade numérica, através de perdas de bola (TO) das equipas adversárias.

Gonçalves (1980), relativamente à Selecção do Eurojunior – 80, referia-se à utilização, por reduzidas vezes, do contra-ataque com a preocupação “louvável” de não cometer erros e de não desperdiçar a posse de bola, demonstrando uma utilização sacrificada à segurança.

Cruz (1998), ao analisar a Selecção de Cadetes que participou no Europeu de 1995, constatou também que o contra-ataque (CA) apenas se realizou em 26,5% das acções ofensivas (1CA – 17,9%; 2CA – 3,3% e CAinf – 5,3%).

Estas constatações vêm corroborar a opinião formada por Lima em 1988, ao referir que “o Basquetebol nacional, nos últimos anos tem sido

estruturado taticamente muito mais à base de ataque planeado (5x5), do que com acento dominante no contra-ataque”.

Ora, esta opinião, elaborada muito tempo antes desta prova, vem, de certa forma, comprovar as tendências do Basquetebol nacional ao longo destes anos, comprovando que, na preparação das equipas, existe uma incidência excessiva ao nível do ataque posicional (5x5), i.e., do ataque planeado. Tal facto, e segundo Tavares e Cruz (2002), tem-se reflectido quer na diminuição da preocupação da preparação e desenvolvimento do contra-ataque nestes escalões jovens como na insuficiente aprendizagem dos fundamentos ofensivos e defensivos do jogo.

Comparativamente com a Selecção Nacional observada neste Mundial, cremos que orientações neste sentido presidiram à actuação dos nossos jogadores, comprometendo, de certa forma, a nossa capacidade de antecipação e argumentação ofensiva, face ao maior poderio físico e, eventualmente, técnico-táctico das restantes equipas. O facto de Portugal ter sido a equipa que menos TO cometeu nesta sub-fase do ataque, faz subentender a grande segurança imprimida nestas acções, acabando os nossos jogadores por não “arriscar” muito, apesar da eficácia relativa das mesmas acções.

Este modelo de jogo contraria parcialmente o preconizado para esta equipa, pois, segundo diversos autores (Araújo, 1977; Gonçalves, 1980; Adelino et al., 1983; Heger, 1996; Lima, 1996; Araújo et al., 1997), o modelo de jogo a ser interpretado por jogadores de estatura mais baixa que os adversários tem de assentar, forçosamente, numa defesa e num ressalto defensivo o mais agressivos possível (Portugal foi a equipa com menor número de Rdef conquistados), na utilização constante de contra-ataque e numa criativa e eficaz utilização dos fundamentos ofensivos do Basquetebol. Por seu turno, pareceu-nos que, através dos indicadores observados e eventualmente de outros não contabilizados, a Selecção Nacional apresentou diversas lacunas técnico-tácticas, obrigando os nossos jogadores a imprimirem um ritmo de jogo mais lento, como forma de camuflar as nossas debilidades técnicas e físicas.

A realização do **1CA** atinge uma expressão bastante mais elevada que o **2CA** em todas as Selecções, possivelmente devido à dificuldade de inclusão dos jogadores mais altos no contra-ataque, que os obrigaria a deslocamentos mais rápidos (Cruz, 1998).

Portugal, apresentando como principal origem do mesmo (1CA) os Rb/Int., seguidas dos Rdef., veio ao encontro dos valores apresentados por Cruz (1998) relativamente à Selecção de Cadetes, e , contrariando os resultados indicados por Wooden (1988), ao referir os ressaltos defensivos como a principal origem do 1CA, contrariou a nossa primeira hipótese específica; ao apresentar o menor número de Rdef, Portugal hipotecou desde logo a possibilidade de iniciação do contra-ataque.

Os contra-ataques portugueses, tendo origem Acsof. (5,3%), não atingiram grande expressão, contrariando o modelo proposto por Araújo et al. (1997) e os valores encontrados na ESP (Acsof. – 16,7%), demonstrando esta uma clara intenção em assumir o controlo do jogo, imprimindo desta maneira um ritmo bastante elevado no mesmo como forma de tirar partido da desorganização defensiva da equipa adversária.

Por seu turno, o número elevado de **CAinf.** por parte da Selecção Nacional (contribuindo com um peso de 5,2% num total de 11,7% de acções em CA) revela o fraco discernimento por parte dos nossos atletas na leitura do jogo e na tomada de decisão da melhor opção, pois a tentativa de finalização em inferioridade numérica, decorrente de uma acção bastante rápida e não esperando pela organização ofensiva em termos colectivos, aliado à desvantagem física, contribui sobremaneira para a fraca eficácia desta sub-fase do ataque (o CA, na sua globalidade).

Relativamente a um modelo de jogo baseado no contra-ataque, em que a velocidade de execução das diferentes tarefas é fundamental, Wooden (s.d.) refere que: “Mais do que velozes, os jogadores precisam de ser capazes de jogar em velocidade, vendo, analisando e decidindo em cada situação de jogo de um modo mais rápido que os adversários!”. Neste sentido, parece-nos fundamental que a rapidez de decisão e execução por parte dos atletas contribua de uma forma eficaz no desenrolar das acções ofensivas e não seja

um *handicap* às mesmas, provocando dificuldades de percepção e execução, assim como precipitação na *leitura* do jogo.

Relativamente à duração das acções de contra-ataque, elas tendem a realizar-se, na sua grande maioria, para todas as Selecções, até aos 6 segundos, confirmando os resultados encontrados por Hagedorn et al. (1984), Oliveira (1993), Cruz (1998) e Gomes (2000), verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) no intervalo de duração de 1 a 3 segundos, entre as equipas de Espanha e dos EUA.

Portugal acabou mesmo por ser a equipa a realizar mais acções de contra-ataque até aos 6 segundos (96,1%), resultado dos Rb/Int. em zonas mais avançadas do terreno de jogo, encurtando naturalmente a distância ao cesto e respectiva finalização, revelando uma forte agressividade quer defensiva quer ofensiva.

A preocupação de chegar o mais rápido possível ao cesto adversário poderá estar na base do comportamento observado na equipa portuguesa (Cruz, 1998).

5.3.1.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no CA

Relativamente às zonas de finalização no CA, todas as equipas utilizaram preferencialmente as zonas mais próximas do cesto (Z8 e Z9), acabando por ser a Z8 a mais utilizada por todas as Selecções.

No que concerne a Portugal, as zonas utilizadas na finalização do CA circunscreveram-se às zonas Z2, Z3, Z8 e Z9, com uma maior incidência na Z8, como atrás foi referido, verificando-se diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$) na zona Z9 entre Portugal e os EUA. Portugal foi a equipa que mais lançamentos efectuou em contra-ataque da zona Z9 (Portugal = 8; EUA = 1), revelando grandes dificuldades em levar as acções até “debaixo do cesto”, resultado de uma dificuldade ao nível dos aspectos técnico-tácticos e dos aspectos físicos no confronto directo com os adversários, “optando por interromper” o contra-ataque e lançar mais vezes da zona Z9.

Apesar de Portugal ter sido a equipa a realizar menos TO nas acções do 1CA, com uma média de apenas 4,8%, contrariamente à Selecção da Croácia, que realizou TO em cerca de 30,5% das acções de 1CA, isso não trouxe grandes vantagens em termos de eficácia do mesmo, pois Portugal e Croácia, com apenas 46,0% e 44,3% de eficácia, respectivamente, apresentaram valores muito abaixo dos observados por Espanha e EUA, com 71,4% e 73,8% de eficácia, respectivamente. Estes valores parecem-nos indicar, mais do que dificuldades físicas e táticas, bastantes carências ao nível do lançamento, pois, se o facto de apresentarmos bastante segurança na execução do CA, aliado a uma grande velocidade de execução do mesmo, contrariando a possibilidade de organização ofensiva por parte do adversário (o baixo número de TO assim o atesta), tirando supremacia da superioridade numérica, apenas se encontra explicação na dificuldade técnica de efectuar lançamentos sob pressão (defensiva e com uma grande velocidade de execução), revelando que as dificuldades apontadas aos nossos jogadores anos antes por diferentes técnicos (Araújo, 1977; Araújo et al., 1997; Heger, 1996; e Zeravica, 1997) se vieram a concretizar, não sendo os nossos atletas capazes de manter uma eficácia ao nível do lançamento semelhante àquela por vezes evidenciada no treino ou em competições de mais baixo nível e exigências técnicas.

De qualquer forma, o contra-ataque acabou por evidenciar um maior índice de eficácia em relação ao ataque de posição, indo ao encontro dos resultados obtidos por Mikes (1987), Oliveira (1993), Barata (1993), Cruz (1998) e Gomes (2001), apesar de não ser a sub-fase do ataque mais eficaz, conforme hipótese anteriormente apresentada.

5.3.2. Ataque Rápido

A frequência de AR atingiu uma expressão relevante principalmente nas acções ofensivas das Selecções de Portugal (11,7%) e dos EUA (10,1%), chegando mesmo neste caso a serem mais frequentes que as acções de contra-ataque (10,0%).

Este aspecto revelou, pelo menos relativamente a estas duas equipas, um acentuar nas preocupações de evitar ao máximo a existência de tempos mortos na transição defesa/ataque e no ataque, indo de encontro aos princípios do ataque defendidos por Gomes (1989) e Araújo et al. (1997), apologistas de que os tempos mortos devem ser evitados ao máximo, possibilitando que, após a não concretização do contra-ataque, se procure tirar vantagem duma possível desorganização defensiva adversária.

Apesar deste pressuposto, o ataque rápido poderá eventualmente não contemplar a participação efectiva por parte dos jogadores postes (1º e 2º *trailer*, visto serem normalmente os últimos a chegar às suas posições) no concretizar das acções ofensivas e/ou disputa do ressalto ofensivo, como forma de assegurar um possível 2º lançamento em caso de não concretização.

De qualquer forma, estas duas Selecções (Portugal e EUA) foram aquelas que apresentaram menor eficácia nesta sub-fase do ataque, demonstrando uma certa precipitação na tentativa de concretização de cesto, apesar de Portugal não realizar nenhum TO. Estes aspectos parecem-nos poder ser consequência da inexperiência dos respectivos jogadores, ao não optarem pela melhor solução e tomarem decisões precipitadas, assim como, no caso dos EUA, do facto de só se terem reunido uma semana antes da competição, demonstrando uma falta de coordenação ofensiva em termos colectivos, parecendo-nos optarem, por vezes, os jogadores mais por acções individuais do que por acções colectivas.

Portugal desencadeou a maioria das acções de ataque rápido com origem Acsof. (85,7%, contrariamente aos valores de Espanha, que surgiu com apenas 53,3%), acabando mesmo por ser esta a origem mais frequente no desenrolar dos AR's.

Relativamente à duração das acções de ataque rápido, elas tendem a realizar-se, na sua grande maioria (mais de 80% das acções) para todas as Selecções, até aos 9 segundos (EUA com 100% das acções neste intervalo), sendo de realçar os 3,7% de Portugal e os 4,2% da Croácia comparativamente com os 15,4% de Espanha para o intervalo de 1 – 3 segundos. De qualquer modo, verificaram-se valores estatisticamente significativos nos intervalos de

duração compreendidos entre 4 e 6 segundos (entre Portugal e a Espanha) e no intervalo 10 e 12 segundos (entre EUA e a Espanha e os EUA e a Croácia).

A duração do ataque rápido revela-nos a agressividade com que todas as Selecções procuraram tirar partido da desorganização defensiva adversária, apresentando Portugal valores semelhantes aos apresentados por Cruz em 1998, colocando todos os jogadores no meio campo ofensivo no intervalo de tempo de 1 – 6 segundos em mais de 50% das ocasiões.

É nos intervalos de 1 – 3 (Portugal – 3,7%; Espanha – 15,4%) e de 4 – 6 segundos (Espanha – 30,8%; Portugal – 48,1%) (assim como no intervalo de 10 – 12 segundos) que se verificaram as maiores diferenças nos respectivos intervalos de duração, diferenças essas referenciadas no modelo de jogo defendido por Lima (1988), Silva (1990) e Araújo (1997), que apontam para uma menor duração, procurando criar condições de concretização aproveitando a menor velocidade de deslocamento dos jogadores mais altos. Estes resultados acabam por ser um pouco contraditórios, pois Espanha, ao apresentar uma média de alturas mais elevada que a equipa de Portugal (1,97 cm contra 1,92 cm, respectivamente), assim como possuindo três jogadores com mais de 2,05 metros, contrariamente a Portugal, que apresentou apenas um jogador com 2,00 metros, acabou por demonstrar (Espanha) uma maior mobilidade por parte dos seus jogadores mais altos numa participação efectiva em acções muito rápidas (menos de 3 segundos) de AR. Mais uma vez, parece-nos, e indo novamente ao encontro de opiniões anteriormente vaticinadas por diferentes treinadores (Gonçalves, 1989; Araújo et al., 1997; Heger, 1996; e Zeravica, 1997), que é nos jogadores altos que encontramos as nossas maiores limitações, apresentando estes uma grande “pobreza” de soluções técnico-tácticas em situações de 1x1 e 2x2, assim como no jogo de costas para o cesto, problemas estes resultantes, não só de deficientes fundamentos técnicos e de análises erradas do jogo, como, por vezes, de domínio incompleto do “esquema corporal”.

5.3.2.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no AR

Portugal apenas não utilizou a zona Z2, acabando as diferentes equipas por mostrar uma tendência para a realização dos lançamentos em zonas o mais próximo possível do cesto (Z8 e Z9), verificando-se ser a zona Z8 a mais frequente, assim como no CA, indicando uma evidência clara na tentativa das equipas finalizarem “debaixo” do cesto; outros estudos evidenciaram os mesmos resultados (Mikes, 1987; Oliveira, 1993; Cruz, 1998).

Portugal, ao ser a equipa a realizar mais lançamentos ao cesto em situações de AR's, não realizando sequer nenhum TO nas mesmas, acabou por desperdiçar as diferentes oportunidades de concretização perante uma, ainda, desorganização defensiva por parte dos adversários, acabando por obter uma taxa de eficácia de apenas 52,7% das acções, contrariamente à Croácia, que foi a equipa mais eficaz, com 64,9%.

5.3.3. Ataque de Posição

O ataque de posição, ao apresentar a sua maior frequência para todas as equipas, de acordo com os dados previamente apresentados, teve um papel fundamental no desenrolar dos diferentes jogos, contribuindo sobremaneira para o resultado final alcançado nesta competição. Somos da opinião que foi nesta fase do ataque que se verificaram as maiores discrepâncias, contribuindo para as diferenças entre os primeiros classificados, assim como para o último lugar alcançado por Portugal.

No que concerne às origens desta sub-fase do jogo, a proveniência principal relativamente a todas as equipas surge Acsof, seguida da conquista dos Rdef; o Rof surge como a terceira origem do ataque posicional, sendo os Rb/Int. a quarta origem; Portugal, ao não efectuar nenhum Des.lanç., não apresenta este indicador como dando origem às diferentes fases do ataque, contrariamente às restantes Selecções.

Em relação à duração dos ataques posicionais, poderemos considerar uma distribuição bastante homogénea para os primeiros 12 segundos, com Portugal, Espanha e os EUA a apresentarem um valor de 61,1% da totalidade dos mesmos, contrariamente à Croácia, que apenas realizou 49,3% dos seus ataques posicionais neste intervalo de tempo. Conforme Hagedorn et al. (1984), Silva (1996) e Cruz (1998), a duração do ataque de posição é breve para as Selecções de Portugal, Espanha e os EUA, com mais de 50% dos ataques a decorrerem até aos 12 segundos, contrariamente à Croácia, que apresenta uma melhor exploração dos tempos de ataque, parecendo indiciar a sua preferência pelo jogo controlado.

É de salientar o facto de muitos dos ataques de posição da equipa portuguesa, da equipa espanhola e dos EUA que ultrapassaram o intervalo dos 12 segundos se deverem à realização de segundos lançamentos após conquista do Rof (Portugal foi a Selecção que apresentou melhores valores com uma média de 12,66 Rof por jogo, seguida de Espanha, com 11,0 e dos EUA, com 10,66), contribuindo fortemente para um prolongar das acções ofensivas, pois essas conquistas davam origem a uma nova organização do processo ofensivo e, conseqüentemente, uma maior duração.

Estes resultados, que confirmam os apresentados por Cruz (1998), acabam por sugerir uma maior dificuldade em dar continuidade às acções ofensivas por parte das Selecções Nacionais de Portugal, Espanha e dos EUA, em contraste com a Selecção Croata, que realiza os seus ataques de posição com uma maior duração, procurando garantir uma boa selecção de lançamento (a Croácia apenas conquistou em média 6,33 Rof por jogo).

No entanto, e segundo vários autores, tais como Pruden (1987) e Wooden (1988), o ataque de posição pode ser utilizado para controlar o ritmo de jogo, utilizando ao máximo o tempo permitido (30 segundos na época – actualmente 24 segundos) para cada posse de bola, permitindo contrariar o tipo de jogo e o ritmo do adversário, possibilitando em simultâneo a manutenção duma eventual vantagem em termos de resultado.

Relativamente à gestão do tempo de ataque, consideramos que as Selecções de Espanha e dos EUA apresentaram uma concepção diferente da apresentada por Portugal.

Essa concepção, na nossa opinião, baseou-se num modelo de jogo assente na importância decisiva da bagagem técnica individual ofensiva de todos os jogadores (bases, extremos e postes), como forma preferencialmente utilizada para ultrapassar uma oposição defensiva, em soluções de finalização baseadas no 1x1, numa clara tendência apresentada por todos os jogadores para, em posse de bola, tentarem a finalização.

Este modelo, observado já em 1986 por Adelino et al. (Campeonato Europeu de Juniores Masculinos – Áustria), assente na simplificação dos processos tácticos ofensivos, pressupõe um grande trabalho de treino da técnica individual ofensiva e da sua aplicação em jogo, respeitando o princípio de agressividade ofensiva que deverá existir permanentemente. É importante lembrar a importância que tem para o jogo o acto de lançar ao cesto, que, para além da técnica e da condição física necessária à sua execução, terá que ser uma constante preocupação por parte dos jogadores, no sentido de procurarem prioritariamente situações de lançamento quando em posse de bola e nas zonas mais próximas do cesto, manifestando de imediato a intenção de lançar, à menor deficiência defensiva manifestada. cremos que estas preocupações estiveram sempre presentes em todos os atletas espanhóis e americanos, contrariamente aos portugueses, que, devido a várias deficiências (físicas, técnicas, leitura do jogo, etc.), se apresentaram bastante incipientes na análise do jogo, revelando algumas carências ao nível da técnica e da táctica individual, resultado de deficiente leitura de jogo, agravado com o menor discernimento que a maioria dos jogadores revela face à escolha do ritmo adequado a cada situação (os mesmos problemas apresentados por Artur Lima em 1996 relativamente à Selecção de Cadetes). Poderíamos acrescentar a estes factores aqueles que, em 1973, foram apresentados num relatório sobre a participação da Selecção Portuguesa no Campeonato Europeu de Seniores, coincidentes no baixo coeficiente de eficácia ofensiva, explicado pela errada concepção de jogo de ataque, assim como um processo predominantemente

colectivo que raras vezes apareceu e, quando assim foi, não se revelou com a eficácia desejada.

O ataque à defesa homem-a-homem ou à defesa zona apresenta várias condicionantes, condicionantes essas que se vieram a verificar relativamente às diferentes equipas.

Portugal, ao defrontar em cerca de 88,5% das suas acções ofensivas defesa individual, apresentando valores muito semelhantes aos EUA, com 85,0%, contrariamente à Espanha e à Croácia, com 68,3% e 61,9%, respectivamente, enfrentou algumas dificuldades ao nível dos aspectos ofensivos, fruto de uma grande agressividade imposta pelas equipas adversárias, conjuntamente com um maior poderio físico.

Estes aspectos estão bem patentes ao nível da eficácia do lançamento, assim como, em termos de TO realizados contra defesa individual (11,1% das acções) ou contra defesa zona (5,0% das acções), verificando-se uma maior eficácia no AP contra defesa homem-a-homem, confirmando-se a nossa terceira hipótese específica.

Quanto ao tempo de duração das acções ofensivas (consoante o tipo de defesa), verificaram-se algumas diferenças na equipa portuguesa: se relativamente à defesa individual o intervalo de duração mais frequente para todas as equipas foi o compreendido entre os 7 – 12 segundos, em relação ao ataque contra defesa zona Portugal foi a Selecção que mais ataques efectuou no intervalo 1 – 6 segundos (31,6%), ao contrário das Selecções dos EUA e da Croácia, que efectuaram os seus ataques mais frequentemente no intervalo 7 – 12 segundos; em contrapartida, a Espanha apresentou o seu valor mais elevado para o intervalo 13 – 18 segundos, assim como Portugal, que apresentou um valor igual ao verificado para o 1º intervalo (1 – 6 segundos – 31,6%). Estes dados poderão indiciar uma precipitação na tentativa de lançamento ao cesto, por parte de Portugal, pois, apesar dos valores serem semelhantes para os primeiros 12 segundos (Portugal – 52,7%; Espanha – 48,1%; EUA – 61,6%, e Croácia – 50,9%), a sua distribuição é diferente, justificando-se uma grande frequência no intervalo 13 – 18 segundos (31,6%) pelas tentativas de 2º lançamento após Rof.

De qualquer forma, o ataque a defesas zona resulta num aumento da duração das acções ofensivas na Selecção Portuguesa, relativamente ao ataque contra defesas homem-a-homem, contrariando a nossa segunda hipótese específica, evidenciando talvez uma maior preocupação em assegurar a posse de bola, devido ao receio de falhar (precipitação ao nível do lançamento) e/ou eventualmente uma tentativa de impor e controlar o ritmo de jogo. De acordo com Block (1977) “Controlar o jogo tem de ser um segredo e uma arma importante contra equipas de capacidade superior”.

As formas de acção ofensiva mais utilizadas por Portugal e a Croácia foram o 2x2 (40,4% e 50,0%, respectivamente), seguidas do 1x1 (37,2% e 34,6%, respectivamente) e, por fim, do 3x3 (22,4% e 15,4%, respectivamente) de acordo com os dados apresentados por Cruz (1998).

Relativamente à Espanha e aos EUA, primeiros classificados, estas duas Selecções utilizaram mais frequentemente as acções de 1x1 (54,2% e 54,3%, respectivamente), seguidas do 2x2 (35,4% e 33,1%, respectivamente) e por fim do 3x3 com uma baixa frequência (10,4% e 12,6%, respectivamente), corroborando os resultados apresentados por Hagedorn et al. (1984), Barata (1993) e Oliveira (1993), que referem o 1x1 como a forma de acção mais procurada e utilizada pelas equipas vencedoras.

5.3.3.1. Zonas de Finalização e sua Taxa de Sucesso no AP

Apesar das equipas utilizarem todas as zonas de lançamento, acabaram por demonstrar uma tendência para a realização dos lançamentos em zonas o mais próximo possível do cesto (Z8 e Z9), verificando-se ser a zona Z8 a mais frequente (valor absoluto), indicando uma evidência clara na tentativa das equipas finalizarem “debaixo” do cesto, acabando por outros estudos evidenciarem os mesmos resultados (Mikes, 1987; Oliveira, 1993), indo também de encontro à nossa quarta hipótese específica. No entanto, é na zona Z6 que os valores se apresentam mais significativos, com $p < 0,05$ entre as Selecções de Espanha e da Croácia.

Portugal acabou por apresentar uma distribuição igual para as zonas mais próximas do cesto (Z8 - 33 lançamentos e Z9 - 33 lançamentos), acabando mesmo por ser a equipa a efectuar em valores absolutos mais lançamentos das zonas Z1 (20), zona Z2 (19), zona Z5 (22) e zona Z7 (12). Estes valores acabam por reflectir a dificuldade referida por diversos autores na nossa capacidade de jogo interior (Gonçalves, 1989; Heger, 1996), acabando por ser os jogadores exteriores (bases e extremos) a contribuir sobremaneira na concretização de pontos em termos de AP, apesar de efectuarem lançamentos de zonas mais distantes ao cesto e com ângulos menos favoráveis. Quanto mais perto do cesto, menor a probabilidade do erro e mais fácil a execução de um lançamento (a três metros de distância é mais provável o êxito na conversão de pontos do que a seis metros) (Warren e Chaman, 1992 citados por Gomes, 2001).

A este respeito, Gonçalves (1989) refere que "É nos chamados homens altos que os »bicos-de-obra« surgem. Bem ou mal, conseguimos apresentar bases que não desmerecem no confronto com os seus pares estrangeiros da mesma idade...", reflectindo-se esta idéia na percentagem total de pontos da equipa atribuída aos jogadores mais altos, que acaba por ser muito reduzida quer no compto geral quer em comparação às restantes Selecções.

Comparativamente com as restantes equipas, apenas a Croácia se assemelha a Portugal, acabando por apresentar valores inferiores aos da nossa Selecção, com apenas 24 lançamentos da zona Z8 e 33 da zona Z9 (zonas interiores). Este facto pode ser explicado não por dificuldades ao nível do jogo interior (forte poderio físico e técnico bastante superior a Portugal) mas sim por um assumir de responsabilidade ao nível dos lançamentos exteriores, de 2 e 3 pontos, acabando por ser a Selecção com melhor percentagem de Lc em acções de 1x1 (80,75%), fazendo juz da fama de "terríveis" lançadores.

Reportando-nos ainda às zonas de finalização, é de referir que os EUA foram a única Selecção a realizar mais lançamentos perto do cesto (Z8 e Z9 – 79 lançamentos), relativamente às demais zonas (Z1, Z2, Z3, Z4, Z5, Z6 e Z7 – apenas 72 lançamentos). Este facto advém dum jogo muito apoiado nas acções de 1x1, onde o poderio físico e a qualidade técnica ofensiva estão

sempre presentes, permitindo fortes penetrações para o cesto por parte dos seus bases, com lançamento ou assistência, ou, no caso da bola entrar nos jogadores postes, uma forte incidência no jogo interior.

Portugal, ao ser a equipa a realizar menos TO (19%), só sendo suplantado pela Espanha (18,7%), acabou por desperdiçar as diferentes oportunidades de concretização, obtendo uma taxa de eficácia de apenas 33,2% das acções, contrariamente à Espanha, que foi a equipa mais eficaz, com 49,0% de eficácia.

Portugal apresentou uma taxa de sucesso em relação aos Lc inferior quando defrontou defesa individual (31,4%), comparativamente quando defrontou defesa zona (37,5%), apresentando uma relação inversa em relação aos L.L., ao verificar-se uma eficácia superior contra defesa individual (68,1%), relativamente à defesa zona (50,0%).

Relativamente às formas de acção ofensiva e quanto à sua taxa de sucesso, Portugal apresentou melhores resultados nas acções de 3x3 (34,05% de eficácia), assim como Espanha (70,85% de eficácia) e os EUA (52,75% de eficácia), embora os valores destes equipas tivessem sido muito superiores aos de Portugal.

Já em relação às formas de acção do 2x2, que apresentaram a sua maior frequência com 40,4%, Portugal apenas obteve êxito em cerca de 26,65% das mesmas.

A Selecção Nacional apresenta uma taxa de sucesso superior a Espanha nas acções de 1x1 (32,76% contra 30,85%, respectivamente), mas fica muito aquém dos 80,75% de taxa de sucesso da Croácia.

De referir que estes valores (taxa de sucesso das estruturas ofensivas ao nível dos Lc) podem apresentar uma pequena inflação, visto que acabam por ser o somatório da prestação ao nível dos L2p e dos L3p, lançamento este que pode adulterar as diferentes prestações, tendo em conta o seu valor muito mais reduzido comparativamente com o L2p.

Estes resultados podem evidenciar algumas dificuldades sentidas pelos nossos jogadores nas acções de 1x1 e 2x2 (como cortar para o cesto, como utilizar os diferentes tipos de bloqueio, como se desmarcar sem bola, etc.),

demonstrando os problemas já referidos numa “pobreza da bagagem de soluções técnico-táctico em situações de 1x1 e 2x2, resultantes não só de deficientes fundamentos técnicos e de análises erradas do jogo, como por vezes, de domínio incompleto do esquema corporal” (Gonçalves, 1989).

Ora, estas dificuldades, na nossa opinião, e corroborando a opinião de Artur Lima (1996), continuam a verificar-se devido aos deficientes métodos de treino aplicados por muitos de nós, ocupando um tempo excessivo de treino com exercícios analíticos, resultando daí um escasso tempo disponível para realizar mais situações de jogo reduzido (1x1, 2x2 e 3x3) e global (5x5), possibilitando aos nossos jovens ultrapassar as carências que continuam a apresentar na leitura do jogo, e como consequência, na tomada das decisões adequadas a cada momento da sua actuação.

Creemos que relativamente à hipótese geral previamente apresentada, a equipa de Portugal se diferencia das de melhor nível de prática fundamentalmente pela sua fraca taxa de sucesso ao nível da finalização, assim como, pela utilização preferencial das formas de acção do 2x2 no ataque de posição, contrariamente à Espanha e aos EUA que fundamentam as suas acções ofensivas no 1x1.

Quanto à gestão do tempo das diferentes acções ofensivas, Portugal apenas apresentou diferenças significativas para a Espanha no intervalo de duração 4 – 6 segundos em relação ao Ataque Rápido, assim como, em relação às zonas de finalização, apenas se verificaram diferenças estatisticamente significativas com os EUA, relativamente à zona de finalização Z9, em situação de Contra-ataque.

Relativamente à estrutura de jogo ofensivo apresentado (baseado no AP), à gestão do tempo das diferentes acções ou às zonas de finalização, Portugal apresenta várias semelhanças com as equipas melhor classificadas.

Considerações Finais

Tendo em conta o nível de prestação verificado, assim como a classificação final alcançada pela nossa Selecção neste Mundial, corroborámos a opinião de Jorge Araújo, que, já em 1977, preconizava as seguintes idéias, como forma de colmatar as nossas maiores carências: «a concepção errada e simplista que se instalou entre muitos treinadores portugueses de que uma das nossas armas ofensivas deverá ser “o jogarmos depressa”, “o contra-ataque”, “o arriscarmos”, “o não termos medo”, etc., etc., poderá estar em profunda contradição com as carências e debilidades físicas que todos reconhecemos no nosso basquetebol».

O jogo deve fluir segundo índices elevados de velocidade de execução, mas mediante o tipo de oposição encontrada. O acelerar o “tempo” de jogo deve contribuir no sentido da antecipação das situações de jogo, mas sempre com eficácia, mantendo um equilíbrio entre as capacidades técnico-tácticas individuais e colectivas.

Se somos “débeis” fisicamente, necessitamos, enquanto o formos, de optar por processos defensivos e ofensivos “económicos”. Nesse sentido, por vezes necessitaremos assumir o controle e reduzir do ritmo de jogo.

Todos reconhecemos já não só as diferenças existentes a nível da estatura, peso e potência da maioria dos nossos jogadores como também as grandes dificuldades evidenciadas pelos mesmos ao nível da técnica individual ofensiva, normalmente apresentadas pelos nossos jogadores mais altos, factores esses que nos colocam perante problemas de ritmo e de confronto físico para os quais ainda não possuímos argumentos.

Se cometermos um número mínimo de erros (dando, portanto, grande valor à posse de bola), elevarmos as percentagens de conversão de lançamentos de campo e lances-livres dos nossos jogadores em conjunto com uma grande pressão defensiva, poderemos, eventualmente, conseguir diminuir num espaço de tempo relativamente curto o fosso ainda existente entre nós e as restantes potências basquetebolísticas.

Apesar destes pressupostos, é necessário que os clubes possam proporcionar melhores condições aos seus atletas e treinadores, no sentido de não existirem restrições na formação dos mesmos.

Estamos convencidos que, enquanto não existir uma política desportiva, planeada e ajustada em função dos resultados que se pretendem alcançar, as *tais diferenças* continuar-se-ão a verificar e, porventura, a intensificar.

“Ganha a equipa que marcar mais pontos e não aquela que sofrer menos.”
(Gonçalves, 1989)

VI – CONCLUSÕES

VI - CONCLUSÕES

Considerando os propósitos do presente estudo e os resultados obtidos, podemos concluir que:

1) Em relação ao Contra-ataque (CA):

- POR apresenta a sua origem mais frequente após roubo de bola ou intercepções, tendo algumas dificuldades em iniciar o mesmo após cesto sofrido;
- tem a sua origem mais frequente no ressalto defensivo para as restantes equipas;
- mais de 80% das acções realizaram-se até aos 6 segundos para todas as Selecções, tendo POR realizado cerca de 69,2% das suas acções no intervalo 4 – 6 segundos;
- Portugal apresenta diferenças estatisticamente significativas com os EUA relativamente à zona de finalização Z9;

2) Em relação ao Ataque Rápido (AR):

- mais de 80% das acções realizaram-se até aos 9 segundos para todas as Selecções, sendo de realçar os 15,4% da ESP e os 11,5% dos EUA para o intervalo de 1 – 3 segundos, comparativamente com os 4,2% da CROA e apenas os 3,7% de POR.
- quanto ao intervalo de 4 – 6 segundos, verificou-se que foi nele onde POR apresentou a sua maior frequência (48,1%), assim como os EUA (46,2%), verificando-se diferenças estatisticamente significativas para a Espanha;

3) Em relação ao Ataque de Posição (AP):

- a duração apresenta uma grande homogeneidade até aos 12 segundos, com POR, ESP e os EUA a apresentarem um valor de 61,1%, das acções, contrariamente à CROA, com apenas 49,3%;
- é no intervalo de duração de 7 – 12 segundos que todas as equipas apresentam a sua maior frequência (POR – 36,3%; ESP – 36,8%; EUA – 35,0%; e CROA – 31,4%);

- POR (17,8%) é a Selecção que, conjuntamente com a CROA (22,1%), mais vezes utiliza o intervalo de +18 segundos, contrariamente à ESP (11,8%) e aos EUA (13,4%);
 - O ataque de posição de POR contra defesa individual tem uma duração mais breve, relativamente ao ataque de posição contra defesa zona;
 - todas as selecções utilizam preferencialmente o ataque de posição nas suas acções ofensivas (POR – 76,5%; ESP – 76,0%; EUA – 79,7%; CROA – 74,6%);
- 4) POR realizou com a mesma frequência o Contra-ataque e o Ataque-Rápido (11,7%);
- 5) POR e a CROA apresentam uma maior frequência para as acções de 2x2, enquanto que as acções de 1x1 são as mais utilizadas pelos dois primeiros classificados (ESP e EUA), sendo as acções de 3x3 as menos frequentes, apesar de POR ser a Selecção que mais as utiliza (22,4%);
- 6) Nos lançamentos de 2 pontos, POR tem melhor aproveitamento nas acções de 1x1 (40,5%) e 3x3 (33,3%), e menor nas de 2x2 (31,1%). Relativamente aos lançamentos de 3 pontos, regista uma maior eficácia nas acções de 3x3 (34,8%), seguidas das acções de 1x1 (25,0%) e, por último, das de 2x2 (22,2%);
- 7) As áreas de lançamento mais utilizadas por todas as Selecções foram as próximas do cesto (Z8 e Z9) e com percentagens elevadas de concretização no contra-ataque para todas as Selecções, sendo a zona de finalização predominante a Z8. POR foi a Selecção que menos utilizou a Z8 (24,0%);
- 8) POR apresenta, em relação aos L2p contra defesa individual, uma eficácia de 34,7%, superior à apresentada contra defesa zona de apenas 25,0%. Relativamente aos L3p, POR é bastante mais eficaz contra defesa zona (50,0%) do que contra defesa individual (28,1%);
- 9) O desfecho final nos jogos observados foi consequência fundamental de uma contribuição associada das percentagens de

eficácia dos seguintes indicadores: média total de pontos, lançamentos de dois pontos e coeficiente de eficácia ofensiva;

10) POR foi a selecção que menos *turnovers* realizou;

11) POR foi a equipa que mais ressaltos ofensivos conquistou, apesar de ter sido a equipa que menos ressaltos defensivos assegurou;

12) A Selecção Nacional foi a equipa que mais roubos de bola e intercepções efectuou.

Em síntese, podemos concluir que o modelo de jogo ofensivo da Selecção de Portugal que participou no 6º Campeonato de Juniores de 1999 se caracterizou pela utilização preferencial do ataque de posição com uma duração breve (intervalo de 7 a 12 segundos), utilizando mais frequentemente a estrutura táctica do 2x2. Foram os roubos de bola e as intercepções que originaram com mais frequência o contra-ataque. Relativamente à finalização no ataque de posição, a Selecção Portuguesa culminou na sua maioria as acções ofensivas com lançamentos próximos do cesto, não havendo uma diferenciação entre as zonas Z8 e Z9, mas com uma taxa de sucesso bastante fraca (33,2%).

VII – BIBLIOGRAFIA

VII – BIBLIOGRAFIA

- Adelino, J. et al. (1987). Impressões sobre o Campeonato Europeu de Juniores Masculino – Áustria, 1987. O Treinador, 17: 33 – 36.
- Adelino, J. (1987). A importância dos Modelos no Trabalho do Treinador. III Seminário Internacional de Desportos Colectivos. Espinho.
- Adelino, J. (1987). A participação das equipas portuguesas nas competições Europeias de 90/91. O Treinador, 25: 25 – 26.
- Adelino, J. (1991). As coisas simples do Basquetebol. ANTB. Lisboa.
- Araújo, J. (1981). Basquetebol Português: Que Processos Táticos?. Cadernos ANTB1. 1º Volume.
- Araújo, J. (1977). Campeonato da Europa de Basquetebol. (N.P.)
- Araújo, J. (1979). Reflectindo sobre o Basquetebol Português. ANTB, 3 – 4: 1 – 36.
- Araújo, J. (1982). Basquetebol Português e Alta Competição. Ed. Caminho, Lisboa.
- Araújo, J. (1985). Selecção de Talentos Desportivos. Revista Horizonte, vol. I (6): 186 -189.
- Araújo, J. (1992). Basquetebol-Preparação Técnica e Tática. Revista Horizonte, vol. IX (49): I-VIII.
- Araújo, J. (1995). A Selecção em Basquetebol. Seminário Internacional “A Equação da Selecção”. FCDEF, Universidade do Porto.
- Araújo, J. (1995). Manual do treinador do desporto profissional. Campo das Letras. Campo do Desporto. Porto.
- Araújo, J. (1996). Manual de Metodologia e Didáctica – Nível II. Federação Portuguesa de Basquetebol, Escola Nacional de Basquetebol. Lisboa.
- Araújo, J.; Gonçalves, C.; Olímpio, J. (1997). MUNDIAL JÚNIORES 1999. Acção de Formação de Formadores para Níveis I e II. Escola Nacional de Basquetebol. Algarve.
- Araújo, J.; Gonçalves, C.; Olímpio, J. (1997a). Campeonato do mundo de juniores Masculino, 1999 - Projecto especial da FPB. Revista Treinador, 36 Abril: 2 - 7.

- Araújo, J.; Gonçalves, C.; Olímpio, J. (1997b). Campeonato do mundo de juniores Masculino, 1999 - Projecto especial da FPB (II). Revista Treinador, 37 Outubro: 12 - 16.
- Barata, A. (1993). Estudo das Estruturas Tácticas ofensivas de 1x1, 2x2 e 3x3 em juniores masculinos de Basquetebol. Monografia, FCDEF – UP.
- Barreto, H. (1978). Avaliação em Desportos - Observação de um Jogo de Basquetebol. Ludens, vol. 3 (2): 15 – 22.
- Barreto, H. (2001). Ensino do Basquetebol no ambiente do jogo In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 195 – 202. FCDEF – UP.
- Basto, J. (1997). Factores que determinam o desfecho final dos jogos de basquetebol – um estudo univariado em seniores masculinos. Dissertação apresentada à Licenciatura em Educação Física e Desporto. UTAD - Vila Real.
- Beja, E. (1984). Transposição da defesa - um caminho a percorrer: uma proposta metodológica para a iniciação do Basquetebol. Horizonte, vol. I (1), Maio/Junho, I – XII. Dossier Técnico, Lisboa.
- Beja, E. (2002). A Formação de Treinadores de Basquetebol. Seminário Internacional “Formação de Treinadores” E.S.D.R.M.. Federação Portuguesa de Basquetebol, Escola Nacional de Basquetebol. Lisboa.
- Bento, J. (1989). Detecção e fomento de talentos. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 3 (3): 84-93.
- Bompa, T. (1987). La selección de Atletas con talento. Revista de Entrenamiento Deportivo, 2 (I): 46-53, Barcelona.
- Bosc, G. (1985). Contribution a la Recherche et à l’Évaluation des Talents. Education Physique et Sports, 191 : 56 – 62.
- Bosc, G; Poulain, T. (1990). DES CLÉS POUR LE BASKET. Editions VIGOT.
- Brandão, E. (1999). A Performance em Basquetebol. Um Estudo Multivariado no Escalão de Cadetes Masculinos. Estudos, 2: pp 103 – 117.
- Brandão, E. ; Janeira, M. A. (2000). Guia do Basquetebol em Portugal. FCDEF - UP.

Brandão, E. ; Janeira, M. A.; Sampaio, J.; Tavares, F.; Pinto, D. (2000). O Poder dos Indicadores Técnico-tácticos na Discriminação do Sucesso em Basquetebol. Um estudo no Campeonato do Mundo de Juniores Masculinos (Portugal '99) In: 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Desporto, Educação & Saúde, Livro De Resumos, pag. 106. FMH – UTL.

Brandão, E. (2001). As habilidades técnicas e a *performance* em jovens basquetebolistas In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 76 – 89. FCDEF – UP.

Carvalho, A. (1981). Problemática da Detecção e Selecção de Talentos Desportivos In: I Jornadas de Informação Científica Desportiva, IND, Lisboa.

Carvalho, R. (1998). O acesso dos treinadores à informação. Revista Treino Desportivo, Ano I (3): 19 – 22.

Castelo, J. (1992). Conceptualização de um modelo técnico-táctico do jogo de futebol. Identificação das grandes tendências evolutivas do jogo das equipas de rendimento superior. Tese de Doutoramento. FMH – UTL, Lisboa.

Castelo, J. (1993). Os princípios do jogo de futebol. Ludens, vol. 13 (1): 47 – 60.

Colli, R.; Faina, M. (1987). Investigación Sobre el Rendimiento en Basket. Revista de Entrenamiento Deportivo, 1 (10): 3 –10. Marzo – Abril.

Comas, M. (1991). Baloncesto. Más que un juego. Ataque I construcción de un ataque contra zona. Gymnos. Madrid.

Comas, M. (1991). Baloncesto. Más que un juego. Fundamentos II. Gymnos. Madrid.

Comas, M. (1991). Baloncesto. Más que un juego. Estadísticas y su utilidad. Gymnos. Madrid.

Cruz, J. (1998). As Acções Ofensivas desenvolvidas no Jogo de Basquetebol no Escalão de Cadetes – Estudo descritivo e Comparativo da estrutura ofensiva das Selecções Nacionais de Cadetes Masculinos da Croácia, Portugal e Finlândia. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.

- Cruz, J.; Tavares, F. (1998). Notational analysis of the offensive patterns in cadets basketball teams In: Mike Hughes and Fernando Tavares (eds.), Notational Analysis of Sport – IV World Congress, pp. 112 – 119. FCDEF – UP, Porto.
- Dufour, W. (1989). Les techniques d'observation du comportement moteur. E.P.S., 217 : 68 – 73.
- Garganta, J. (1997). Modelação táctica do jogo de Futebol. Estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Tese de Doutoramento. FCDEF – UP.
- Garganta, J. (1998). Analisar o jogo nos jogos desportivos colectivos. Horizonte, vol. XIV (83): 7 - 14.
- Garganta, J. (1998). Para uma Teoria dos Jogos Desportivos Colectivos In: Graça, A.; Oliveira, J. (eds.), O Ensino dos Jogos Desportivos, pp. 11 – 25. FCDEF – UP.
- Garganta, J., Oliveira, J. (1996). Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos In: Oliveira, J. e Tavares, F. (eds.), Estratégia e Tática nos Jogos Desportivos Colectivos, pp. 7 – 23.
- Garganta, J. (1999). A Análise do Jogo em Futebol. Percurso evolutivo e tendências. Estudos, 2: pp. 14 – 40.
- Garganta, J. (2000). O Treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos In: Júlio Garganta, Editor, Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos, pp. 51 – 61. CEJD – FCDEF – UP.
- Gimbel, B. (1976). Problemátique et moyen de la détection des talents en sport. Leistungssport, RFA, 6 (3):159 - 167.
- Gomes, N. (2000). A Organização Ofensiva e o Sucesso em Basquetebol. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.
- Gonçalves, C. (1980). Balanço Global do “Eurojunior – 80”. ANTB, 7: 7 – 9.
- Gonçalves, C. (1989). Problemas de formação dos jogadores – notas sobre o ensino do ataque. O Treinador, 23, Dezembro, 4 – 9, Lisboa.
- Gonçalves, C. (2001). Treinador de jovens parte do problema ou parte da solução? Treino Desportivo, Especial (4), Novembro, 4 – 9.

- Graça, A. (1991). A situação de 1 contra 1 no Jogo de Basquetebol. Relatório apresentado às Provas de APCC. FCDEF – UP.
- Graça, A.; Tavares, F.; Oliveira, J. e Janeira, M. A. (1991). Perspectiva integrada e progressiva de formação de jogadores em Basquetebol In: J. Bento e A. Marques (eds.), As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva, vol. II, pp. 8 – 20. FCDEF – UP.
- Grosgeorge, B. (1990). Observation et Entrainement En Sports Collectifs. INSEP Publications, Paris.
- Grosgeorge, B.; Dupuis, P. e Vérez, B. (1991). Acquisition et analyse des déplacements en sports collectifs. Science et Motricité, 13 : 27 – 38.
- Hebbelinck, M. (1989). Identificação e desenvolvimento de talentos no esporte: relatos cineantropométricos. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 4 (1) 46-62.
- Herr, L. (1980). Le Basket-Ball. Evolution – technique-pédagogie. Editions Bornemann, Paris.
- Ibanez-Godoy, S.; Ferreira, A. P.; Barreto, H. (2000). Da Taxonomia ao Valor Educativo do Basquetebol In: 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Desporto, Educação & Saúde, Livro De Resumos, pag. 188. FMH – UTL.
- Janeira, M. A. (1988). A transição defesa-ataque no jogo de Basquetebol de jovens praticantes: sua importância metodológica para a compreensão do jogo. Dissertação apresentada às Provas de APCC, FCDEF – UP.
- Janeira, M. A. (1999). A Análise de Tempo e Movimento no Basquetebol. Perspectivas. Estudos, 2: pp. 53 – 68.
- Janeira, M. A.; Mendes, L. (1998). Basketball performance – multivariate study in Portuguese professional basketball male teams In: Mike Hughes and Fernando Tavares (eds.), Notational Analysis of Sport IV, pp. 103 – 111. CEJD - FCDEF – UP.
- Janeira, M. A.; Brandão, E; Sampaio, J.; Monteiro, L. (2000). O Poder dos Indicadores Técnico-táticos na Discriminação de Atletas de Diferentes Nacionalidades. Um estudo com Basquetebolistas de Alto Nível In: 8º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua

Portuguesa. Desporto, Educação & Saúde, Livro De Resumos, pag. 120. FMH – UTL.

Laroche, J.-Y.; Pion, I. (1995). Des grilles comportementales aux indices chiffrés. Une Approche Critique. EPS, 252 : 35 – 37.

Lima, A. (1996). A Participação Internacional das Selecções Nacionais. O Treinador, Abril: 39 – 49.

Lima, T. (1986). Resultados, precisam-se. O Treinador, 17: 3 – 4.

Lima, T. (1988). Não hesite, faça o contra-ataque In Basquetebol, *Textos Técnicos Desporto e Sociedade – antologia de textos (79)*, DGD. Lisboa, Portugal.

Maia, A. (1994). Selecção Natural e Selecção em Desporto: Analogias a Partir do Paradigma Darwinian. Revista Horizonte, 60: 235-237.

Marques, A. (1990). A Promoção de Talentos Desportivos na ex-RDA. Acabou-se a mais Poderosa Fábrica de Campeões do Mundo?. Treino Desportivo, IIª Série, 18: 12-18, Lisboa.

Marques, A. (1991). Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos em Portugal In: Bento, J.; Marques, A. (eds), As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva (vol. I). Desporto na escola. Desporto de Reeducação e Reabilitação. FCDEF, Universidade do Porto.

Marques, A. (1991). Da Importância das Fases Iniciais de Escolaridade na Detecção e Selecção de Talentos Desportivos em Portugal. Bento, J.; Marques, A. (eds) in As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva (vol. II). Desporto de Rendimento. Desporto de Recreação e Tempos Livres. FCDEF, Universidade do Porto.

Marques, A. (1993). Bases para a estruturação de um modelo de detecção e selecção de talentos Desportivos em Portugal. Espaço, vol. 1, nº 1: 47-58, FCDEF, Universidade do Porto.

Marques, A.; Oliveira, J. (2002). O treino e a competição dos mais jovens: rendimento versus saúde In: Barbanti, V. et al. (eds.), *Esporte e Actividade Física*, pp. 51 – 78. Manole, Brazil.

Marques, F. (1990). A definição de critérios de eficácia em desportos colectivos. Dissertação apresentada às Provas de APCC. FMH – UTL.

- Matos, J. C. (1993). Contributo para a Selecção de Jogadores de Basquetebol no intervalo etário 12-13 anos. Monografia apresentada no âmbito da cadeira de Seminário. FCDEF - UP.
- Mikes, J. (1987). A computer breakdown of percentage basketball. Scholastic Coach, 55, 4.
- Moreno, J. (1988). Diferentes perspectivas de análisis de la acción de juego en los deportes de equipo. Revista de Entrenamiento Deportivo, Vol. II, 5: 5 – 6.
- Moreno, J. (1988a). Metodologia de la observacion de la accion de juego en los deportes de equipo In: III Congresso Galego da Educacion Física e do Deporte – Metodologia e didáctica de la actividade física. INEF da Galicia, Escola Galega do Deporte, Bastiagueiro (*).
- Olímpio, J. (1998). A actividade dos jovens num centro de treino. Revista Treino de Jovens, I (3ª ed.): 71 – 73.
- Oliveira, J. (1993). A estrutura do treino e a sua relação com a eficácia na competição. Estudo comparativo das estruturas ofensivas de 1x1 e 2x2 em iniciados masculinos de basquetebol. Dissertação apresentada às Provas de APCC. FCDEF – UP.
- Oliveira, J.; Graça, A. (1998). O Ensino do Basquetebol In: Graça, A.; Oliveira, J. (eds.), O Ensino dos Jogos Desportivos, (3ª Edição) pp. 61 – 94. FCDEF – UP.
- Oliveira, J. C. (1999). Parâmetros configuradores da estrutura do Basquetebol: Perspectiva de cooperação/oposição. Estudos, 2: pp. 78 – 89.
- Oliveira, J. C. (2002). O Ensino do Basquetebol. Gerir o Presente. Ganhar o Futuro. Caminho. Lisboa.
- Pinto, D. (1995). Indicadores de Performance em Basquetebol – Estudo descritivo e preditivo em cadetes masculinos. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.
- Pinto, D. (2001). Concepções dos treinadores acerca da hierarquia dos indicadores da *performance* em Basquetebol In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 203 – 211. FCDEF – UP.

- Pruden, V. (1987). A conceptual approach to basketball. Leisure Press. Champaign, Illinois, USA:
- Ramos, S. (1998). Treino integrado – Necessidade ou redundância. Revista Treino Desportivo, Edição Especial – Ano I (3ª ed.) - Outubro: 49 - 54.
- Ramos, V. (1999). A SELECÇÃO DE JOVENS BASQUETEBOLISTAS NO BRASIL – Um estudo a partir do entendimento dos treinadores. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.
- Rodrigues, J. A. (2001). A capacidade de decisão táctica e o conhecimento do jogo em jogadores Juniores de Basquetebol In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 227 – 234. FCDEF – UP.
- Salgueiro, J. (1996). A preparação da Selecção Nacional de Juniores Masculinos – 1996. O Treinador, Outubro: 33 – 42.
- Sampaio, A. (1997). O Sucesso em Basquetebol. Estudo centrado nos indicadores da performance do jogo. Dissertação apresentada às Provas de APCC, UTAD, Vila Real.
- Sampaio, J.; Janeira, M. A. (1999). Análise do jogo em Basquetebol. Um estudo comparativo entre a LPB e a ACB In: F. Tavares (eds.), Estudos CEJD 2: Estudo Dos Jogos Desportivos. Concepções, Metodologias E Instrumentos, pp. 118 – 123. FCDEF – UP.
- Sampaio, A. J. (2000). O Poder Discriminatório das Estatísticas do Jogo e Basquetebol em Diferentes Contextos – Novos caminhos metodológicos de análise. Tese de Doutoramento. UTAD, Vila Real.
- Sampaio, A. J. (2001). Análise do jogo em Basquetebol – estudos e perspectivas In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 16 – 30. FCDEF – UP.
- Santos, S. (2001). MODELO DE JOGO OFENSIVO NO POLO AQUÁTICO FEMININO DE ÉLITE – Caracterização da organização do processo ofensivo das Selecções femininas de elite no Campeonato Europeu de Sevilha - 1997. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.

- Silva, M. J. C. (1995). Seleção de Jovens Basquetebolistas - Estudo univariado e multivariado no escalão etário dos 12 aos 14 anos. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.
- Silva, M. J. C. (1999). Treino Desportivo com crianças e jovens. Treino Desportivo, Especial 2: 2 – 11.
- Silva, P. (2001). Do jogo idealizado pelo treinador ao observado – que congruências In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 31 – 41. FCDEF – UP.
- Simões, L. M. (1998). A selecção em Futebol. Um Estudo em Escalões de Formação a Partir do Entendimento de Treinadores e Seleccionadores. Tese de Mestrado. FCDEF, Universidade do Porto.
- Tavares, F. (1993). A capacidade de decisão táctica no jogador de Basquetebol: estudo comparativo dos processos perceptivo-cognitivos em atletas seniores e cadetes. Tese de Doutoramento. FCDEF – UP.
- Tavares, F. (1996). A Investigação Da Componente Táctica Nos Jogos Desportivos – Conceitos e Ilustrações. Actas das II Jornadas do CEJD. FCDEF – UP.
- Tavares, F.; Oliveira, J. (1996). Estratégia e Táctica nos Jogos Desportivos Colectivos In: Fernando Tavares e José Oliveira (eds.), pp. 7 – 13 CEJD. FCDEF – UP, Porto.
- Tavares, F. (1998). O Processamento da Informação nos jogos Desportivos In: Graça, A. e Oliveira, J. (eds.), O Ensino dos Jogos Desportivos, (3ª Edição) pp. 35 – 46. CEJD – FCDEF – UP.
- Tavares, F. (1999). A Investigação da Componente Táctica nos Jogos Desportivos. Conceitos e Ilustrações. Estudos, 2, 7 – 13.
- Tavares, F. (2001). Sistematização de estudos sobre observação e análise do jogo em Basquetebol In: Tavares, F.; Janeira, M. A.; Graça, A.; Pinto, D. E. e Brandão, E. (eds.), Tendências actuais da investigação em Basquetebol – actas do seminário «estudos universitários em basquetebol», pp. 9 – 15. FCDEF – UP.

Tavares, F.; Cruz, J. (2002). Análise do Modelo de Jogo Ofensivo da Selecção de Portugal de Basquetebol de Cadetes Masculinos, Estudos, 3: 47 - 58.

Tschiene, P. (1986). Problemas Actuais da Selecção de Talentos nos Jogos Desportivos. Material de apoio ao 2º Seminário Internacional de Desportos Colectivos. Espinho.

Turcoliver, D. (1990). The Floor Percentage Paradox. Journal Of Basketball Studies ([Http:// Cmr. Sph. Unc. Edu- Deano – Bball – Index. Html](http://Cmr.Sph.Unc.Edu-Deano-Bball-Index.Html))*.

Turcoliver, D. (1991). New Measurement Techniques And A Binomial Model Of The Game Of Basketball. Journal Of Basketball Studies ([Http:// Cmr. Sph. Unc. Edu - Deano – Bball – Index. Html](http://Cmr.Sph.Unc.Edu-Deano-Bball-Index.Html))*.

Wooden, J. R. (1988). PRATICAL MODERN BASKETBALL - Third Edition MaCmillan Publishing Company. New York, USA:

* - Consulta Indirecta

VIII – ANEXOS

Anexo 1.

Ficha de observação do Jogo: _____ - _____ - _____
 1ª Parte: Resultado: _____ 2ª Parte: Resultado: _____
 Data: _____

Seq.	Acsof.	Rdef.	Rof.	TO	Rb/Int.	Des. lanç.	R.l.fin.	R.l.lat.	L.L. Tent.	L.L. Conv.	L2p Tent.	L2p Conv.	L3p Tent.	L3p Conv.
AP HxH														
1x1														
2x2														
3x3														
Duraç.	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP	AP

Ficha de observação do Jogo: _____ - _____ - _____
 1ª Parte: Resultado: _____ 2ª Parte: Resultado: _____

Anexo 2.

Anexo 3.

Anexo 4.

Anexo 5.

